



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO – FAALC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS – PPGE**

IRENE AUXILIADORA ALVAREZ GIMENES

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NO
MUNICÍPIO FRONTEIRIÇO DE PORTO MURTINHO/MS**

**Campo Grande – MS
2023**

IRENE AUXILIADORA ALVAREZ GIMENES

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NO
MUNICÍPIO FRONTEIRIÇO DE PORTO MURTINHO/MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos de Linguagens da Faculdade de Artes, Letras
e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso
do Sul.

Área de concentração: Linguística e Semiótica
Linha de Pesquisa: Linguagens, Identidades e Ensino
Orientador: Prof. Dr. Rosivaldo Gomes.

Campo Grande – MS

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

IRENE AUXILIADORA ALVAREZ GIMENES

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NO
MUNICÍPIO FRONTEIRIÇO DE PORTO MURTINHO/MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos de Linguagens da Faculdade de Artes, Letras
e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso
do Sul.

Área de concentração: Linguística e Semiótica
Linha de Pesquisa: Linguagens, Identidades e Ensino
Orientador: Prof. Dr. Rosivaldo Gomes.

Campo Grande, MS, 22 de setembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rosivaldo Gomes (Presidente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof.^a Dr.^a Daniela Sayuri Kawamoto Kanashiro (Membro titular)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof.^a Dr.^a Livia Márcia Tiba Rádis Baptista (Membro titular)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof.^a Dr.^a Elaine de Moraes Santos (Suplente interna)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Carlos Cernadas Carrera (Suplente externo)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Campo Grande – MS

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os profissionais que, comprometidos com sua vocação perante o exercício da docência, não deixam de acreditar que podemos mudar a nossa realidade a partir de pequenas inquietações, quando as dificuldades se repetem. Em especial, quando se trata de atitudes que devemos tomar perante a situações que insistem em universalizar determinando modelos pré-estabelecidos, como é o caso do ensino de línguas, campo a que essa pesquisa se volta.

As inquietações perante as quais me posiciono direcionam-me em busca de respostas sobre determinados contextos, para, de fato, entender como se dão as decisões políticas, tanto quanto se levam em consideração ou não os reais interesses e necessidades de uma comunidade. Também me preocupo se, de tal modo, estamos representados ou, ainda, se nos fazemos representar, partindo do papel que ocupamos no meio em que estamos inseridos.

Diante desta realidade, revozeio Moscovici (2009) sobre as representações que são criadas pelos indivíduos de maneira isolada, mas que, com grande influência dos sistemas de valores, pensamentos e práticas sociais e uma rede de significados já existentes, são capazes de intervir na realidade, em nossa vida cotidiana e em nossas relações uns com os outros, fazendo emergir novas outras realidades.

Que possamos refletir sobre as verdades que cremos e defendemos como representações sociais, que partem, sim, do senso comum. Que sejamos presença para sermos valorizados a partir da consciência coletiva, mas que demanda posicionamentos de cada um de nós.

.

AGRADECIMENTOS

Dirijo meus primeiros sentimentos de gratidão àquele que tornou possível minha existência nesse mundo, Deus, que me mantém, pela fé e pelas bênçãos que recebo e que melhor me conduzem por caminhos que escolho trilhar, diariamente.

Em especial, à minha família, tendo como maior referência meu pai, Sixto Daniel Alvarez Andino (*in memoriam*), homem honesto, trabalhador e dedicado à sua família. À minha mãe, Estelvina, que é uma das minhas maiores inspiradoras a pensar na importância de entender a segunda língua ofertada na escola como uma questão reconhecimento identitário de cada ser humano, que merece ser respeitado a partir de suas verdades, cultura, crença e modos de falar, de ser e de vestir. Todos merecem ser enxergados como são e não sofrer qualquer tipo de discriminação por isso. Aos meus irmãos Virgílio Daniel (*in memoriam*), Cintya, Irma, Everson, Osmar, Thiago e Damiele. O que aprendemos com nossa mãe foi essencial para que não nos esqueçamos de nossas verdades e acreditemos em uma sociedade melhor a partir de nossas ações e decisões. Por isso, toda gratidão a quem me deu a vida e me mostra melhores formas de viver e poder ser, um dia, fonte de inspiração, assim como ela é para mim.

Ao meu amado filho, Diego, a quem, muitas vezes, minha presença foi limitada, porque tive que me dedicar aos estudos, mas de quem sempre tive todo carinho e apoio por querer ver pronto “o livro da minha mãe”.

Além disso, nesse percurso que escolhi percorrer, pessoas extraordinárias surgiram como presentes de Deus amparam-me, deram-me condições de seguir em frente e alcançar meus objetivos e proporcionaram-me aprendizados tanto para a etapa acadêmica, quanto para a vida.

Ao meu orientador, Professor Doutor Rosivaldo Gomes, que acreditou no meu projeto, incentivou-me e me deu muito apoio. Sua paciência, humildade e tranquilidade diante das minhas dificuldades; seu olhar sobre minhas potencialidades me fez dar o meu melhor nas piores fases e com isso aprendi que o mais importante é não parar e não deixar de acreditar.

Às Professoras Doutoras Daniela Sayuri Kawamoto Kanashiro, Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista, que fizeram parte como membros da banca, por contribuírem significativamente para a progressão do diálogo acerca da temática que ambas defendem bonitamente e que são grandes inspiradoras.

Às e Aos que acompanham minha evolução acadêmica, Professoras Doutoras Elaine de Moraes Santos, Suzana Vinicia Mancilla Barreda, Patrícia Graciela da Rocha e Professores

Doutores Geraldo Vicente, Edgar César Nolasco e Wellington Furtado Ramos, por terem feito a diferença nessa trajetória e me inspirem a fazer o possível, independente das circunstâncias, e não desistir daquilo que acredito e que me move a questionar circunstâncias em que as verdades absolutas me provocam.

Às pessoas que, também, muito cooperaram com meu processo de formação pessoal, acadêmica e profissional como referências intelectuais: Nádía Simone Damian Maneck Delevatti, Derlei João Delevatti, Carlos Alberto Heyn e Regina Heyn.

Às irmãs que encontrei nesta vida e que chamo de amigas, Bernardina Fátima Antunes de Freitas e Rosana Delvalle, nas quais encontro apoio, incentivo e cumplicidade. Agradeço por compartilharem comigo os melhores e os piores momentos, além de tantas emoções, estresses, frustrações, descobertas e aprendizados. Graças a elas, ficou bem mais tolerável a caminhada.

À Iasmin Maia Pedro e às meninas do Laboratório de Revisão de Textos Acadêmico-Científicos (Labrev), que trabalham sob a orientação da grande Professora Doutora Elaine de Moraes Santos, representadas, aqui, pela Amanda da Silva Duarte, minha gratidão pelas orientações e pelo olhar que sempre lapidou meus manuscritos.

Aos colegas de trabalho, que também cativo como amigos: professores; meu diretor, professor Manoel; diretora-adjunta Suely De Oliveira Carvalho; Doracy Mallorquin da Silva; e Ana Lúcia Furlan. Deles, tive muito incentivo, apoio e compreensão, pois acompanharam cada lágrima de desespero e suspiro de alívio nas etapas que hoje são histórias e aprendizados.

Aos participantes do estudo, por acreditarem na minha pesquisa e colaborarem dialogando a respeito do assunto: a professora Zunilda Lopes; os/as alunos/as Isidoro, Maria Eugênia, Wanessa, Rayane e Kátia; o diretor; Roseli; e os meus colegas de espanhol, professor Edson Belmont e Paula Mongelos.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na qual tive acesso e onde me foram dadas inúmeras oportunidades de melhorar minha prática professoral. A todos, meus sinceros agradecimentos por deixarem uma parte de suas histórias na minha.

Mis 'sueños despiertos' se refieren a cambios. Cambios de pensamiento, cambios de realidad, cambios de género: una persona se metamorfosea en otra en un mundo donde la gente vuela por el aire, se cura de heridas mortales. Estoy bromeando con él yo soy yo mismo, estoy jugando con el alma del mundo, soy el diálogo entre mi yo y El Espíritu del Mundo. Me cambio a mí mismo, cambio el mundo (Anzaldúa, 2016).

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo geral investigar representações sociais (RS) sobre o ensino de espanhol como segunda língua no contexto educacional do município de Porto Murtinho. Como objetivos específicos, busquei: (i) apresentar um arcabouço teórico sobre os estudos decoloniais e relacioná-los com o ensino de espanhol e (ii) analisar, pela perspectiva da abordagem discursiva, representações sociais de atores sociais – professores/as, alunos/as e gestores/as – sobre o ensino do espanhol diante do que propõe a nova reforma do ensino médio a nível nacional e seus impactos a nível local, neste caso no contexto social e fronteiriço do município de Porto Murtinho – MS. Para fundamentação teórico-metodológica foram considerados, as teorias decoloniais (Cadilhe, 2020; Grosfoguel, 2007; Torres, 2007, 2019; Mignolo, 2018, 2005; Quijano, 2013; Walsh, 2013) e os estudos sobre representações sociais (Moscovici, 1976) a partir de uma abordagem/releitura discursiva (Costa; Irineu, 2014; Irineu, 2019; Irineu *et al.*, 2021). A pesquisa configura-se como um estudo responsivo que busca atender a uma demanda social e foi desenvolvida a partir da abordagem qualitativo-interpretativa de dados empíricos com a aplicação de entrevista de explicitação (Vermech, 2020) como técnica de geração dos dados. O corpus da pesquisa foi gerado e constituído por material discursivo, configurados como segmentos de tratamentos temáticos (Bulea, 2010) aplicação das entrevistas realizadas com professores/as, alunos/as e gestores/as de escolas de Porto Murtinho – MS. Os resultados das análises discursivas mostram que uma das principais problemáticas sentida é a inexistência de políticas educacionais pensadas para atender a realidade plurilinguística do município. Sendo isto um fator determinante para a desvalorização da língua que os atores sociais afirmam ser importante por constituí-los como sujeitos fronteiriços; o fato de a Rota Bioceânica se estabelecer aumentando o fluxo de pessoas, os instiga a olhar de maneira mais cuidadosa ao conhecimento desta como segunda língua.

Palavras-chave: Práticas discursivas; Estudos decoloniais; Sujeitos fronteiriços.

RESUMEN

El objetivo general de este estudio es investigar las representaciones sociales (RS) sobre la enseñanza del español como segunda lengua en el contexto educativo de la ciudad de Porto Murinho. Como objetivos específicos busqué (i) presentar un marco teórico sobre los estudios decoloniales y relacionarlos con la enseñanza del español y (ii) analizar, desde la perspectiva del enfoque discursivo, representaciones sociales de los actores sociales –profesores, estudiantes y director de escuela- sobre la enseñanza del español frente a lo que propone la nueva reforma de la educación secundaria a nivel nacional y sus impactos a nivel local, en este caso en el contexto social y fronterizo de la ciudad de Porto Murinho-MS. Para la fundamentación teórico-metodológica, se consideraron las teorías decoloniales (Mignolo, 2018; 2005; Quijano, 2013; Walsh, 2013; Cadilhe, 2020; Grosfoguel, 2007; Maldonado-Torres, 2007, 2019) y estudios sobre las representaciones sociales (Moscovici, 1976) desde una aproximación/relectura discursiva (Costa; Irineu, 2014; Irineu, 2019; Irineu *et al.*, 2021). La investigación se configura como un estudio receptivo que busca satisfacer una demanda social y se desarrolló desde el enfoque cualitativo-interpretativo de datos empíricos con la aplicación de una entrevista explícita (Vermech, 2020) como técnica de generación de datos. El corpus de investigación fue generado y constituido por material discursivo, configurado como segmentos de tratamientos temáticos (Bulea, 2010) aplicación de entrevistas con profesores, estudiantes y director de escuela en Porto Murinho – MS. Los resultados de los análisis discursivos muestran que uno de los principales problemas sentidos es la inexistencia de políticas educativas planteadas para atender la realidad plurilingüe del municipio. Siendo esto un factor determinante para la desvalorización de la lengua que los actores sociales afirman que es importante para constituirlos como sujetos fronterizos; El hecho de que se esté estableciendo la Ruta Bioceánica, aumentando el flujo de personas, incita a mirar más detenidamente el conocimiento de esta como segunda lengua.

Palabras clave: Prácticas discursivas; Estudios decoloniales; Sujetos fronterizos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ADC	Análise Crítica do Discurso
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CME	Conselho Municipal de Educação
DCNEM	Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio
ECD	Estudos Críticos do Discurso
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ELC	Educação Linguística Crítica
EM	Ensino Médio
IFMS	Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
LA	Linguística Aplicada
LAC	Linguística Aplicada Crítica
LDB	Lei das Diretrizes e Bases
LE	Língua Espanhola
LI	Língua Inglesa
LG	Língua Guarani
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NEM	Novo Ensino Médio
MS	Mato Grosso do Sul
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
REE	Rede Estadual de Ensino
REME	Rede Municipal de Ensino
SL	Segunda Língua
UAB	Universidade Aberta do Brasil

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Porto Murtinho, às margens do Rio Paraguai

Quadro 1 – Perfil dos sujeitos alunos/as, professores/as e diretor

Quadro 2 – Organização das entrevistas

Quadro 3 – Organização da análise do corpus discursivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – PORTO MURTINHO E SUA CONFIGURAÇÃO CALEIDOSCÓPICA LINGUÍSTICO-CULTURAL

As “experivivências” pessoais e profissionais: motivações para a pesquisa

1 ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA E (DE)COLONIALIDADE: DIÁLOGOS EPISTEMOLÓGICO-TEÓRICOS

1.1 O ensino de Espanhol no contexto da superdiversidade brasileira

1.2 A colonização da América Latina, colonialidade, pensamento decolonial e decolonialidade no ensino e aprendizagem de línguas

1.3 Educação linguística crítica, intercultural e decolonial em espanhol

2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

2.1 Representações sociais

2.1.1 Representações sociais sobre o ensino de espanhol

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS: CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

3.1 A pesquisa qualitativa-interpretativista no campo da Linguística Aplicada

3.2 O contexto da pesquisa e os participantes/colaboradores

3.2.1 Os atores sociais participantes/colaboradores da pesquisa

3.2.2 Os instrumentos de geração de dados e a organização do corpus para análise

3.2.3 Organização do corpus

4 ANÁLISE DOS DADOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE O ENSINO DE ESPANHOL/LE: OS DIZERES DOS ATORES SOCIAIS/COLABORADORES DA PESQUISA

4.1 Temática 1 – Representações dos gestores sobre a oferta de LE: “...é uma política de momento ...”

4.2 Temática 2 – Representações dos atores aprendizes sobre o contato e o ensino da LE: “o certo é a gente falar espanhol, ninguém fala inglês por aqui ...”

4.3 Temática 3 – Representações dos atores professores/as sobre o lugar e a importância do ensino da LE: “a gente lamenta e os alunos questionam o porquê não tem a LE no EM”

4.4 Síntese das representações em foco

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO DA ESCOLA

APÊNDICE B –

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-

CHEFE DA NORMATIZAÇÃO E PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-DIRETOR(A) ESCOLAR

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-PROFESSORA REDE ESTADUAL

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-PROFESSOR NATIVO PARAGUAIO DA REDE MUNICIPAL

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-ALUNOS(AS)

APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA

APÊNDICE H- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 3

APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 4

APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 5

APÊNDICE M- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 6

APÊNDICE N - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 7

APÊNDICE O – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 8

APÊNDICE P – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 9

APÊNDICE Q – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 10

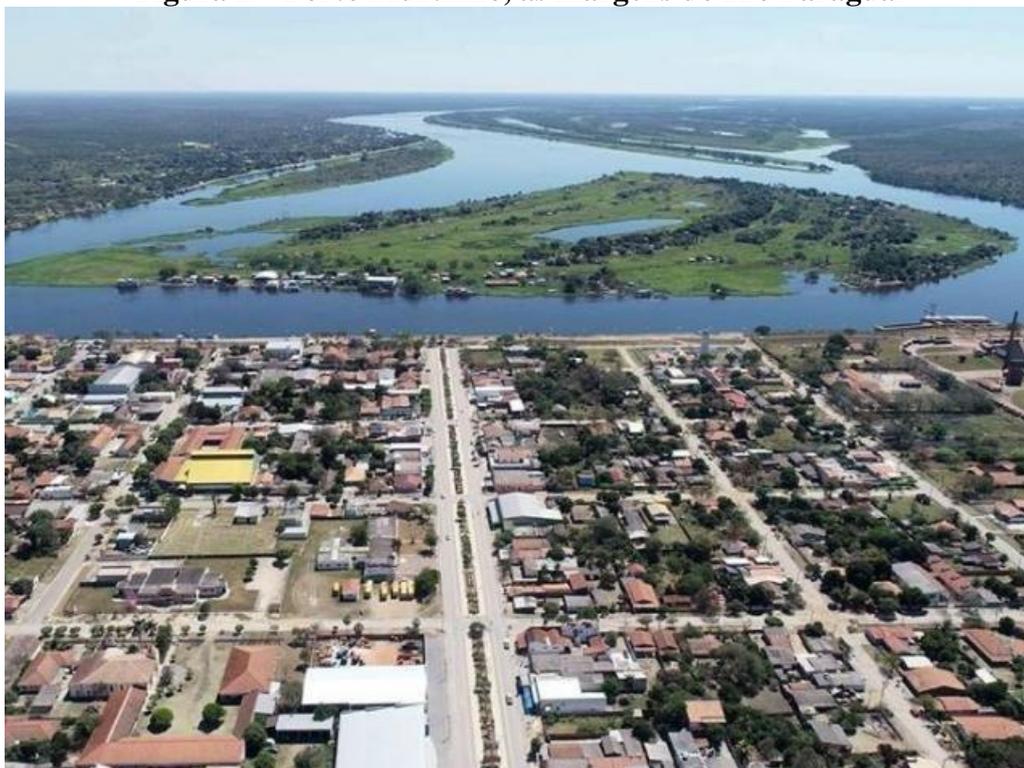
APÊNDICE R- TABELA DOS SINAIS PRESENTES DAS TRANSCRIÇÕES

ANEXO I- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INTRODUÇÃO – PORTO MURTINHO E SUA CONFIGURAÇÃO CALEIDOSCÓPICA LINGUÍSTICO-CULTURAL¹

O município de Porto Murtinho está geograficamente situado à esquerda do Rio Paraguai, aproximadamente 436 km distante da capital do estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. O município faz fronteira com a cidade de Carmelo Peralta (Paraguai), onde está sendo construída uma ponte física internacional Brasil/Paraguai, denominada Rota Bioceânica, Transoceânica ou Corredor Bioceânico (Ferreira, 2019). Por meio dela, será estabelecida uma logística que se desenvolve no fluxo de um corredor rodoviário, ligando o oceano Atlântico ao Pacífico. Parte da configuração da cidade é registrada na imagem a seguir:

Figura 1 – Porto Murtinho, às margens do Rio Paraguai



Fonte: Foto de Toninho Ruiz.

¹ Tomo de empréstimo a metáfora de língua como caleidoscópio, utilizada por César e Cavalcanti (2007, p. 61), que entendem que “[...] o caleidoscópio, sendo feito por diversos pedaços, cores, formas e combinações, é um jogo de (im)possibilidades fortuitas e, ao mesmo tempo, acondicionadas pelo contexto e pelos elementos, um jogo que se explica sempre fugazmente no exato momento em que o objeto é colocado na mira do olho e a mão o movimentada; depois, um instante depois, já é outra coisa. No caleidoscópio formam-se desenhos complexos a partir de movimentos, de combinações. Parece uma imagem feliz para descolar as concepções de língua das concepções de nação e território estabilizadas politicamente e de níveis hierárquicos, num caso e num outro, totalidades que se mantêm como ‘grande narrativa’, justamente por conta de um arcabouço teórico anacrônico”.

Segundo Barat (2007), a rota é um conjunto de infraestruturas, sistemas operacionais e meios logísticos que, integrados, propiciam a continuidade do transporte desde a origem da produção até o seu destino de beneficiamento, transformação ou embarque. Em consonância com essa acepção, Campos e Faria (2020) afirmam que a Rota incorpora o projeto que tem por intuito: estabelecer mecanismos contemporâneos de cooperação estatal na América do Sul, integrando, fisicamente, Brasil, Paraguai, Argentina e Chile; reduzir distâncias entre os oceanos; e viabilizar a importação e exportação de produtos para a Ásia e a Oceania, com custos reduzidos.

Tal logística favorecerá a entrada e a saída de diversos produtos que vêm sendo comercializados e transportados, tanto em trajetos rodoviários, quanto em fluviais e/ou marítimos ao longo dos anos. Especificamente, em se tratando do estado de Mato Grosso do Sul, muito facilitará esse novo percurso devido à localização estratégica em que o município e a região estão situados. Conforme Carlos Alberto Franco França (2022)², Ministro das Relações Exteriores do Brasil na época, projeta-se a exportação de produtos e cargas ao comércio exterior próximo de um exponencial porto do Chile, que se aproxima dos continentes europeu e asiático, e, ainda, a países considerados potências, como China e Japão. A operação projeta uma redução de 30% dos custos de transporte entre Brasil e China.

Em Porto Murtinho, também foi promovido o Seminário Internacional sobre Rota Bioceânica, durante o 1º Festival Internacional do Chamamé. O evento foi pensado enquanto possibilidade de resgate cultural local, interligando-se às demais regiões fronteiriças e vizinhas, a exemplo de Argentina e Paraguai. Além disso, visou enaltecer a importância da integração dos povos por meio do contexto que a ponte proporcionará cada vez mais. Na oportunidade, o professor Lúcio Flávio Joichi Sunakozawa (2022)³, Reitor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e presidente da Aliança Jurídica Internacional da Rota de Integração Latino-americana, destacou que “[...] Murtinho se tornará um grande celeiro de oportunidades emergentes. A Bioceânica é um projeto audacioso que vai muito além do Pacífico: vai acessar as três Américas, alavancando o agronegócio e o turismo”.

Em conjunto com integração física, os diversos povos, culturas e línguas que circundam a região percorrida a partir da rota se aproximarão ainda mais por meio da intensificação do contato entre eles, e isso poderá proporcionar mudanças em aspectos econômicos, sociais, turísticos, culturais, educacionais, entre outros.

² Informação verbal, proferida no evento denominado “1º Fórum de Integração dos Municípios do Corredor Bioceânico”.

³ Informação verbal, proferida no Seminário Internacional sobre Rota Bioceânica, evento ocorrido durante o 1º Festival Internacional do Chamamé, em 2022.

Nesse sentido, Porto Murtinho está diante de um novo ciclo de desenvolvimento local, com a concretização de uma ponte de importância internacional. No mencionado contexto, a Rota Bioceânica – conforme é noticiada – é vista como uma oportunidade de inserção do município no processo de globalização⁴ que se dissemina no mundo. É necessário considerar, entretanto, os diversos espaços oportunizados por meio dos modos de produção e participação dos municípios e a não imposição de determinados modos de pensar, produzir e interagir nessas condições.

Em meio a toda a configuração apresentada no cenário de “integração internacional”, apresenta-se a realidade desafiadora do ensino de línguas, pois, por esse rio, atravessam, diariamente, dezenas de alunos/as para estudar, que falam três ou até quatro idiomas – como a Língua Guarani e a Língua Espanhola, línguas oficiais do Paraguai), o Zamuko, língua falada pelos indígenas de etnia Ayoréu, e a Língua Portuguesa.

Dada a necessidade de se problematizar a não existência ou a efetividade de políticas educacionais voltadas a essa realidade, interrogo: como ficam as relações e questões de língua(gens), culturas identidades (Kumaravadivelu, 2012), tanto quanto o ensino de línguas em tal contexto plurilinguístico? Isso se torna importante tendo em vista que

Porto Murtinho, por ser uma cidade fronteiriça, possui vários idiomas circulando livremente no seu território como o Guarany, o Espanhol, o Português, o Ayoréu, além de outras línguas indígenas faladas nas aldeias nos arredores do município. Ademais, é possível perceber ainda muitas variações linguísticas de outras regiões do país trazidas por pessoas que passam temporariamente pela cidade, como os que vêm através da 2ª Cia. de Fronteira, Marinha do Brasil e os turistas que são atraídos pelo turismo da pesca e passam temporadas na cidade (Anastácio; Rocha, 2020, p. 2).

Considerando a contextualização histórico-social-econômica na qual foram identificadas as línguas que circulam nessa fronteira entre os municípios de Porto Murtinho e Carmelo Peralta, ressalto que também existem as etnias Terena, Kadiwéu e Guarani-Kaiowá⁵, localizadas entre os municípios de Porto Murtinho e Bodoquena. Embora fiquem um pouco mais distantes do cenário apresentado, elas fazem parte da realidade da região do município e

⁴ Por processo de globalização, estamos compreendendo o sentido trazido por Santos (2002, p. 85): “Conjuntos de relações sociais que se traduzem na intensificação das interações transnacionais, sejam elas práticas interestatais, práticas capitalistas globais ou práticas sociais e culturais transnacionais. A desigualdade de poder no interior dessas relações (as trocas desiguais) afirma-se pelo modo como as entidades ou fenômenos dominantes se desvinculam dos seus âmbitos ou espaços e ritmos locais de origem, e, correspondentemente, pelo modo como as entidades ou fenômenos dominados, depois de desintegrados e desestruturados, são vinculados aos seus âmbitos, espaços e ritmos locais de origem”.

⁵ Conforme informações disponíveis em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kinikinau>. Acesso em: 16 de out. 2023.

da constituição de sua história, configurando uma realidade linguística-cultural caleidoscópica.

Ante o exposto, este estudo situa-se no campo da Linguística Aplicada Crítica (Fabrício, 2019; Lopes, 2006; Lopes; Pennycook, 2001, 2006) e apresentam, como temática de pesquisa, representações de atores sociais sobre o ensino da Língua Espanhola como segunda língua no currículo escolar, no contexto educacional do município de Porto Murtinho, tendo em vista a reforma do ensino médio, aprovada em 2017 pela Lei nº 13.415/2017 (Brasil, 2017), e a consequente revogação da Lei nº 11.161/2005 (Brasil, 2005), que garantia e regulamentava o ensino do idioma pelos sistemas de ensino.

As “experivivências” pessoais e profissionais: motivações para a pesquisa

A proposta por um fazer científico interligado à exterioridade fronteiriça, vislumbrada por meio da teoria(ação), tal como propõe Nolasco (2020), bem como um sentir-pensar a partir de minhas “experivivências” pessoais (Oliveira, 2018), relacionam-se, diretamente, com as motivações para a realização deste estudo. Assim, parto de um *lócus* de enunciação (Costa; Grosfoguel, 2010, 2016) que configura o meu lugar/corpo fronteiriço (Nolasco, 2019) de descendente de paraguaios, nascida na fronteira geográfica Porto Murtinho, interior do estado de Mato Grosso do Sul, que faz divisa com município de Carmelo Peralta, no Paraguai.

Além disso, as experivivências acadêmico-profissionais também foram catalisadoras das motivações para realização desta pesquisa, pois, assim como Vale e Nolasco (2021, p. 36), considero que

As experivivências dão ao corpo-latino-fronteiriço a capacidade dialogal cuja latinidade crítica permite que nós – homens-fronteira – subjetivamos num escantear epistemológico a compreensão contemporânea decolonial que nos circunda.

Sendo assim, meu lugar de fala também é o campo educacional, o qual reflete minhas relações cotidianas com a LE, pois é na perspectiva de “[...] ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com” (Walsh, 2013, p. 19) a fronteira que me constituo como sujeito sócio-histórico professora, na Rede Estadual de Ensino, da única instituição no município que oferta o Ensino Médio. A mencionada etapa de formação escolar é voltada ao desenvolvimento integral do/a aluno/a e organizada por áreas de conhecimentos. Tais campos são compostos pelas disciplinas obrigatórias da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e pelos itinerários formativos, que têm como proposta possibilitar aos/às estudantes o

aprofundamento de conhecimentos relacionados aos seus objetivos pessoais e ao seu projeto de vida, além de desenvolver competências socioemocionais, na direção do que propõe esse documento de caráter normativo e prescritivo de 2018.

Ainda, destaco que meu contato com a língua estrangeira, de fato, começa na infância, por meio do vínculo com meus pais e avós paraguaios, que mantinham a comunicação por meio da Língua Guarani, o que facilitou o aprendizado da Língua Espanhola na escola e a escolha da minha área de atuação. A partir dessa influência, fiz graduação em Letras Português – Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no polo de apoio da Universidade Aberta do Brasil (UAB), na modalidade a distância. Minha primeira experiência enquanto professora não foi diretamente com a LE, e sim com a Língua Portuguesa. Somente após dois anos de formação e docência é que tive a oportunidade de atuar na área de Língua Espanhola, na escola em que, atualmente, estou na função de Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio.

O interesse pelo ensino de línguas e a necessidade de profissionalização levaram-me a realizar a pós-graduação *lato sensu* em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, também ofertada pela universidade na qual me formei. A especialização oportunizou-me o aprofundamento dos estudos na área da educação linguística, tornando possível: questionar metodologias (a começar pelas minhas); problematizar estereótipos; e desconstruir padrões e estruturas engendradas que se voltam apenas para normas linguísticas que não estavam a favor das realidades do grupo de alunos/as com os quais eu tinha contato.

Dessa maneira, foi por meio do contato com excelentes profissionais que também obtive as melhores experiências e inspirações para buscar sempre evoluir e contribuir com a minha comunidade, bem como fazer a diferença na nossa realidade, a partir da concepção de que a educação linguística é um projeto político e emancipatório, direito de cada indivíduo como princípio democrático e nesse caso, a começar pelo campo educacional.

Em minha atuação, percebia muita resistência dos/as meus/minhas alunos/as quanto ao contato com a Língua Espanhola. Incomodada com tais comportamentos é salutar mencionar que a tentativa de romper com tais atitudes começa por meio de minhas práticas desde o ano de 2016 como professora desta disciplina e desde então proponho meios de conduzi-los/las à reflexão a respeito de tal distanciamento simbólico configurado pelo pensamento de não compreender a importância desta em nossa cultura e realidade local. Nesse processo, passei a realizar intervenções didáticas com alguns projetos culturais, a exemplo do projeto de

intercâmbio com o país vizinho, o Paraguai. O trabalho envolvia o estudo da parte cultural e literária dos países, além da discussão de noções básicas para comunicação⁶.

Desde que comecei a ver os primeiros resultados das propostas desenvolvidas e o envolvimento dos alunos, quis melhorar, cada vez mais, minhas condições como professora de Língua Espanhola, de modo que pudesse oferecer perspectivas didáticas diversificadas dos padrões exigidos normalmente, que, muitas vezes, não são confrontados. Vivi experiências satisfatórias até pouco antes de a disciplina não ser mais ofertada na rede estadual, pela atual configuração do Ensino Médio.

Ainda sobre as condições educacionais, é salutar contextualizar o período pandêmico que vivenciamos no fim do ano de 2019, causado pela Covid-19, contaminação do coronavírus SARS-CoV-2. A pandemia impactou a saúde pública devido à sua proporção, acometendo milhares de vidas em todo o mundo. Frente a isso, tivemos que nos resguardar de contatos com outras pessoas, isolando-nos para interromper a propagação do vírus e evitar mais mortes.

Enfatizo o referido período, pois ele impactou a minha trajetória acadêmica. As universidades tiveram que se flexibilizar, encontrando saída nas aulas remotas para seguir com a oferta dos cursos de graduação e pós-graduação. Assim, tive oportunidade de seguir minha trajetória acadêmica na área que sempre gostei de atuar, embora, nesse período, estivesse afastada da sala de aula por ter optado por ocupar um cargo político como Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal.

No ano de 2021, prestei a seleção para o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da UFMS, apresentando um anteprojeto que visava questionar atitudes e discursos da população acerca da falta de capacitação e qualificação da mão de obra local para o desenvolvimento do município, pois era uma problemática recorrente no ambiente da esfera da administração pública municipal. Tive a alegria de ser aprovada e de ter meu projeto orientado pelo Professor Doutor Rosivaldo Gomes. Ao longo das reflexões acerca da área em que situava minha pesquisa, tanto nas orientações quanto nas disciplinas cursadas, redirecionei o estudo para a área da Língua Espanhola, acionando um olhar de docente. Passei a buscar, portanto, acerca da minha área de atuação preferida, que estava perdendo espaço em função sua desvalorização, a nível nacional, pela reconfiguração do Novo Ensino Médio.

⁶ Uma breve descrição e discussão sobre esse projeto pode ser vista em “Desprendamo-nos! uma experiência de tentativas de práticas decoloniais no ensino de Espanhol na fronteira PortoMurtinho/Colônia Peralta”, de autoria de Gimenes, Gomes e Milian (2022). Disponível em <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/7683/pdf>.

Paralelamente à mencionada problemática, encontrei, na minha cidade natal, uma delimitação de pesquisa ainda mais cara ao meu lugar de pesquisadora/professora/ mulher-fronteiriça. O Paraguai tem mais de uma língua oficial: a Língua Espanhola e a Língua Guarani. A LG é a língua mais falada pelos paraguaios, mas, na interação com brasileiros, fica em segundo lugar a LP e a LE. Na tentativa de estabelecer a interação entre usuários/as, prevalece o *portunhol*⁷, pois ambos tentam a comunicação pela LG, misturando-a com o português ou o espanhol, língua que muitos dos brasileiros não conhecem.

Levando em consideração a intensidade do fluxo diário de seus/suas falantes no município, fui mobilizada a realizar os seguintes questionamentos: por que a LE parece estar perdendo a importância no âmbito educacional, uma vez que, na Rede Municipal de Ensino, a sua oferta foi diminuída e, na Rede Estadual, retirada? Como isso reflete sobre os discursos que impactam sobre o contexto fronteiriço de Porto Murtinho, considerado plurilinguístico?

Assim, além da relevância pessoal, a pesquisa também contribui para as discussões sobre Corredor Bioceânico. No cenário científico, de um lado, muitos/as pesquisadores/as e instituições têm direcionado esforços para compreender as dinâmicas e as consequências da construção da ponte. Por outro lado, ainda há pouco interesse em abordar possíveis influências em aspectos culturais e, principalmente, linguísticos no espaço onde ocorrerá a integração de países que têm como língua oficial o espanhol, tanto quanto abrigam diversas outras línguas ou dialetos ao longo de todo trajeto do corredor internacional.

Nesse sentido, iniciativas já sinalizam sensibilidades à nova realidade linguística e cultural, como a parceria entre a Câmara Municipal de vereadores, a Assembleia Legislativa, a administração pública municipal e redes de ensino profissionalizantes, a exemplo do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), para a oferta do curso de espanhol básico nível I e II, no ano de 2022. Conforme indica o sorteio eletrônico disponibilizado no site do Instituto Federal⁸, o número de inscritos para aprender o espanhol foi quatro vezes maior que o número de vagas oferecidas, o que indica a existência de demanda. O interesse pode ser justificado pela tentativa de conhecer melhor uma das línguas faladas na fronteira e pela instituição do Corredor Bioceânico, que exige laços mais estreitos, no âmbito profissional, entre pessoas com diferentes traços culturais e linguísticos.

⁷ “É um movimento literário, uma expressão literária, que mistura e pode vir a misturar várias línguas, como o espanhol, o português, o guarani e outras. [...] O portunhol selvagem se caracteriza como um movimento artístico, diferente do portunhol, porque ele é uma mistura de várias representações, na medida em que nomeamos eles”. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/09/04/video-conheca-o-portunhol-selvagem-lingua-falada-na-triplice-fronteira-brasil-paraguai-e-argentina.ghtml>. Acesso em: 19 de jul. 2023.

⁸ Disponível em: <https://selecao.ifms.edu.br/edital/files/edital-no-091-2021-fic-ead-2022-1-edital-091-4-2021-classificacao-final-e-primeira-chamada.pdf>.

Não houve, entretanto, efetividade nesta ação. A primeira turma de nível I, que tive a alegria de ser convidada para ser coordenadora-professora e tutora local, teve 38 concluintes dos 60 que iniciaram o curso. Por ter que me dedicar mais aos estudos do mestrado, não pude continuar acompanhando a turma, que foi assumida por outra profissional da área. Já na segunda fase de nível II, apenas 15 discentes concluíram a oferta. O nosso foco, contudo, não é o curso de idiomas oferecido, mas, sim, a Rede Estadual de Ensino.

No município, a Escola José Bonifácio é a única instituição que oferta o Ensino Médio e tem como público-alvo estudantes entre 14 e 18 anos. Além disso, com a configuração do Novo Ensino Médio, o espanhol não ocupa mais o lugar de disciplina obrigatória nos componentes curriculares. Dessa forma, estamos diante de um contexto com pluralidade linguística de LE e de outras línguas originárias cuja única instituição de ensino regular estadual oferta, como língua estrangeira, apenas a Língua Inglesa.

Nessas condições, problematizo uma possível desvalorização da Língua Espanhola, alocada enquanto segunda opção diante do provável imperialismo linguístico do inglês, o qual também marca a colonialidade do saber-poder a partir de tal língua(gem) (Veronelli, 2021). Também considero como demanda a região que compreende o trajeto do Corredor Rodoviário Bioceânico, a existência e a emergência de outras línguas, mesmo que consideradas minoritárias pela ordem colonial.

Dessa maneira, com a retirada da obrigatoriedade do ensino de espanhol no currículo do Ensino Médio no Brasil, por meio da medida provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, convertida e implementada como Lei nº 13.415, de 2017, na qual é possível prever mudanças a nível nacional guiada pela normatização da BNCC (Brasil, 2018), observo que, no tocante ao ensino de línguas, o Inglês torna-se a única língua obrigatória a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, e o Espanhol passa a ser somente opcional/facultativa. É opcional, pois, de acordo com as orientações da BNCC (Brasil, 2018), é permitido que as redes de ensino ofereçam outras línguas estrangeiras modernas, preferencialmente o espanhol, como consta na Lei das Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 1996), e, sendo assim, os dirigentes podem ofertar o ensino desse idioma sem prejuízo algum.

Com isso, penso, sobretudo, se o fato desta abordagem ser optativa não coloque a LE em uma categoria de menor importância, dado que, em segundo plano, ela é alocada na posição de “possibilidade”. Na conjuntura em questão, por outro lado, ela deveria ser essencial e valorizada por viabilizar, além do respeito às manifestações culturais-identitárias, o incentivo à comunicabilidade. Na mesma linha, a LE também agrega conhecimentos e aumenta as possibilidades de o cidadão se destacar no mercado de trabalho, uma vez que

entender e interagir a partir de outras línguas já é uma demanda local do plano plurilinguístico nos dias atuais.

Nesse sentido, o ensino da Língua Espanhola, no contexto de análise desta pesquisa, pode contribuir com a formação geral dos/as alunos/as do Ensino Médio, aguçando seu pensamento crítico e auxiliando em seu desenvolvimento pessoal e intelectual. A oferta pode, inclusive, despertar o interesse pela diversidade cultural ao exercitar o respeito e a abertura a outras culturas, bem como estimular a valorização do plurilinguismo, da cidadania por meio da comunicação entre culturas e da quebra de preconceitos na sociedade em que o indivíduo atua.

Deste modo, o presente estudo justifica-se em vista de sua proposta para uma educação que, de fato, atenda às necessidades de Porto Murtinho – MS, tendo em vista a necessidade de reconhecimento da importância do ensino da Língua Espanhola desde a oferta na rede básica de ensino em um cenário constituído pela pluralidade linguística. Pelo escopo que mobiliza, a pesquisa também pode contribuir com a formação de professores e a constituição de políticas públicas de afirmação para uma educação intercultural, de modo que a referida língua seja valorizada.

Objetivos e perguntas de pesquisa

Esta pesquisa, vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Linguística Aplicada (Nepla/Unifap/CNPq), situa-se no campo da Linguística Aplicada (Lopes, 2006, 2009; Rojo, 2006) e apresenta como objeto de investigação, representações sociais sobre o ensino de Espanhol e como elas reverberam certos significados atribuídos por atores sociais (Leeuwen, 1997) ligados ao contexto de uma escola pública localizada no município de Porto Murtinho.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar as representações sociais do ensino de espanhol como segunda língua no contexto educacional do município de Porto Murtinho. Como objetivos específicos, busquei: (i) apresentar um arcabouço teórico sobre os estudos decoloniais e relacioná-los com o ensino de espanhol; e (ii) analisar, pela perspectiva da abordagem discursiva⁹, representações sociais de atores sociais – professores/as, alunos/as

⁹ Essa perspectiva de entender as representações sociais pela abordagem discursiva respalda-se na visão de Irineu (2019, p. 9), que defende que “[...] RS [representações sociais] são um construto discursivo, de natureza sociocognitiva e ideológica, através do qual, na condição de membros de grupo sociais, compreendemos os objetos do mundo com os quais interagimos. Nessa perspectiva, o discurso pode ser compreendido, de modo amplo, como evento comunicativo e, de modo específico, como uma dimensão da prática social (Fairclough,

e gestores/as – sobre o ensino do espanhol diante do que propõe a nova reforma do Ensino Médio a nível nacional e seus impactos a nível local, no contexto social e fronteiriço da cidade de Porto Murtinho – MS.

Frente a esses objetivos, a seguinte questão de pesquisa foi elaborada: quais são as representações, presentes nos dizeres de atores sociais – professores/as, alunos/as e gestores/as – sobre o ensino espanhol e o valor conferido à disciplina Língua Espanhola no universo escolar após a promulgação da Lei nº 13.415, de 2017?

A pesquisa configura-se como um estudo responsivo ao contexto social (Lopes, 2006, 2009; Rojo, 2006) e busca atender a uma demanda que trata sobre o papel e a importância da LE no contexto escolar de um município de fronteira. Sendo assim, a pesquisa caracteriza-se como qualitativo-interpretativa, pois busca “[...] interpretar os fenômenos sociais em termos de significados que as pessoas a eles conferem” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 17).

Para geração dos dados, foi utilizada, como instrumento, a entrevista de explicitação (Vermech, 2020), realizada com professores/as, alunos/as, autoridades do campo da educação e gestores/as de escolas de Porto Murtinho – MS. O *corpus* de análise é constituído por material discursivo, organizado a partir de recortes configurados como segmentos de tratamentos temáticos (Bulea, 2010), oriundos das respostas das entrevistas, que foram transcritas com base em Marcuschi (2003).

Organização da dissertação

A dissertação está organizada em cinco seções, incluindo a introdução e quatro capítulos. Na introdução, discuto a motivação para a realização do estudo, a trajetória acadêmica da pesquisadora, a formulação do problema, as questões de pesquisa e os objetivos, tanto quanto sinalizo o referencial teórico que sustenta a escrita da dissertação. O capítulo I aborda o ensino de Língua Espanhola em consonância com os estudos decoloniais, estabelecendo um percurso histórico de discussão que trata da colonização do ensino de línguas, em especial quando tratamos da fronteira na qual se insere Porto Murtinho – MS.

No capítulo II, situo o estudo no campo da Linguística Aplicada Crítica/Inter/Indisciplinar (Lopes, 2006; Pennycook, 2001, 2006; Kleiman, 2013), estabelecendo diálogos entre autores que tratam sobre a educação linguística e ensino espanhol (Gomes, 2021; Ferreira, 2018; Baptista, 2019). No capítulo III, descrevo a trajetória

2008), mas, sobretudo, como o lócus em que os sujeitos (re)produzem RS ao longo de suas histórias de vida, compartilhando, através dos textos que produzem, valores e atitudes frente aos objetos do mundo”.

metodológica empregada no trabalho e explano, detalhadamente, a metodologia empregada na análise do *corpus*. O capítulo IV apresenta a análise qualitativo-interpretativista, a partir de segmentos de orientações temáticas (Buela; Bronckart, 2010) nos recortes discursivos que apresentam representações dos atores sociais colaboradores/as desta pesquisa.

1 ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA E (DE)COLONIALIDADE: DIÁLOGOS EPISTEMOLÓGICO-TEÓRICOS

1.1 O ensino de Espanhol no contexto da superdiversidade brasileira

Diante das recorrentes discussões acerca da diversidade e de distintas manifestações sociais e realidades brasileiras no tocante a questões culturais, linguísticas, de pertencimento e de identidade, destaco a importância de compreendermos como se engendram as forças hegemônicas e vozes de poder nas relações sociais em um mesmo espaço territorial, sobretudo os percursos e percalços pelos quais foi afetado o ensino de Língua Espanhola no Brasil.

Acerca do território, alinho-me às teorizações de Milton Santos (1994), que o compreende enquanto espaço ocupado pelas pessoas e as relações existentes entre elas, reconstituído pelos mecanismos que ele denomina de “horizontalidades e as verticalidades”. O autor utiliza os termos baseado nos estudos do teórico e economista François Perroux (1995) sobre a “Teoria dos polos de crescimento”, ao fazer uma correspondência entre contributos da força de grandes polos associada à força de pequenos polos, o que causa impactos locais, mas de amplitudes nacionais.

Enxergar a partir dessa perspectiva corrobora a compreensão sobre o modo como as horizontalidades e as verticalidades podem ser meios para pensar como comunidades podem se interligar, expandir-se e “transnacionalizar”. Milton Santos (1994) reflete sobre a tomada de melhores decisões levando em consideração as diferenças entre pessoas que ocupam os espaços e territórios e a prática de ações justas e solidárias. Em conjunto, os mencionados fatores possibilitam uma globalização outra, oposta à “globalização perversa” que vivenciamos atualmente, a qual desconsidera realidades, conhecimentos e escolhas locais e está subordinada a forças hegemônicas disfarçadas pelo seu discurso moderno.

Com o intuito de problematizar escolhas globais, Paraquett e Silva Junior (2019) uniram-se a outros/as professores/as, comunidades e pesquisadores/as da área do espanhol, a fim de verificarem os resultados obtidos desde a promulgação da Lei nº 11.161/2005.

Desprendendo-se de padrões que prevaleciam “inquestionáveis”, como nas reflexões que Mignolo (2008), disparador da descolonização intelectual, promove em *Histórias Locais/Projetos Globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar, os autores interrogam a obrigatoriedade do ensino de língua inglesa e revogação da “Lei do Espanhol”¹⁰. Tal movimento é realizado com a finalidade de propor ações que fizessem as autoridades responsáveis refletir sobre a importância de manter a oferta do espanhol, com base na existência de uma demanda local, tendo em vista o que já se havia conquistado e progredido. Os pesquisadores levaram os resultados obtidos em eventos de grande importância, mas puderam apenas usufruir o direito de defender suas verdades, uma vez que não obtiveram tanto êxito no enfrentamento aos interesses calcados na política da hegemonia que o inglês representava do ponto de vista global.

Perante o cenário do ensino de Língua Espanhola no Brasil, marcado pelas constantes mudanças ocorridas por decisões políticas e influenciadas por questões econômicas, senti, no corpo, repulsa ao reavivar o processo de colonização e suas consequências na construção de narrativas históricas e de conhecimentos considerados universais. Desde os interesses dos primeiros colonizadores, a importância da Língua Inglesa é justificada e mantida historicamente com base na ideia de que ela é essencial para os acordos comerciais, fato que perdura até os dias atuais, quando os representantes políticos legislam em favor das classes que têm interesses em comum.

Nesse transcurso, é importante citar, também, as contribuições de Paraquett (2020), em “As quatro ondas do hispanismo no Brasil”, que discute os movimentos formados por profissionais e por associações em que ficaram registradas lutas e conquistas dos hispanistas no país. As referidas mobilizações se associavam à defesa do direito de participar das decisões que propiciem a construção da identidade nacional brasileira, a qual é constituída por diversas vozes, faces e olhares.

Sou interpelada, nesse sentido, pela necessidade de termos sensibilidade identitária com uma região heterogênea cheia de tensões e contradições. Na perspectiva da interculturalidade, é possível compreender que o ensino sobre o Outro nos possibilita olhá-lo/la através de nós, a partir da diferença. Assim, além dos horizontes sociais de quem ensina, passa a ser considerado também sobre quem se ensina, na tentativa de reinterpretar as verdades universalizantes que insistem em ecoar de um projeto global que relega as histórias locais.

¹⁰ A “Lei do Espanhol” se refere à Lei nº 11.161/2005.

Por essa razão, acredito que, nas práticas de ensino críticas de línguas ou de educação linguística em línguas estrangeiras (Ferraz, 2008; Gomes, 2021; Ferreira, 2018), devem ser propiciados espaços para que haja valorização de cada cultura que contribui para a formação das diversas identidades, bem como abertura à dinâmica dos encontros culturais, no contraste da diferença e no respeito com o outro.

Em tal linha, entendo que é oportuna a realização desse estudo para a valorização da Língua Espanhola, abarcando o contexto da superdiversidade linguístico-cultural brasileira, segundo a qual se formam distintas identidades que persistem em transgredir amplas fronteiras homogêneas. A perspectiva em questão sustenta-se a partir do que propõe Baptista (2010, p. 119) ao destacar que:

O processo de ensino e aprendizagem de uma língua e, em concreto, o da língua espanhola não pode estar desarticulado ou desvinculado da sociedade na qual está inserido e nem desconsiderar as ideologias e as estruturas de poder desse entorno. Daí a necessidade de desenvolver o espírito crítico e preparar os alunos para compreender discursos de diversas mídias e culturas, tendo em conta as finalidades e intencionalidades presentes nos mais diversos textos que circulam na sociedade.

Sendo assim, atrevo-me a refletir acerca da valorização da identidade fronteiriça enquanto forma de fazer com que o ensino do espanhol não seja subjugado, mas entendido como necessário para complementar. Com isso, ele não deve ser referido apenas como segunda língua, mas como uma língua de encontro que aproxima e possibilita relações interculturais que a configuram como tal, sendo indispensável ao cidadão que vive na fronteira e mantém uma relação de diálogo.

Dessa forma, os caminhos e descaminhos pelos quais se enveredou o idioma espanhol como segunda língua perpassa a obrigatoriedade de seu ensino nas escolas públicas, por meio da Lei nº 11.161/2005, que foi sancionada com base no intenso processo de globalização, proximidade, integração, além dos interesses políticos, econômicos e sociais entre o Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Venezuela, países que formam o tratado do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul).

Frente a isso, tornava-se obrigatório o ensino do Espanhol como Língua Estrangeira (LE) nos currículos das escolas de Ensino Médio e facultativo nas instituições de Ensino Fundamental. A premissa da oferta era a integração do conhecimento da língua para a formação integral e humanizada de estudantes e governantes brasileiros, bem como o favorecimento de ações comunicativas e relações internacionais com os países vizinhos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1998, p. 27) para língua estrangeira,

Todo encontro interacional é crucialmente marcado pelo mundo social que o envolve: pela instituição, pela cultura e pela história. Isso quer dizer que os eventos interacionais não ocorrem em um vácuo social. Ao contrário, ao se envolverem em uma interação tanto escrita quanto oral, as pessoas o fazem para agirem no mundo social em um determinado momento e espaço, em relação a quem se dirigem ou a quem se dirigiu a elas.

É por meio desse preceito que os PCN's (Brasil, 2008) asseguraram que os discursos carregam parte da formação histórico-social do indivíduo, na qual suas identidades sociais primeiras são estabelecidas a partir da identidade híbrida de pessoas que convivem com outras e que se comunicam por meio de uma segunda língua. Por isso, os significados construídos no meio social refletem nos discursos em que esses povos culturalmente interagem, e a língua se torna um fator determinante nesse intercâmbio.

Isso pode ser exemplificado com o fato de que a minha mãe, de nacionalidade paraguaia, fala as Línguas Guarani ou Espanhola, em casa, para se comunicar conosco, mas não nos proibia de falá-las medo de que interferissem no aprendizado na escola ou algo semelhante. Assim como nós, outras famílias na mesma situação aprendiam, por meio do contato com a oralidade, uma língua, e utilizavam outra na escola, com os vizinhos e demais lugares.

A esse respeito, ressalto que existem crenças, por parte de algumas famílias que proíbem seus filhos brasileiros de aprenderem os idiomas falados por elas, sobre a interferência dessas línguas em seus aprendizados na escola. No primeiro caso meus irmãos e eu compreendemos e nos comunicamos em três línguas: Língua Guarani, Língua Espanhola e Língua Portuguesa – a terceira é considerada nossa língua materna, pois fomos alfabetizados por meio dela e aprendemos suas regras na escola. Já no segundo caso, das outras famílias, não.

No que tange ao conhecimento do uso linguístico, os PCN's (Brasil, 2008) dispõem, em sua redação, da concepção de um ensino fundamentado no processo sociointeracionista, a partir do qual é possível considerar que o contato ocorre entre os indivíduos que dividem o mesmo espaço comunicativo. De tal maneira, o ponto de partida para a aprendizagem é o entendimento da própria língua materna, para que o sujeito consiga realizar comparações e encontrar possibilidades de interação por meio da língua de maior contato.

Assim também, nas Ocem (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) (Brasil, 2006), destina-se um capítulo ao espanhol, o qual também se reafirma nas DCNEM

(Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio) (Brasil, 2013). Incorporado a uma perspectiva interdisciplinar, o trecho pode acionar outros campos de estudos, sobretudo pela questão histórico-social que influencia na vida das pessoas como cidadãos: “[...] é fundamental trabalhar as linguagens não apenas como formas de expressão e comunicação, mas como constituintes de significados, conhecimentos e valores” (Brasil, 2006, p. 131).

Baseada no que discuti, passo a compreender a necessidade de problematizar a expressão “língua estrangeira”, ampliando-a, sugestivamente, para que seja tratada como língua de encontro, tanto pela familiaridade com o país vizinho, quanto pela manutenção do diálogo com outros sete países que têm como língua oficial o espanhol. Com isso situo o Brasil em um contexto fronteiriço no qual a LE faz parte da identidade de muitas pessoas.

1.2 A colonização da América Latina, colonialidade, pensamento decolonial e decolonialidade no ensino e aprendizagem de línguas

A história da colonização sempre esteve condicionada e é marcada, *a priori*, pelo monopólio de determinados recursos naturais do mundo, o qual é organizado e dividido geograficamente de acordo com as dominações dos países conquistadores. Ela tinha como meio a expansão marítima para exploração de territórios sobre os quais se firmava pela narrativa do descobrimento. Outrora, passa a ser considerada “invasão”, uma vez que houveram imposições destinadas aos povos originários, a começar pelas tentativas de torná-los servís – uma das principais causas de grandes conflitos e extermínios dessas vidas, como se fossem dispensáveis.

Isso demonstra tentativas e formas de domínio que ignoraram modos peculiares de existir que não atendiam aos interesses dos que eram considerados os opressores. Para Mignolo (2005), a concepção de América Latina surgiu a partir da expansão colonial sob a configuração como os europeus entendiam a ideia de modernidade e, conseqüentemente, impuseram os seus conceitos. Para o estudioso, entre as inúmeras formas de narrar a história do “descobrimento do novo mundo” prevalece, até os dias atuais, o ponto de vista europeu (Mignolo, 2005). Diante da proposta de descobrimento que a história nos apresenta, só parece possível a existência contínua do ideal de novo mundo que lhe dá vida, por assim dizer, ignorando e subjugando os povos, modos de viver, cultura, língua e religião dos que ali e aqui já habitavam.

O termo “descobrimento”, associado à ideia de conquista, ficou marcado, portanto, pela imposição dos interesses europeus perante diversas comunidades que ali se encontravam

e passaram a ser formadas por colonizadores e por colonizados, a fim de possibilitar a exploração de recursos naturais para obtenção de bens e serviços, conforme assevera Torres (2019). Para isso, estabeleceram as organizações nas colônias como formas de progresso marcado por intensas explorações.

Por esse motivo, é importante compreendermos os reflexos da colonização de territórios, da colonização linguística e da colonialidade sob a linguagem que reverberam nos dias de hoje, para que seja entendida a urgência de pensar a decolonialidade no ensino e aprendizagem de línguas.

Do ponto de vista apresentado sobre as marcas da colonização, o domínio não apenas se dava sobre o território, mas sobre os nativos, seus corpos, raça, sexualidade, línguas, sendo que estes não apenas sofreram forte imposição cultural, mas também foram proibidos de exercerem seus costumes. Ainda, foram extintas muitas das línguas que eram faladas, em detrimento do domínio da língua colonizadora propriamente dita.

O primeiro marco da colonização no contexto brasileiro, pode-se dizer, ocorre com a carta de Pero Vaz de Caminha, na qual podemos verificar a legitimação da Língua Portuguesa como primeiro registro formal, marcando o domínio da escrita. Devido a isso, supõe-se que a colonização ocorra nesse desencontro entre as línguas existentes, sobre as quais não existia um consenso, mas um verdadeiro confronto.

As línguas mais valorizadas eram a do colonizador, por serem consideradas as mais completas, no sentido de serem gramaticalizadas e as que predominavam na garantia civil, religiosa e jurídica. Já as línguas consideradas minoritárias tornam-se alvo de análises abaixo da hierarquia e dos domínios do continente europeu, que, por sua vez, é privilegiado por ser o ponto de partida e o centro da construção de saberes considerados legitimados. Em consonância a isso, Gómez (2007, p. 17) destaca que:

Debemos entender que el capitalismo no es sólo un sistema económico (paradigma de la economía política) y tampoco es sólo un sistema cultural (paradigma de los estudios culturales/poscoloniales en su vertiente 'anglo'), sino que es una red global de poder, integrada por procesos económicos, políticos y culturales, cuya suma mantiene todo el sistema. Por ello, necesitamos encontrar nuevos conceptos y un nuevo lenguaje que dé cuenta de la complejidad de las jerarquías de género, raza, clase, sexualidad, conocimiento y espiritualidad dentro de los procesos geopolíticos, geoculturales y geoeconómicos del sistema-mundo.

Assim, a colonização que se deu sobre a economia, operou, também, sobre a política e sobre as línguas com as quais os nativos estabeleciam comunicação e os caracterizava como

indivíduos que mantinham, entre esse domínio ou outro, suas culturas e características próprias, desconsideradas pelos colonizadores.

A esse respeito, ressalto que, para Mariani (2003, p. 74), “[...] a relação de colonização é, em si, da ordem de um acontecimento discursivo”. Dadas as circunstâncias de se pensar o processo histórico de colonização linguística, entendo, com a autora, que, através do contato de dois imaginários linguísticos entre povos e culturas nunca antes confrontadas, a chamada língua colonizadora visava impor-se sobre as colonizadas, por meio das histórias, políticas, memórias e condições de produção diferentes.

Paralelamente, a colonialidade se perpetua, estabelecendo formas de poder sobre o saber. Nesse caso, tal mecanismo se dá sobre o ensino/aprendizagem de línguas, permanecendo nas estruturas da sociedade como resultado de séculos de doutrinas e domínio da colonização. Conforme Dussel (2005, p. 28) aponta, “[...] a América Latina entra na Modernidade (muito antes que a América do Norte) como a outra face: dominada, explorada, encoberta”. Frente a isso, percebe-se que as tentativas de silenciamento dos povos, línguas e culturas consideradas minorias pela hegemonia do poder sobre o saber prevalecem, dado que, segundo Mignolo (2005), a colonialidade se justifica com o escudo da modernidade.

Ainda, Nilma Lino Gomes (2019), em “O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos”, discute como a colonialidade, enquanto ação não isolada, mas situada, age sobre o currículo escolar e engendra práticas coloniais que buscam se perpetuar no contexto das práticas do letramento e na agência docente pelo currículo. Para a autora,

A colonialidade é resultado de uma imposição do poder e da dominação colonial que consegue atingir as estruturas subjetivas de um povo, penetrando na sua concepção de sujeito e se estendendo para a sociedade de tal maneira que, mesmo após o término do domínio colonial, as suas amarras persistem. Nesse processo, existem alguns espaços e instituições sociais nos quais ela opera com maior contundência. As escolas da educação básica e o campo da produção científica são alguns deles. Nestes, a colonialidade opera, entre outros mecanismos, por meio dos currículos (Gomes, 2019, p. 251).

Na mesma direção, Mignolo (2020) reflete que, se a língua pode ser usada por um grupo dominante como símbolo da nacionalidade, os dominados podem, evidentemente, exercer a mesma lógica e fazer exigências políticas baseadas em sua identidade. Nesse escopo, o conceito de pluridiversidade pode ser acionado em contrapartida à noção arbitrária de universalidade, pois é marcado a partir do local onde se vive, no qual se atua e se tenha voz como sujeito e cidadão político, dotado não só de direitos e deveres básicos, mas podendo se

comunicar por meio de sua língua, bem como suas culturas, histórias e memórias, por ser um ser social como qualquer outro.

No caso das práticas linguísticas, principalmente a colonialidade da linguagem é o resultado de uma ideologia construída historicamente do poder sobre o saber de língua e linguagem. O mencionado poderio ainda se perpetua, seja por meio dos discursos em vários segmentos da sociedade, seja por meio de práticas pedagógicas. Sobretudo na esfera escolar, determinados saberes podem ser mais “privilegiados” em comparação a outros, diminuindo a sua importância e/ou aplicabilidade e impedindo uma abertura de espaço para toda e qualquer forma de conhecimento local/situado que destoa de um padrão estabelecido. Em condições educacionais como a mencionada, não se leva em consideração a pluralidade cultural e linguística da sociedade brasileira, desvalorizando-a e a invisibilizando.

As contribuições de Quijano (1992), Mignolo (2007) e Dussel (2005), a partir do pensamento decolonial, mostram como padrões de controle, hierarquização e classificação de pessoas afetam todas as dimensões sociais. No centro dessa configuração categorizada, está a ideia de raça, baseando discriminações que rotulam povos e estabelecem diferenciações a partir do rótulo de não-europeu, fator que determina quais seriam raças de menor prestígio e subservientes. Registram-se, a partir disso, relações assimétricas que prevalecem sobre a égide das manifestações de um poder hegemônico. Quijano (2005, p. 129) denominou essa prática como “colonialidade do poder”:

[...] a colonialidade não se esgota no colonialismo, forma de dominação político-econômica e jurídico-administrativa das metrópoles europeias sobre suas colônias, expressa, mais que isto, um conjunto de relações de poder mais profundo e duradouro que, mesmo com o fim do colonialismo, se mantém arraigado nos esquemas culturais e de pensamento dominantes, legitimando e naturalizando as posições assimétricas em que formas de trabalho, populações, subjetividades, conhecimentos e territórios, são localizadas no mundo contemporâneo.

Em linhas semelhantes, Torres (2019, p. 41), em publicação na qual apresenta uma análise da colonialidade e da decolonialidade, assevera, em duas de suas dez teses, a necessidade de compreendermos como

No esforço de obter esclarecimento sobre o significado e a importância do colonialismo e da descolonização, é útil distinguir colonialismo, colonialismo moderno e colonialidade. Colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a ‘descoberta’; e colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias

formais. A ‘descoberta’ do Novo Mundo e as formas de escravidão que imediatamente resultaram daquele acontecimento são alguns dos eventos-chave que serviram como fundação da colonialidade. Outra maneira de se referir à colonialidade é pelo uso dos termos modernidade/colonialidade, uma forma mais completa de se dirigir também à modernidade ocidental.

A respeito do que apresenta Torres (2019), juntamente com as proposições de Mignolo (2005), reflito a partir de outra perspectiva, a fim de interpretar a história e representações da América Latina para além da projeção cartográfica feita a partir da divisão dos continentes e das desvantagens de sua geolocalização no Ocidente do mundo. Na mesma visada, Quijano (2000, p. 89) sustenta que

[...] colonialidade refere-se a um ‘padrão de poder’ que opera através da naturalização das hierarquias raciais e sociais que permitem a reprodução das relações de dominação territorial e epistêmica que não só garantem a exploração pelo capital de alguns seres humanos por outros em escala global, mas também subalternizam e obliteram conhecimentos, experiências e modos de vida daqueles que são assim dominados e explorados.

Pelo viés de colonialidade do poder sobre o saber, o sujeito que vem se sentindo subalternizado, ao se reconhecer pela sua identidade, língua, cultura e representatividade, pode ocupar o espaço enunciativo para propor um pensamento outro, instituindo um fazer que não necessariamente se subjugava perante discursos de racialização dos povos que sofreram dominação do ponto de vista da colonialidade/modernidade.

Mignolo (2005), em “Los opuestos pueden coexistir sin negarse”, reafirma seu compromisso com o conceito e a atitude decolonial para repensar e dar outros sentidos à história do mundo, focalizando, em especial, como se reverberam discursos e práticas de colonização da América Latina. Isso porque as diferenças e a criouldade deram nome ao referido continente ocidental, à margem do centro epistêmico e ideologicamente situado.

Por essa visada, no entanto, o caráter de moderno que se estabelece pela justificativa do global e prevalece por meio de seu domínio sobre a minoria é gerado em diferentes lugares e épocas, de formas específicas e flexíveis. Por tal razão, ao teorizar sobre as “Histórias locais e os projetos globais”, Mignolo (2020, p. 10) argumenta que

A diferença colonial é o espaço onde emerge a colonialidade do poder. A diferença colonial é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem; é o espaço onde os projetos globais são forçados a adaptar-se, integrar-se ou onde são adotados, rejeitados ou ignorados.

As constantes transformações históricas se perpetuam, tornando um ciclo os respectivos movimentos e processos nos quais se dão o confronto, a exploração e,

posteriormente, o domínio. Com isso, sempre teremos as relações assimétricas e contrastivas de quem sabe e pode mais, além do estabelecimento de uma herança cultural, à sombra do movimento conquistador que insiste em universalizar, ignorando as diferenças por mais de 500 anos. Frente ao exposto, Mignolo (2020, p. 10) conclui que “[...] a diferença colonial é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta”.

Justamente por meio dessa retomada teórica, podemos afirmar que a disputa pelo poder do dominador ainda prevalece como tentativa de ditar padrões sobre as estruturas pré-estabelecidas. Sua identificação pode ocorrer por meio dos reflexos dos domínios de natureza econômica sobre o saber, ser e existir, sem estar na posição de subordinado na alienada relação assimétrica do poder em que estamos condicionados.

Diante disso, o pensamento decolonial estabelece uma necessidade de desconstruir as ideias globalizadas, questionando-as e sendo um agente das mediações e intervenções na sociedade a qual pertencemos. Ele também interroga o ideário do eurocentrismo, que dita um padrão sobre a justificativa do global, propondo a valorização e compreensão da pluralidade. O mencionado movimento dá uma “nova cara” para a modernidade, de modo a ir ao encontro e ressaltar a diversidade em relação à cultura, à língua e aos saberes locais.

Compreendo, então, que foi por meio dos conflitos entre língua, raça, costumes e verdades herdados pela colonialidade que se fez necessário pensar o projeto de decolonialidade, por uma perspectiva contra-hegemônica. Esse pensamento crítico, para Mignolo (2007, p. 13), “[...] é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade”.

Sendo assim, parto dos questionamentos sustentados pelo conceito para pensar as identidades dos sujeitos fronteiriços no tocante às diferenças culturais. Essas distinções se chocam e se complementam para repensar o ensino de uma língua de encontro para uma educação despreendida de formas controladoras de imposição, que visa dar abertura ao atendimento da realidade de um lugar.

Aceitar a presença de apenas uma língua de ensino obrigatório, que passa de língua estrangeira moderna para língua franca, significa assujeitar outra, colonizá-la e designá-la a um espaço de menor importância. EM outras palavras, trata-se de deixar ecoar um discurso marcado pela colonialidade que ocasionou o genocídio de muitos povos e de várias línguas existentes na América Latina, principalmente no Brasil. Nessa visada, elucidado os conceitos a

serem abordados para uma perspectiva contra-hegemônica, mobilizando o pensamento crítico denominado decolonialidade.

A partir da modernidade, com a globalização capitalista, podemos perceber a herança da colonialidade radicada por meio das desigualdades políticas, econômicas e socioculturais em decorrência disso. No caso do ensino das línguas, a colonialidade tem relação com paradigmas únicos de cultura e saberes, estabelecendo-se por manter estruturas nas quais alguns grupos são subalternizados e, conseqüentemente, marginalizados em espaços educacionais.

A proposta decolonialidade/pensamento decolonial é constituída com base em atitudes decoloniais (Torres, 2019), gestos decoloniais (Mignolo, 2014), tentativas decoloniais (Andrade, 2020; Gomes, 2021), esforços decoloniais (Silvestre *et al.*, 2020; Andrade, 2020) e movimentos decoloniais (Silva, 2021). Ela é, justamente, uma proposta de confrontar discursos e modos de pensar e de fazer como única forma de se produzir conhecimento e de se comunicar. Assim, não se trata de desconsiderar o que o eurocêntrico contribuiu para a história, mas de possibilitar outros mundos e modos de vida que foram, pela narrativa moderna/colonial e histórica, silenciados.

Sendo assim, a decolonialidade tem como ponto de partida e reflexão o desprendimento das epistemologias arraigadas na “matriz colonial do poder” (Mignolo, 2007, p. 313). Ela é baseada na desconstrução de padrões monoculturais em ambientes cheio de diversidade para que segmentos identitários de várias origens, etnias e orientações tenham espaço na prática da comunidade e sejam respeitados por isso. Almeja-se, por meio dela, uma modernidade que atenda às expectativas das múltiplas realidades, sem haver a necessidade de um ser oprimido enquanto outro oprime.

Em concordância com o exposto sobre padrões monoculturais, Walsh (2018, p. 17) aponta para configurações que buscam romper com a colonialidade do poder, do saber, do ser e da linguagem, alinhada com o pensamento/a perspectiva decolonial:

A decolonialidade denota formas de pensar, saber, ser e fazer que começaram e precederam o empreendimento colonial e a invasão. Implica reconhecer e desfazer as estruturas hierárquicas de raça, gênero, heteropatriarcado e classe que continuam a controlar a vida, o conhecimento, a espiritualidade e o pensamento, estruturas claramente entrelaçadas e constitutivas do capitalismo global e da modernidade ocidental. Além disso, é indicativo da natureza contínua das lutas, construções e criações que continuam a funcionar dentro das margens e fissuras da colonialidade para afirmar o que a colonialidade tentou negar.

Ao compreender a pesquisa por tal perspectiva, a decolonialidade no ensino de línguas parte da reflexão e do desprendimento. Nesse sentido, recorro também a Palermo (2019), que defende a valorização da língua materna em primeira instância e rejeita a ideia de universalismo linguístico, no qual algumas línguas são privilegiadas, e outras deslegitimadas. Por isso, a opção decolonial tem como principal objetivo dar espaço a diversas outras línguas que fazem parte da história e da vida de uma comunidade. Assim, não se pode negar uma para evidenciar outra, mas oportunizar e defender os espaços para que todos possam usufruir de seus direitos de fala, de acordo com os espaços sociais aos quais se relacionam.

Pondero, insistentemente, sobre o assunto a partir de um posicionamento em que o indivíduo possa demonstrar pertencimento ao contexto em que está inserido e à produção do saber na esfera em que se exterioriza seus modos de vida, ser, falar e fazer. Nesse ínterim, compreendo que não se trata apenas de pensar o ensino de línguas em si ou na esfera educacional, mas em uma educação que esteja a serviço dos diversos âmbitos da sociedade.

Partindo desse pressuposto, a pedagogia decolonial abre espaço para uma educação linguística crítica, em favor de uma sociedade que aja frente todo tipo de opressão. Para Walsh (2013, p. 29), em quem me ancoro,

Obviamente, la pedagogía y lo pedagógico aquí no están pensados en el sentido instrumentalista de la enseñanza y transmisión del saber, tampoco están limitadas al campo de la educación o los espacios escolarizados. Más bien, y como dijo una vez Paulo Freire, la pedagogía se entiende como metodología imprescindible dentro de y para las luchas sociales, políticas, ontológicas y epistémicas de liberación.

Movida pela transposição de limites, em uma pedagogia na o sujeito se percebe como cidadão representado pela sua história e identidade, a decolonialidade no ensino de línguas nos propõe a agir para que nossas práticas sejam conduzidas a partir de questionamentos e reflexões perante situações em que prevalecem discursos de padrões de poder que oprimem, seja na escola, na rua, nos clubes, na roda de amigos, nas músicas, etc. Agir por meio do pensamento decolonial é intervir exatamente no interior das frestas deixadas pelos discursos de dominação, resultado da colonialidade, considerando uma sociedade plural e um campo educacional consciente, crítico e reflexivo frente a essa pluralidade.

A perspectiva decolonial reverbera, portanto, uma educação linguística crítica no que tange ao ensino de línguas, cooperando para que o indivíduo possa refletir sobre seu posicionamento político. Com isso, o sujeito pode cumprir seus deveres, reconhecer seus direitos frente às implicações de suas ações e identificar prevalências de poder/saber sobre o

outro, o que o subalterniza e deslegitima seus conhecimentos, revelando preconceitos. Tendo em vista as referidas condições, insisto em evidenciar a necessidade de nos posicionarmos em favor dos direitos de sermos e falarmos a partir de onde estamos, para que possamos ocupar os espaços que nos cabem, sem que seja necessário que o outro esteja em desvantagem. Essa mudança é possível com o reconhecimento de que temos os mesmos direitos, mas identidades diferentes.

1.3 Educação linguística crítica, intercultural e decolonial em espanhol

Diante da diversidade de culturas e línguas existentes no mundo e do processo de globalização, o avanço da tecnologia e as oportunidades de interação e contato linguístico-cultural que se dão com mais intensidade, seja nas disposições físicas, seja nas virtuais. Face ao mencionado cenário, são necessárias ações capazes de visibilizar a heterogeneidade, vista como constitutiva das inúmeras realidades que se chocam e, ao mesmo tempo, complementam-se de acordo com os contextos de uso. Essa cosmovisão oportuniza uma educação linguística crítica, intercultural e decolonial no ensino em espanhol, que promove o protagonismo das incontáveis identidades que, ao longo da história, vem sendo subjugadas por serem desfavorecidas pelos espaços geográficos ou políticos que ocupam em suas realidades locais.

Nesse sentido, é válido pensar em práticas de educação linguística crítica, intercultural e decolonial no ensino de espanhol, tendo em vista que

[...] pensar a educação linguística no ensino de língua para o atual contexto de transformações e mudanças tanto culturais quanto sociais, identitárias e tecnológicas é também pensar como esse tema tem transgredido o próprio espaço de discussões sobre processos de ensino-aprendizagem e se relacionado com outros temas igualmente importantes para o ensino, tais como questões de identidades sociais [...] Nessa perspectiva, é essencial uma educação linguística que se caracterize como aberta e sensível às diferenças, não só de aprendizagem e de modos de ensinar, mas também em relação às identidades sociais de raça, de gênero, de classes sociais, de sexualidades, que se presentificam nas salas de aula. Além disso, é preciso considerar uma educação linguística que possa problematizar, questionar e buscar romper com visões totalitárias e reducionistas de língua/linguagem, de sujeitos (Gomes; Nogueira, 2020, p. 33).

Além disso, para exercer uma educação que considere as pluralidades das identidades sociais, anco-ro-me nas palavras de Ferreira (2006, p. 35) sobre a educação linguística crítica, sob a qual “[...] relaciona-se com a forma como se ensina em sala de aula, seus objetivos, seu papel na sociedade e a habilidade de agir reflexivamente”.

Frente ao exposto, assumo um posicionamento inspirado pelas minhas práxis e representado pelo meu *lócus* de enunciação como professora de espanhol em contexto fronteiriço e pesquisadora de primeira viagem inquieta para buscar melhores reflexões sobre o que ocorre no meio em que me proponho a ensinar. Dessa posição, aprendo muito mais com inúmeros questionamentos pelos quais sou interpelada.

Por tais razões, as representações podem ser afetadas pelas resistências de educadores/as e pesquisadores/as que, assim como eu, apostam na certeza de haver inúmeras possibilidades a partir da educação linguística crítica desenvolvida sob perspectiva decolonial e intercultural, em um cenário fronteiriço como o de Porto Murinho.

Semelhante a este pensamento que me impulsiona, Baptista (2019, p. 19) destaca que

[...] Considerar e reconhecer esses movimentos exige reposicionar ou retirar nossas lentes no sentido de compreender por qual razão eclodem práticas translíngues e nos obrigam a rever a lógica de uma língua, cultura e identidade essencialmente orgânicas e organizadas; tal é o caso das práticas translíngues fronteiriças, a exemplo do portunhol bem como os contatos entre línguas e culturas em contextos não exatamente fronteiriços, caso dos novos cenários migratórios, como o do Brasil e Venezuela e fronteiriços como os de México e Estados Unidos, por exemplo.

Por meio dessa perspectiva, é possível compreender que a educação linguística crítica iniciada em sala de aula é capaz de mobilizar sujeitos a atuarem em sociedade, na tentativa de interagir independentemente dos limites geográficos ou mesmo subjetivos, quando se trata de contato cultural ou linguístico que forma diferentes identidades. Consoante às teorizações da autora, interrogo mais uma vez: “[...] como me insiro na problemática e como nela me situo?” (Baptista, 2019, p. 3).

Perante o questionamento, sou estimulada a me posicionar como pesquisadora, problematizando a discussão de questões epistemológicas a fim de revisitar determinados posicionamentos teóricos para, então, analisar como isso repercute nas produções das linguagens e nos discursos atuais. Indo além, também se trata de indagar saberes que se ancoram no ideal universal que perpetua um intelecto hegemônico em desfavor de uma perspectiva plural e diversa.

Dessa forma, acredito que conceitos contemporâneos como “des-pensar” (Santos, 2010), “desnaturalizar o pensamento” (Mignolo, 2006), “descolonizar o saber, o conhecimento e o poder” (Grosfoguel, 2011; Santos, 2010; Quijano, 2000), e “desinventar as línguas” (Makoni; Pennycook, 2007), entre outros, sinalizam múltiplos descentramentos que buscam criar fissuras/brechas na maneira como a colonialidade do poder-saber negou – e

ainda/nega – modos outros de ser/estar/viver/existir e de nos relacionarmos com o outro a partir de práticas de linguagem.

Partindo deste pressuposto, intento formular, no campo da Linguística Aplicada Crítica, um discurso que se sustente pela tentativa de contrapor formas unilaterais e ainda hierarquizadas de situar o campo da aprendizagem, em detrimento às línguas nativas e as que deveriam ser consideradas como segunda língua. Por integrar o contexto brasileiro, onde coexistem comunidades originárias e que miscigenaram, inclusive, por meio da interação com outros povos, a atual conjuntura de Porto Murtinho não é diferente, uma vez que ainda se estabelece um discurso colonial do ensino de línguas.

Logo, compreendo, por contributo dos estudos decoloniais, que os espaços educacionais precisam ser possibilitadores de criticidade e reflexão sobre as diferenças. Assumindo as palavras de Ferreira (2018, p. 60), concebo “[...] a perspectiva crítica como uma forma de ver o mundo e construir sentido a partir de um posicionamento”.

Sendo assim, é válido destacar, também, que a colonialidade do poder-saber proporcionou/engendrou a criação da dimensão sobre a linguagem, conforme argumenta Baptista (2019). A matriz da colonialidade/modernidade e de seu lado mais obscuro (Mignolo, 2017) também forjou – e continua forjando – modos epistêmicos e, conseqüentemente, metodológicos sobre o que é língua e sobre como ensinar língua. Segundo Baptista (2019, p. 123),

[...] a colonialidade da linguagem constitui-se uma das caras da colonialidade do poder-saber e essa dimensão traz em si ricas questões epistemológicas e metodológicas por incitar uma reavaliação da forma como o conhecimento sobre as línguas e práticas de linguagem tem se erigido e estabelecido na contemporaneidade, além de como essa epistemologia tem contribuído para a invisibilização e/ou apagamento do outro ao servir para manter relações de subalternidade entre sujeitos, línguas e culturas.

Na direção de pensar maneiras outras que possam reconhecer que sujeitos, língua(gens), identidade(s) e cultura(s) estão intrinsecamente relacionadas e são sócio e historicamente construídas em práticas situadas, defendo que tentativas decoloniais se configuram como um caminho possível e se colocam na contramão dessa dimensão da colonialidade da linguagem, em nosso caso, no ensino de línguas.

Sendo assim, pensar em práticas decoloniais (Gomes, 2021) na e em educação linguística crítica, intercultural e decolonial parte do reconhecimento de que, em espaços de superdiversidade – linguística e cultural – (Vertovec, 2007), o ensino crítico de língua, pelo viés da interculturalidade crítica e de uma perspectiva de pedagogia decolonial (Candau,

2009; Walsh, 2009, 2013), contribui para desarticular a concepção de que quem pode mais sabe mais. Assim, passa a ter lugar o respeito ao conhecimento das diferenças, às democracias e aos direitos linguísticos, inclusive para realização de uma de educação linguística crítica, especialmente de onde partem minhas indagações como pesquisadora que sente a partir de onde vivencia suas realidades: meu lugar de origem e meu *lócus* de enunciação.

Assim, acredito que tentativas decoloniais (e constantes!) podem favorecer práticas pedagógicas e processos de ensino-aprendizagem capazes de se abrirem a um diálogo intercultural (Dussel, 2016). Nessa configuração, todos/as podem, sabem, fazem e são diferentes. Além disso, respeitam-se e buscam compreender e reexistir a práticas insistentes em ditar padrões coloniais de poder (economia e política), de saber (posicionamentos epistêmicos-científicos totalizantes sobre língua(gem), de ser (de controle/interdições de configurações de sexualidades e dos papéis atribuídos aos gêneros) (Quijano, 2005; Fabrício, 2017) e de ensinar e aprender.

Nesse sentido, alinho-me a Gomes (2021, p. 7) ao considerar que práticas de educação linguística crítica, intercultural e decolonial podem

[...] proporcionar às/aos aprendizes um ensino mais crítico, reflexivo e de questionamentos sobre representações subalternizadoras e colonizadoras de língua(gem), de discursos, de modos de aprender, de ensinar, de ver as pessoas, de modos de ser, estar e viver no/com o mundo, com o *outro*, com as linguagens e a partir das linguagens. Penso, nesse sentido, em uma educação linguística que considere, por exemplo, que o corpo que aprende línguas é também um corpo constituído (e em constante processo de reconstituição) por identidades sociais diversas, ou é um corpo não binário, ou é um corpo constituído/performatizado por múltiplas identidades de raça, de gênero, de sexualidades. Essa visão de educação linguística sustenta-se a partir do reconhecimento de que nossos usos sociais (e ideológicos) da língua (gem) são marcados por intrínsecas relações – nada pacíficas – de poder, de identidades, de diferenças, relações essas que, em alguma medida, também são marcadas nos/pelos corpos negros, brancos, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais, indígenas, deficientes, gordos, magros (que importam!) e que estão presentes em nossas salas de aula.

Por isso, pensar uma ELC, intercultural e decolonial em espanhol como segunda língua é fazer com que os indivíduos, nesse caso os/as alunos/as, sejam interpelados/as pelas diferenças do/com o outro, sem discriminar as exterioridades daquele/a que não é igual a ele. Tal modo de compreender o ensino de línguas em educação linguística implica, inevitavelmente, na revisão curricular e na promoção de um currículo decolonial e intercultural para e no ensino de línguas (Walsh; Oliveira; Candau, 2018).

Além da visão trazida por Gomes (2021), nesta pesquisa, anoro minhas reflexões na ideia de que a EDC em Língua Espanhola pode ser pensada a partir, também, de praxiologias

que busquem integrar, no ensino críticos dessa língua, questões sociais, temas-corpos, temas-vidas, temas-vivências, temas-vivenciais, que propiciam espaços para propostas e atitudes decoloniais em sala de aula.

Sendo assim, considero que o sentido de educação linguística que está a favor de um posicionamento crítico docente. Imbuídos/as do pensamento de desconstruir uma lógica de visão binária, como se não houvesse opções outras ao se tratar das pluralidades, é possível construir saberes em que todos/as os/as envolvidos/as no processo – e, aqui, me refiro a estudantes – possam reexistir em suas singularidades, tendo a consciência de seus valores, deveres e direitos. Ressalto, ainda, que se problematiza e mobiliza no ambiente escolar, pode, inclusive, refletir nas outras pessoas que integram a vida social, transformando sua realidade a partir de referências que estabeleçam um senso de respeito, ética e justiça perante pequenas atitudes que insistem em marginalizar, oprimir ou que não venham ao encontro dos princípios básicos para o ser humano em constante aprendizado.

Isso requer, também, pensar em uma pedagogia decolonial em diálogo com uma perspectiva de “[...] pedagogia e práxis orientadas ao questionamento, transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida” (Walsh, 2009, p. 13-14). A EDC, por sua vez, pode levar o indivíduo a problematizar seus contextos locais por meio das contribuições da LA, especificamente no ensino da segunda língua, tendo em vista a mobilização de questões para além das de ordem linguageira – como a história, a cultura e as crenças dos falantes da língua estudada.

Uma vez identificado(s) o(s) problema(s), ele(s) deve(m) ser levado(s) à crítica, de modo a refletir sobre os resultados alcançados, para que as práticas possam ser transformadas. Tal atuação pode propiciar mudanças no contexto local, resultando na resignificação do ensino do EL como elemento sociocultural constitutivo da(s) identidade(s) local(is).

2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

2.1 Representações sociais

As teorias das representações sociais me ajudam a compreender de que forma o conceito sobre a imagem do sujeito, no campo da representação social, setorna-se uma referência subjetiva, que parte de uma perspectiva histórica, cultural e política na qual podem se orientar os pensamentos e a mudança social. Segundo Moscovici (1979, p. 6),

As representações sociais são conjuntos dinâmicos, sua característica é a produção de comportamentos e de relações com o meio, é uma ação que modifica a ambos e não uma reprodução destes comportamentos ou destas relações, nem uma reação a um estímulo exterior dado.

Assim, ao estudar a respeito da representação, é necessário descobrir o momento em que ela emerge na esfera social e como isso tem o poder de influenciar e condicionar os sujeitos ao longo de sua trajetória, tanto quanto sua forma de ver e participar do mundo. Conseqüentemente, as construções sociais das representações do sujeito quanto à cultura, língua e seus acessórios, passando pelo crivo de formas de condicionamento que impõem as construções das identidades dos sujeitos por meio das interações deles com grupos sociais, buscam uma maneira de organizar uma realidade por meio da comunicação.

Na mesma linha, Moscovici (2003, p. 12) pondera, sobre suas próprias considerações, que o “[...] referencial explanatório exigido para tornar os fenômenos sociais inteligíveis deve incluir conceitos psicológicos, bem como sociológicos”. Partindo dessa premissa, entendo que não há como realizar uma análise do ponto de vista social no indivíduo, se não compreendermos que o campo psicológico, formado e orientado pelos seus valores, crenças, histórias, verdades e fatores imprescindíveis, deve ser levado em consideração. Ainda, para Almeida e Santos (2011, p. 293),

Os critérios de verdade difundidos pelos cânones científicos que desconsideram as relações entre o sujeito e um objeto que faz parte de seu universo pessoal e social, passando a situá-los na funcionalidade que os conhecimentos inerentes a essa realidade assumem na vida cotidiana.

Paralelamente, as representações sociais fazem parte da nossa realidade, a partir do que discutimos interagindo com outro indivíduo e do que é veiculado na mídia ou em outros meios de comunicação. Por isso, uma representação é formada pelo conjunto “comunicação com o outro”, por meio de comportamentos e atitudes que geram percepções capazes de produzir uma nova realidade com base no entendimento de mundo (Moscovici, 2003).

Conforme Moscovici (2003, p. 20), um fator determinante a respeito das verdades é a familiarização, que “[...] é sempre um processo construtivo de ancoragem e objetivação [...] Mas a mesma operação que constrói um objeto dessa maneira é também constitutiva do sujeito”.

Por esse viés, as representações sociais se dão por meio de processos básicos, como o que se funda na objetivação – isto é, a transformação dos elementos coexistentes em tais fenômenos. Os resultados concretos das experiências coletivas são naturalizados nessa organização e na ancoragem em que se atribui um significado, associando-se à prática do conhecimento e dinamizando-se no pensamento dos sujeitos em interação com o meio social. Com isso, há a atribuição de novos sentidos e a construção de uma realidade capaz de levar a reflexões, levantar questionamentos por meio do intelecto das pessoas, fator que pode influenciar seus comportamentos e decisões perante diversas situações de seu cotidiano.

Por outro lado, é necessário considerar que “[...] dentro de qualquer cultura há pontos de tensão, mesmo de fratura, e é ao redor desses pontos de clivagem no sistema representacional duma cultura que novas representações emergem” (Moscovici, 2003, p. 15-16). Com base em tal perspectiva, compreendo a cultura enquanto uma relação simbólica impregnada de valores históricos, vida política e social, na qual ocorre a interação humana por meio da comunicação. Como ela reflete no grupo em que os indivíduos interagem, haverão ideias que se complementam, mas também opiniões que se confrontam, no interior de uma mesma comunidade culturalmente concebida.

Por esse motivo, a maneira de falar sobre a realidade subjetiva vem conduzida sob as crenças, conhecimentos, pensamentos e falas, como se fossem estabelecidos como verdades únicas. Destaco, assim, a importância da discussão crítica sobre a colonização e a colonialidade mascarada pelas ciências modernas que insistem em prevalecer sobre as matrizes de poder, refletem a esfera econômica sobre o saber e estão arraigadas em nossa história.

Ressalto, por fim, que, o projeto decolonial pode ser posto em prática a partir de uma postura reativa às dominações que prevalecem nos discursos. Isso porque, ao mesmo tempo em que os sujeitos podem ser influenciados, eles também podem, por meio de seus discursos e representações, influenciar na construção de conhecimentos e sentidos sobre o outro, em defesa de um objetivo. Tal movimento requer interrogar um ideário eurocêntrico e o padrão que justifica o global, descortinando verdades que estão a serviço de grupos oprimidos, silenciados ou subjugados, para que possam ser valorizados em suas diversidades de cultura, língua e saberes locais.

2.1.1 Representações sociais sobre o ensino de espanhol

Fairclough (2010) contribui significativamente para conceber o modo como língua e linguagem, no interior das relações sociais, opõem-se à ideia de algo inerte e estagnado devido às atividades que as modificam no tempo e no espaço. Isso conduz a compreender que, ao nos centrarmos nas práticas sociais languageiras, direcionamos, de forma crítica, nossos olhares, tanto quanto as análises dos discursos dos sujeitos, espaços e relações de poder ideologicamente situadas.

Na mesma direção, recorro às teorizações de Moscovici (2003, p. 41), que complementa que “[...] todas as interações humanas, [que surgem] entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações”, ou seja, “as pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da co-operação”. Diante disso, cabe-me situar as representações sociais sobre o ensino de espanhol, pois, com esse contributo, entendo que as línguas operam em sistema que dá sentido e significação à linguagem e à cultura.

Por essa razão, proponho refletir sobre a escolha da língua a ser ensinada, bem como o tipo de espanhol que deveria estar presente nas escolas e o perfil dos profissionais responsáveis por ofertar essa disciplina. Interrogo, portanto: o que é preciso aprender sobre essa língua que é falada por, pelo menos 21 países, com culturas, povos, religiões e literaturas diferentes? Quais as motivações que levam à escolha de ensinar e aprender o espanhol falado na Espanha?

Vindo ao encontro de tal pensamento, Rocha (2013, p. 10) aponta que “[...] o trabalho pedagógico sob perspectivas plurilíngues envolve acatar que sentidos são constituídos histórica e culturalmente e que não existem verdades absolutas”. Destarte, resalto a sensibilidade às necessidades e realidades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem como demanda primordial, que requer repensar as condições de produção de currículos, a fim de que valorizem representações e identidades tanto dos/as professores/as como dos/as educandos/as.

Partindo desses apontamentos e da importância dos diversos contextos de ensino Língua Espanhola no sistema de ensino brasileiro, é conveniente considerar que visões estereotipadas sobre culturas nas aulas estão relacionadas às dificuldades de se mobilizar os sentidos, mesmo diante de propostas pedagógicas ancoradas, por exemplo, nas Orientações Curriculares Nacionais (Ocem) (Brasil, 2006). O documento prevê, dentre vários motivos para se aprender a língua estrangeira, a comunicação em diversos contextos, de forma o/a

aluno/a atue como cidadão no mundo, inclusive pela valorização no setor profissional – embora que não se limite a isso.

No escopo da psicologia social, centrada no comportamento humano, as percepções e relações sociais de Moscovici (1976) estabelecem, como fenômeno, a teoria das representações sociais e a caracterização, dada por ele, do pensamento primitivo, de ciência e de senso comum, demonstrando como pensa o homem ao relacionar esses elementos. Assim, a episteme das representações sociais demandam entender o senso comum como uma forma geradora da essência dos sentidos e significados subjetivos, e a linguagem da ciência enquanto fundamentadora da objetividade e das evidências (Moscovici, 2003).

Em decorrência disso, pondero acerca da representação do/a professor/a no âmbito educacional, questionando como é construído o conhecimento científico específico para sua área de atuação. Ainda, indago: como pautar-se no senso comum, que permeia sua representação social, sem que isso desconsidere o contexto em que se desenvolve a ação docente?

Tendo em vista os aspectos abordados, atuo em prol das classes que se fazem representar e que contribuem para a defesa do ensino da Língua Espanhola em Mato Grosso do Sul. Dentre elas, ressalto que há um grupo de professores/as que mantêm uma comunidade no *Whatsapp* com objetivo de disseminar informações sobre movimentos, ações e demandas correlacionadas à área. Ele surgiu com o intuito de reafirmar a importância da interação entre profissionais atuantes e interessados/as na área, bem como informar a respeito de formações de professores para atender à mencionada demanda de ensino, a fim de diminuir quaisquer tipos de preconceitos relacionados à língua e valorizá-la no contexto em que sua relevância é justificada.

A respeito disso, também pode ser evidenciada a oferta de cursos de Licenciatura em Letras com habilitação em Português e Espanhol em várias instituições públicas – a exemplo da UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), nos campus de Campo Grande e Dourados; e da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), nos campus da Cidade Universitária, de Três Lagoas, de Aquidauana e do Pantanal, tanto quanto na modalidade EaD (Educação a Distância) da mesma instituição, que abrange vários polos. No Estado, existe, também a oferta, do curso por IES (Instituições de Ensino Superior) particulares e pelos IFs (Institutos Federais), que oferecem cursos livres de Língua Espanhola.

Ademais, ressalto a bravura do movimento “Fica Espanhol”, iniciativa de um grupo de docentes do estado do Rio Grande do Sul que ganhou repercussão no Brasil, em razão de uma luta a nível nacional pela permanência do espanhol como disciplina. Com dois professores de

Mato Grosso do Sul representando o Estado, a iniciativa afirma a sua importância sob a justificativa de que o Brasil é situado na América Latina.

Como a demanda pela mobilização indica, sujeitos que representam o setor educacional iniciaram movimentos para se fazerem vistos, representando a voz de um grupo e de uma verdade. Indo além, também apontam para a importância de reconhecer e de valorizar as diferenças que despontam entre as culturas que se encontram nas fronteiras geográficas, mas que podem se chocar com as fronteiras ideológicas se as representações sociais não se fizerem vistas, ouvidas e compreendidas.

Ainda, Maher (2007) endossa o conceito de interculturalidade, concebendo que a relação entre as culturas deve ser considerada. Em outras palavras, é preciso compreender que a interculturalidade se dá no encontro e no conflito entre culturas e suas diversas representações de identidade, de gênero, de orientação sexual, de religião, etc. É lidando com essa problemática no ensino de línguas de forma crítica e política que podemos, de fato, sentir como ocorre esse processo.

No contexto estadual, menciono a obra *El español en Mato Grosso do Sul-Brasil: lengua, cultura, literatura, enseñanza, investigación y formación de profesores*, organizada por Barreda, Arf e Zwarg (2022), em função de sua importância na valorização, apresentação e representação de diversas vozes, espaços e realidades de personagens próximos à nossa realidade. O projeto, composto por 12 capítulos, teve como resultado uma gama de registros de experiência de profissionais comprometidos/as com a educação linguística crítica para a interculturalidade no ensino de espanhol, cultura, literatura, a pesquisa e formação de professores para além das fronteiras.

Sendo assim, as representações acerca do ensino de LE que partem diretamente das realidades docentes reconhecem, primeiramente, suas identidades como professores de espanhol. Além disso, elas são construídas pela defesa da importância de estudar as línguas e as realidades dos seus falantes. Assim, não partem de uma noção interculturalidade simplista, mas questionam identidades oprimidas, reexistindo em face de um discurso que, nessa conjuntura, parece inquestionável.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS: CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

3.1 A pesquisa qualitativa-interpretativista no campo da Linguística Aplicada

Neste capítulo, descrevo a trajetória metodológica empregada no trabalho e explico, detalhadamente, a metodologia de análise do *corpus*. Assim, primeiramente, situo a pesquisa como qualitativa-interpretativista no campo trans/indisciplinar da Linguística Aplicada (Lopes, 1994, 2006, 2009; Rojo, 2006). Na sequência, apresento o estudo, o seu contexto de realização e o perfil dos/as colaboradores/as e participantes. Por fim, delimito o *corpus* e a organização analítica.

Conforme já mencionado no capítulo introdutório, a presente pesquisa se situa no campo da LA e vincula-se ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Linguística Aplicada (Nepla/Unifap/CNPq). Em tal escopo, parto das reflexões de Lopes (1994, p. 332), para quem a pesquisa qualitativo-interpretativista e seus “[...] múltiplos significados, que constituem as realidades, só são passíveis de interpretação a partir de significações sociais”.

Nesse sentido, o estudo se ancora na referida perspectiva devido à construção de significados por meio do processo de interação entre a pesquisadora e os/as colaboradores/as e participantes, ambos inscritos/as na dinâmica entre linguagem, discurso, ordens discursivas e ideologias que reverberam nas práticas sociais. Conforme Lopes (1994, p. 331) sugere, “[...] o significado não é o resultado da intenção individual, mas de inteligibilidade interindividual”.

Seguindo no que tange aos embasamentos que mobilizo, destaco que a abordagem qualitativa-interpretativista contribui não no sentido de partir do indivíduo, mas de sua participação na sociedade e da forma como repercute sua interação nela – como é o caso dos/as atores/as sociais que colaboraram com esta pesquisa. Ainda, as pesquisas vinculadas à LA têm lidado com objetos diversos de investigação (Rojo, 2006), ampliando cada vez mais sua agenda e estabelecendo diálogos com diversos campos do saber. Não diferente dessa lógica, busquei criar inteligibilidade (Lopes, 2006, 2009) ao sular (Campos, 1991) as reflexões tanto teóricas quanto analíticas aqui empreendidas sobre representações sociais acerca do ensino de EL em um contexto de fronteira.

Tendo em vista o caráter interventivo da LA, o meu foco não recaiu sobre a elaboração de um problema de pesquisa sem relação com um contexto social. Ao contrário, ao buscar investigar representações de atores sociais sobre o ensino de LE, procurei discutir um problema no sentido trazido por Rojo (2006, p. 258):

A questão é: não se trata de qualquer problema – definido teoricamente – mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas

teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico.

Desse modo, a relevância social desta dissertação se estabelece no sentido de analisar quais são as representações criadas/estabelecidas sobre o ensino de espanhol em contexto de fronteira e a relevância de tal ensino para as pessoas que habitam o cenário de superdiversidade linguístico-cultural do município de Porto Murtinho. Em função disso, julgo relevante, portanto, situar o estudo no campo da LA, pois também sou mobilizada por “[...] uma preocupação com novas teorizações calcadas em novos modos de entender a vida social [...]” (Lopes, 2013, p. 86).

3.2 O contexto da pesquisa e os participantes/colaboradores

No tocante à configuração tipológica, a pesquisa configura-se como de campo, explicativa e interpretativista. Segundo Gil (2008), os tipos de estudo variam de acordo com os objetivos propostos e os procedimentos técnicos. Assim, tendo em vista os objetivos da dissertação e as questões de pesquisa, a realização do percurso metodológico e analítico é sustentada pelas bases teóricas do pensamento decolonial e dos estudos sobre representação social.

É necessário salientar que participo, como docente e pesquisadora, do grupo focalizado, ao mesmo tempo em que vivencio, com ele, a problemática alvo desta proposição. Imersa no contexto dos discursos construídos por sujeitos que representam uma posição social, estou inserida no espaço de enunciação de diversas origens, identidades e verdades preservadas por eles. Especificamente, os contextos de pesquisa são ambientes educacionais, sendo uma escola da rede de estadual que oferta Ensino Médio regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA) de nível médio e a Secretaria Municipal de Educação.

No tocante à instituição de ensino, o *locus* da pesquisa foi a Escola Estadual José Bonifácio, localizada no município de Porto Murtinho. Ela atende a uma média de 700 estudantes do EJA, no noturno, e do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano Ensino Médio regular, nos turnos matutino e vespertino. Além disso, conta com duas extensões rurais que oferecem, no total, duas salas multisseriadas de Ensino Médio, com 20 alunos e 5 professores: a Sala Maria Dalva Garahi, na Colônia Cachoeira, distante, aproximadamente, 90 km da sede; e a Sala Santa Maria, na fazenda Santa Otília, distante 130 km.

A sede escolar possui, entre docentes e funcionários/as administrativos/as, 64 servidores, que atuam em três períodos, cobrindo um trabalho com 24 turmas: 10 no matutino; 8 no vespertino; e 4 no noturno. Ela possui 10 salas de aulas climatizadas, além de espaços

como sala de tecnologia, sala de vídeo, laboratório de ciência (em estruturação), biblioteca sala de professores, secretaria, direção, coordenação, cozinha, banheiros (dois com acessibilidade), quadra de esporte, palco com cobertura, refeitório, depósito de material pedagógico, dispensa, uma sala de recurso desativada e piso tátil.

Minhas experiências nessa escola já somam pouco mais de dez anos, desde a primeira prática de docência como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Também ocupei a função de professora da sala de recursos de alunos/as com necessidades educacionais especiais e na área da Produção de Textos, Literatura e a Língua Espanhola no Ensino Médio. Atualmente, atuo na coordenação pedagógica do Ensino Médio e na modalidade EJA, nos períodos matutino e noturno.

O entorno escolar é composto por residências e uns poucos comércios, em uma área de classe média e média baixa. Tanto no seu corpo docente quanto discente, a instituição é marcada por heterogeneidades de várias ordens, como religião, sexualidade, nacionalidade, regionalidade, entre outros fatores.

3.2.1 Os atores sociais participantes/colaboradores da pesquisa

Para ter acesso às representações sobre o ensino de LE no contexto foco desta investigação, foram selecionados/as 10 atores/as participantes/colaboradores/as que compõe o quadro e/ou frequentam a escola na área urbana: 1 diretor/gestor da instituição da rede estadual; 2 professores/as de Língua Espanhola, sendo 1 da REE/MS e 1 da Reme; 6 alunos/as; e 1 representante do Conselho Municipal da Educação, que também representa a Secretaria de Educação.

O critério de seleção dos/as atores-professores/as participantes se justifica pelo fato de terem licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Espanhola e/ou terem experiência no magistério com o ensino de espanhol. Outro requisito fundamental foi já terem lecionado LE em escolas públicas e/ou privadas. O critério para escolha de estudantes foram os seguintes: estar matriculado/a e frequentando o 3º ano do Ensino Médio ou a Educação de Jovens e Adultos, pois o foco é na etapa final de ambas as modalidades; e ter tido alguma experiência pessoal ou escolar com a LE.

A contribuição dos/as participantes/colaboradores/as para a pesquisa foi muito significativa, levando em consideração o contexto educacional no qual se insere essa investigação. Atores sociais representados por alunos/as do último segmento do ensino na educação básica contemplam estudantes que, de alguma forma, têm experiência com a LE e com a cultura paraguaia. Quanto aos/as docentes, além de professores/as que atuam com a

disciplina na EJA/EM, também obtive a colaboração de um professor da Reme, que atua desde as séries iniciais à EJA do Ensino Fundamental. Em conjunto com sua trajetória e experiência profissional com o espanhol no município, o docente em questão também é paraguaio e atravessado pelo orgulho de ser professor nativo e já ter contribuído com outros projetos na área e com ensino de LE.

Cada colaborador/a e participante tem importância como representação em suas práticas individuais, considerando que o segmento educacional repercute na sociedade em diversos aspectos. Na sequência, apresento o Quadro 1, que sistematiza o perfil dos sujeitos alunos/as, professores/as e diretor:

Quadro 1 – Perfil dos sujeitos alunos/as, professores/as e diretor

Isidoro	Kátia	Maria Eugenia	Rayane	Roseli	Wanessa	Professor Edson	Professora Paula	Professora Zunilda	Diretor Manoel
Tem 38 anos; Descendência paraguaia; Entende e fala bem a LG e entende a LE, mas não fala fluentemente; Trabalha como auxiliar em serviços gerais; Está cursando a modalidade de EJA, nível médio.	Tem 40 anos; Descendência paraguaia; Entende e fala bem a LG e entende LE, mas não fala fluentemente; Usa o “portunhol” na tentativa do espanhol; Está cursando a modalidade de EJA, nível médio.	Tem 60 anos; Descendência paraguaia; Entende e fala bem a LG e LE. Está cursando o terceiro ano do ensino médio regular.	Tem 18 anos; Descendência paraguaia; Tem contato com a LG em sua família; Entende a LG e a LE, mas não fala; Está cursando o terceiro ano do ensino médio regular.	Tem 33 anos; Tem contato com o guarani e o espanhol por parte da família do esposo; Entende o guarani e o espanhol, mas não fala; Trabalha com vendas; Está cursando a modalidade de EJA, nível médio.	Tem 18 anos; Descendência paraguaia; Tem contato com a Língua Guarani em sua família, mas não entende. Está cursando o terceiro ano do ensino médio regular.	Possui formação em Língua Guarani, Espanhol e Pedagogia. Tem mais de 15 anos de experiência na área; É professor efetivo na rede municipal de ensino; Leciona Língua Espanhola na modalidade de Ensino Fundamental, nível I.	Possui formação em Letras – Português/ Inglês; Tem mais de 17 anos de experiência na educação; É professora celetista na Rede Estadual de Ensino; Atua na modalidade EJA, na disciplina de LE, e com LI no ensino médio regular; Também é professora efetiva na Rede Municipal de Ensino e leciona língua inglesa no ensino fundamental.	Possui formação em Pedagogia, com habilitação em administração e didática; Pós-Graduada em Inspeção Escolar; Aposentada como professora regente da Rede Estadual de Ensino; Atualmente, é gerente de normatização da Secretaria Municipal de Educação e Presidente do Conselho Municipal de Educação.	Possui formação em Letras – Português/ Inglês; É professor efetivo da Rede Estadual de Ensino; Possui experiência de mais de 20 anos na educação; Atualmente, está no segundo mandato da gestão escolar; Também é professor efetivo da Reme, afastado pela necessidade de dedicação exclusiva como diretor escolar.

Fonte: quadro elaborado a partir das entrevistas realizadas.

3.2.2 Os instrumentos de geração de dados e a organização do *corpus* para análise

Para geração do *corpus* da pesquisa, foi utilizada, como instrumento, a entrevista qualitativa do tipo explicitação. De acordo com Gil (2008, p. 216), a entrevista é muito recorrente nas pesquisas de abordagem qualitativa e é

[...] é aplicável a um número maior de pessoas, inclusive às que não sabem ler ou escrever. Também, em abono à entrevista, convém lembrar que ela possibilita o auxílio ao entrevistado com dificuldade para responder, bem como a análise do seu comportamento não verbal.

Por ser um instrumento com bastante flexibilidade (Gil, 2008), ela nos permite ter acesso a certas representações sociais dos/as participantes/colaboradores/as deste estudo. No tocante à definição de entrevista, Vermersch (2020, p. 20) postula que ela pode ser compreendida como

[...] um conjunto de práticas de escuta baseadas em guias para identificar o que é dito e de técnicas de formulação e reformulação (perguntas, estímulos, silêncios) que buscam ajudar e acompanhar a expressão em palavras de uma área particular da experiência em relação a vários objetivos pessoais e institucionais.

Mais especificamente, a entrevista de explicitação permite compreender, segundo Vermersch (2020), certas ações realizadas pelos sujeitos a partir de suas verbalizações. Em outras palavras, ela promove a descrição, pelo próprio sujeito, da vivência da sua atividade em uma situação singular, parte integrante da sua experiência, o que pode revelar representações construídas sobre determinadas questões sociais.

Tendo por base essa modalidade de geração de dados, elaboramos 4 roteiros de entrevistas de explicitação¹¹ para os/as 10 participantes/colaboradores/as, sendo que as perguntas foram construídas em consonância com os objetivos específicos e as perguntas de pesquisa. Cada grupo de participante/colaborador/a respondeu perguntas diferentes, que iam ao encontro de suas realidades como representantes dos segmentos pelos quais foram previamente selecionados/as.

Optei por realizar entrevistas de explicitação para que a temática fosse abordada como algo que deve ser discutido de forma aberta, livre e que pudesse trazer à tona as representações sociais, pelo viés discursivo. As entrevistas foram gravadas em aparelho de áudio para serem transcritas. O *corpus* foi obtido por meio de perguntas elaboradas como tópicos, mas que foram modificadas conforme a necessidade no momento da entrevista.

¹¹ Respectivamente, Apêndices 1, 2, 3 e 4.

Com o intuito de garantir a preservação da identidade de cada participante/colaborador/a e seguindo os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética¹² em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul Todos/as receberam, respectivamente, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, para que pudessem compreender quais seriam os objetivos da pesquisa e confirmar a participação, tanto quanto autorizar ou não a veiculação de seus nomes reais ou de pseudônimos..

A entrevista com atores/atrizes professores/as e alunos/as foi realizada na escola, sempre de forma individual. Apenas uma das colaboradoras solicitou que a entrevista fosse realizada em sua residência, o que foi fácil de ser atendido, tendo em vista que ela se sentia melhor em sua casa. Para realização das transcrições, foram consideradas as normas propostas por Marcuschi (2003) e pelo Projeto NURC/SP.

As entrevistas com professores/as foram realizadas no dia 10/07/2023 e tiveram a duração de, aproximadamente, 40 minutos. Já a entrevista com o diretor ocorreu em 11/07/2023 e durou 10 minutos. Os/as alunos/as, por sua vez, foram entrevistados/as nos dias 11 e 12/07/2023.

Quadro 2 – Organização das entrevistas

Entrevistado	Tempo de duração	Local
Professor Edson	45 minutos	Escola Estadual José Bonifácio – Sala da coordenação
Professora Paula	19min28s	Escola Estadual José Bonifácio – Sala da coordenação
Professora Zunilda	13min37s	Residência da professora
Diretor Manoel	10min58s	Escola Estadual José Bonifácio – Sala da direção
Aluno Isidoro	40min	Escola Estadual José Bonifácio – Sala da coordenação
Aluna Kátia	03min47s	Escola Estadual José Bonifácio – Sala da coordenação
Aluna Maria Eugenia	08min25s	Escola Estadual José Bonifácio – Sala da coordenação
Aluna Wanessa	03min44s	Escola Estadual José Bonifácio – Sala da coordenação
Aluna Rayane	03min	Escola Estadual José Bonifácio – Sala da coordenação
Aluna Roseli	07min32s	Escola Estadual José Bonifácio – Sala da coordenação

Fonte: autoria própria.

3.2.3 Organização do *corpus*

¹² A pesquisa foi aprovada pelo CEP, sob o CAAE: n°69633623.9.0000.0021 e Parecer n° 6.148.669, em 5 de julho de 2023, conforme Anexo 1.

Para condução da análise do material empírico do estudo (Denzin; Lincoln, 2006), oriundo dos recortes discursivos retirados das entrevistas de explicitação, os dados foram organizados a partir de Segmentos de Orientação Temática (SOT) e de Segmentos de Tratamento Temático (STT), categorias elaboradas por Bronckart (2008) e Bulea (2010) e readaptadas em função dos dados desta pesquisa. Elas foram usadas pelo pesquisador e pela pesquisadora para análise do agir de trabalhadores ao tratarem sobre suas profissões quando entrevistados.

No caso deste estudo, como me interessa investigar as representações sociais, pelo viés discursivo (Irineu, 2011), presentes nos discursos dos atores sociais, optei por considerar essas categorias a partir daquilo que os dados revelaram. Alinhada com Bulea (2010, p. 91), entendo que os SOT e os STT configuram-se como

[...] segmentos de introdução, de apresentação ou de início de um tema, segmentos produzidos sobretudo pelo entrevistador, e que nós qualificamos de Segmentos de Orientação Temática (doravante SOT) [e] segmentos produzidos sobretudo pelo entrevistado, em resposta a uma questão ou em seguida a uma retomada do entrevistador, ou, em nossa terminologia, em seguida a um SOT, segmentos em que o tema é efetivamente tratado, nós os qualificamos de Segmentos de Tratamento Temático (doravante STT). Esse tratamento temático pode assumir formas diversas: reformulação, extensão ou complexidade do foco introduzida pela questão, participação ou focalização sobre um aspecto considerado como pertinente, exemplificações, etc.

Com essa metodologia de produção e de análise dos dados, avalio que é possível analisar as representações e, em seguida, interpretá-las, a partir de uma perspectiva discursiva e decolonial. Isso porque os SOT e os STT permitem identificar as opções temáticas e as concepções gerais feitas pelo indivíduo em seu discurso. Dessa forma, eles são definidos com base nos tópicos presentes nos dados de cada estudo, uma vez que o conteúdo temático presente nos textos analisados é desenvolvido a partir dos objetivos traçados por cada investigador (Bulea, 2010). Na presente dissertação, consideramos as perguntas dos roteiros das entrevistas de cada grupo como os SOT e as respostas enquanto STT.

Ainda inspirada nos processos metodológicos propostos por Bulea (2010), realizei recortes temáticos das entrevistas a partir de representações presentes nos discursos-respostas de cada participante/colaborador/a. Os cortes em segmentos e a classificação dos STT permitirão estabelecer o que Bulea (2010, p. 91) denomina de “cenário da entrevista”, o qual será contextualizado anteriormente à apresentação dos SOT e dos STT. Assim, na representação esquemática do Quadro 3, apresento como será organizada e realizada a análise dos recortes discursivos/excertos das respostas:

Quadro 3 – Organização da análise do *corpus* discursivo
TEMÁTICAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

SOT: Pesquisadora – **Perguntas do roteiro da entrevista ao/à ator/atriz social – participante/colaborador/a da pesquisa**

STT 1: Entrevistado – **Recorte discursivo/excerto da entrevista**

Análise discursiva-crítica-decolonial dos excertos/STT que contém representações:

Tema 1 – Representação social

Tema 2 – Representação social

Tema 3 – Representação social

Fonte: autoria própria.

4 ANÁLISE DOS DADOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE O ENSINO DE ESPANHOL/LE: OS DIZERES DOS ATORES SOCIAIS/COLABORADORES DA PESQUISA

4.1 Temática 1 – Representações dos gestores sobre a oferta de LE: “...é uma política de momento ...”

As representações sociais analisadas, pelo viés da abordagem discursiva (Irineu, 2019), são de atores/atrizes sociais participantes da pesquisa, como: diretor/gestor da instituição que oferta o Ensino Médio regular a modalidade EJA, etapa EM; a presidente do Conselho Municipal de Educação, que também é Chefe de Normatização da Secretaria Municipal de Educação; professores/as de LE; e alunos/as do EM e EJA. Considero a abordagem discursiva das representações sociais, pois elas, conforme argumenta Irineu (2019, p. 9),

[...] orientam práticas e constituem a identidade de um grupo [...]. Assim, pode-se afirmar que as representações, complexas e necessariamente inscritas em um referencial de um pensamento pré-existente, caracterizam-se por serem dependentes de um sistema de crenças, ancoradas em valores, tradições e imagens do mundo e da existência, como objetos constituídos no e pelo discurso.

Ao iniciar a interação por meio da entrevista e explicar o direcionamento da pesquisa ao diretor responsável pela REE/MS, especialmente a respeito do ensino de línguas, perguntei qual(is) língua(s) estrangeira(s) compõe(m) o currículo e é (são) ofertado(s) na instituição atualmente e obtive a seguinte resposta:

Excerto 1

STT1: Ator social – Diretor Manoel

“Atualmente, a gente tá com o inglês, somente. Eu acho que a gente tem uma aula de espanhol na educação conectada, somente EJA (Educação de Jovens e Adultos)”.

Interpreto que, no STT1, a representação apresentada por Manoel em discurso diz respeito à oscilação na oferta do componente curricular da segunda língua, já que essa, entre as propostas, segundo ele, muda de ano a ano. Anteriormente, tanto a disciplina de LI como a de LE eram opções passíveis de serem escolhidas, até a alteração promovida pela revogação da Lei que retirava a obrigatoriedade do ensino da LE. A partir de então, passou a ser ofertada, no EM, apenas a Língua Inglesa, até o momento presente. A LE, entretanto, diferentemente do EM, foi mantida como disciplina no currículo da modalidade da EJA, distinção que ele disse não entender a motivação. No que tange ao governo, o diretor afirma que:

Excerto 2**STT2: Ator social – Diretor Manoel**

“[...] o estado altera muito, é uma política de momento... Esse ano tentam de um jeito, outro tentam de outro [...]”.

Ao opinar a respeito das novas diretrizes e a conseqüente decisão do governo de tornar a oferta de espanhol optativa, ele diz ver como fundamental manter ambas as línguas e justifica:

Excerto 3**STT3: Ator social – Diretor Manoel**

“Eu penso que inglês e espanhol é fundamental. É até difícil a gente aqui medir a necessidade, porque o inglês tem uma importância universal, e o espanhol tem uma importância regional, aqui, por conta da fronteira e do MERCOSUL. Então, eu acredito que, se eu tivesse que escolher, colocaria as duas”.

Observo que, em sua representação, o ator social diretor apontou a importância de ambas as línguas, justificando uma pela demanda global e a outra pela demanda regional. Assim, teoricamente, cada uma ocupa, distintamente, funções que impactam, diretamente, conhecimentos essenciais que alunos/as devem ou deveriam ter acesso.

Em sua próxima fala, ele tece comentários sobre a falta de estruturas adequadas para o ensino de línguas nas escolas, tais como um laboratório específico a essa finalidade, para que, de fato, ocorra o ensino de qualidade. Além disso, o participante considera que se deve trabalhar a escrita, a leitura e a oralidade. Até esse momento de sua fala, percebo, no entanto, que ele não menciona a importância do profissional diante desse desafio que é ensinar línguas, mesmo diante da falta de recursos. Tal fator é importante porque a prática da oralidade, por exemplo, não se restringe apenas à existência de um laboratório específico, uma vez que isso também demandaria a luta por melhores condições para que algo aconteça, de fato.

Dessa maneira, penso ser viáveis práticas pedagógicas que podem começar pela interação entre os professores e alunos/as em sala de aula, em seus diálogos mais corriqueiros. Como fator determinante para que as mencionadas ações se efetivem e se tornem cada vez mais expansivas, é primordial a oferta de formações continuadas e capacitações por parte do Estado. A qualificação permite que profissionais atuantes no ensino de línguas possam melhorar suas práticas e traçar novas estratégias a partir dos recursos e cenários disponíveis, aproveitando, também, o fato de o município de Porto Murtinho estar a apenas alguns metros de um país que fala outro idioma, a Língua Espanhola. Sobre a oferta de línguas estrangeiras, o ator social afirma:

Excerto 4**STT4: Ator social – Diretor Manoel**

“Eu tenho uma visão de educador e vejo a importância das duas línguas nas escolas, mas, assim, também por outro lado, eu vejo que o Estado não oferece nenhuma estrutura adequada pro ensino dessas línguas. As escolas precisariam de laboratórios... Língua estrangeira só se aprende falando. Tem que ter laboratório, tem que ter a prática da fala. Se não tiver, vai ser difícil. Isso só através de laboratórios. Copiar, escrever no quadro, eu acho que é pra preenchimento mesmo de legenda, de currículo, não vejo muito resultado nisso”.

O diretor assumiu a gestão no ano seguinte às alterações. Ao ser questionado sobre o conhecimento das normas sobre a oferta e ensino de línguas na rede, disse ter recebido as orientações por meio de correspondências eletrônicas, juntamente com a grade curricular válida a partir do ano de 2018, já não contemplando a LE como obrigatória.

Alega, dessa forma, que não sabia que poderia ter mantido a disciplina justificando sua relevância ou, mesmo, convocando a comunidade escolar para que fossem repassadas as novas diretrizes, uma vez que ela poderia ter direito a optar em manter as duas disciplinas, tanto quanto pensar na possibilidade de estabelecer um currículo adequado ao que se vive. Entendo que a consulta poderia contribuir, por exemplo, para a construção de identidades dos sujeitos que ali protagonizam e com quem a escola, por sua função social, deve estar comprometida. A respeito da hierarquização das decisões, o diretor considera que

Excerto 5**STT5: Ator social – Diretor Manoel**

“Às vezes, as coisas vêm de modo tão rápido e de cima pra baixo que nem sempre a gente dispõe de tempo pra informar a comunidade como deveria. Ultimamente, a gente tem o programa Família na escola. A gente tem mais encontros, mas antes era mais difícil. Então, essas mudanças atuais todas é difícil a gente cumprir criteriosamente, com todas as demandas, o tempo certo, né. Então, hoje a comunidade vem tomando consciência, tá, mas é assim: quando se começa a tomar consciência de uma coisa já muda”.

Dessa maneira, ele reconhece a importância do conhecimento e de estarmos informados, atentos, por exemplo, às políticas de afirmação no tocante à legislação. Tal forma de participação social auxilia a conduzir melhor, refletir sobre as necessidades e tomar decisões que atendam às demandas locais, como foi o caso da oferta do espanhol como uma disciplina que é favorável ao público no contexto fronteiriço. Acerca da dinâmica local, o participante discorre que:

Excerto 6**STT6: Ator social – Diretor Manoel**

“Nós vivemos numa região de fronteira, né. Uma região trilingue, digamos assim. Eu acho que o guarani é difícil de aprender, principalmente a gente,

depois de adulto. E as crianças... a cultura da família murtinhense hoje já tá tentando extinguir o guarani, tá, mas eu acho que, culturalmente, tem uma importância sem dimensões, tá. E quanto ao espanhol, o fato de tá aqui na fronteira até porque é a segunda língua mais falada no mundo, né? Então, é de suma importância o espanhol, aqui ou em qualquer lugar, assim como o inglês, né. Agora, culturalmente, se coloca sempre o inglês à frente, mas eu acho que quem tem um bom inglês como um bom espanhol vai se dar bem em qualquer lugar do mundo”.

Para ele, é fundamental possibilitar o conhecimento de mais de uma língua, como o espanhol e o inglês. O diretor cita, também, a realidade da Língua Guarani, por exemplo, que é falada na região e vem sendo extinta, o que, segundo ele, ocorre, inclusive, pela atitude de alguns cidadãos paraguaios não permitirem que seus filhos, nascidos no lado brasileiro, aprendam a língua predominante na família por receio de ter interferência sobre a aprendizagem escolar.

Ao pedir suas considerações finais acerca da última parte da entrevista, que contempla a possibilidade de rever a demanda local a respeito da oferta da Língua Espanhola, pensando na função social da escola, o gestor ressalta que

Excerto 7

STT7: Ator social – Diretor Manoel

“A falta de estrutura não vai só da escola em si, como a falta de profissional também, não é a questão logística, mas a falta de profissional preparado também pra essas disciplinas, tá... Se eu pudesse escolher e eu dar a estrutura e tivesse ao meu alcance, eu implantaria as duas línguas, sem dúvida alguma ou estudo. Eu não usaria a expressão obrigatório, mas eu ofertaria, colocaria à disposição do aluno as duas línguas... mas com estrutura, com a certeza de que iriam aprender o suficiente pra fazer uso na vida com sucesso”.

Para ele, é importante que profissionais que representam as suas áreas defendam e “vendam seu produto” (Diretor Manoel) da melhor forma possível, dirigindo-se à importância que todo/as têm perante a educação.

A próxima pessoa entrevistada foi a professora Zunilda Lopes, presidente do CME e atual responsável pelo setor de normatização da Secretaria Municipal de Educação. A primeira pergunta dirigida a ela foi a respeito da oferta de línguas na REME. Ela responde que permanecem a LI e a LE, que são ensinadas desde a pré-escola, com duas aulas de inglês e uma aula para o ensino de LE. A carga horária reduzida de espanhol foi estabelecida no ano de 2021, quando implementaram a disciplina de empreendedorismo, a diminuiu uma aula da disciplina, sob a justificativa de não ser obrigatória pela BNCC e de ser passível de sofrer alterações pelo fato de ser optativa, conforme a professora afirma a seguir:

Excerto 1**STT1: Ator social – Presidente da CME, professora Zunilda**

“Eram duas e diminuiu pra uma [...] Foi uma polêmica até quando foi retirada essa aula, mas... é... em função de colocar o empreendedorismo, é que a gente justificou que era necessário e era a aula que a gente poderia estar movimentando a Base Nacional Comum”.

Ela responde, portanto, que têm conhecimento sobre as normativas do referido documento, bem como os arranjos curriculares que cada setor pode fazer, de modo que contemple a necessidade local. Como presidente do CME, ao ser consultada, juntamente com o colegiado, também discorre que entenderam a importância da oferta de ambas as disciplinas. Assim, perante a fala da presidente da CME, pode-se considerar o fato de manter uma única aula de LE por ceder uma delas à disciplina de Empreendedorismo como reconhecimento da importância de ambas para o contexto local. Por outro lado, a existência de apenas uma aula por semana limita as possibilidades de expansão do ensino de Língua Espanhola, que já vem enfrentando algumas dificuldades. Quanto à fronteira, a professora diz:

Excerto 2**STT2: Ator social – Presidente da CME, professora Zunilda**

“Por a gente viver numa cidade que é fronteira. Então, o conselho e os demais professores pediram para garantir essas aulas de espanhol, porque ela é muito importante nessa vivência nossa. A influência do Paraguai aqui no nosso município é muito grande, inclusive nós temos bastante família que fala o espanhol e que está inserida aqui no nosso município. Então, ela continua firme na nossa matriz, não se pretende tirar não”.

Fica evidente, pelo excerto acima, que a disciplina se garante pela presença das famílias que se comunicam por meio dela no contexto do município, e não por adesão a uma perspectiva de educação intercultural em um cenário plurilinguístico e de configuração caleidoscópica, como já foi falado a respeito da região. Valendo-me dessa observação, no que se refere ao questionamento sobre a existência de alguma normatização ou política pública voltada à garantia de ensino de línguas no município, ela alega que:

Excerto 3**STT3: Ator social – Presidente da CME, professora Zunilda**

“Somente a legislação que normatiza a confecção da matriz curricular. É só isso aí mesmo, mas é importante até para garantir que ela fique... é importante para o nosso povo”.

Em seguida, pergunto se são oferecidas formações continuadas voltadas aos professores que atuam no ensino de línguas na Reme. Observa-se uma representação que demonstra a dificuldade em proporcionar momentos para formação dos professores, pois buscam profissionais especializados ou mesmo instituições de fora do município – e assim

mesmo é difícil, segundo ela. Por outro lado, a presidente afirma que o/a próprio/a professor/a tem procurado formações em forma de cursos ou capacitações à distância:

Excerto 4

STT4: Ator social – Presidente da CME, professora Zunilda

“Nós temos muita dificuldade nessa situação. Por mais que se busque, é muito difícil. Então, é só mais o professor mesmo que busca fazendo cursos...dessa forma, mas não que o município, a Secretaria Municipal da Educação oferece”.

Seguindo a entrevista, pergunto se algum material didático é ofertado para que utilizem nas aulas. A professora expõe que não vem nenhum livro didático no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) direcionado à disciplina, e que, por isso, os professores organizam e planejam suas aulas por meio de pesquisas e recursos na internet ou similares.

Excerto 5

STT5: Ator social – Presidente da CME, professora Zunilda

“Não tem especificamente. Até agora, não tem nada. Eles procuram conforme o que, a listagem de conteúdos a ser trabalhado e eles pesquisam, mas não específico... um livro, assim, que dá norte, nós não temos. De inglês que sempre vem, mas de espanhol é muito difícil”.

Além dessa representação, também pude observar que, ao ser questionada sobre o modo como são realizadas as designações de profissionais que lecionam a LE ofertada desde a educação infantil (desde os quatro anos de idade), ela responde que a seleção é realizada por meio de edital que exige formação em Letras com ênfase em LE. A quantidade de profissionais com formação específica na área não atende, no entanto, a demanda do município e suas extensões rurais. Sobre o tema, a presidente discorre que

Excerto 6

STT6: Ator social – Presidente da CME, professora Zunilda

“Acaba que não é professor preparado no caso, mas prepara a sua aula independente de sua habilitação. [...] às vezes, não tem espanhol específico”.

Quando pergunto a respeito dos regentes da área rural (sem formação específica ou capacitação) e os leigos de outras áreas que assumem a disciplina, em caso de o número dos professores da área não suprirem a demanda (que ela mesmo afirma que acontece muito), a gestora responde que eles se preparam para lecionar buscando materiais na internet, adequando-os à proposta a ser seguida no documento BNCC. Isso porque o município ainda não possui um currículo próprio e apresenta falta de materiais didáticos adequados tanto ao ensino de LI quanto de LP.

Por meio desses excertos, evidencia-se que a internet pode substituir recursos como materiais didáticos apropriados aos diferentes níveis e modalidades de ensino. Além disso, a BNCC é usada como guia de conteúdos e subsídio para preparar as aulas, fato que desvia da proposta de ser um documento normativo para elaboração de currículos para atendimentos das realidades dos diversos contextos educacionais.

Na última parte de sua contribuição com este estudo, ao ser questionada sobre a importância da LE para o município, ela comenta que

Excerto 7

STT7: Ator social – Presidente da CME, professora Zunilda

“Eu considero muito importante, até porque eu sou filha de paraguaios que falavam o espanhol, e é uma língua que, para mim, é muito familiar. Eu aprendi o espanhol dentro de casa, e, quando fui pra Argentina, eu pude desenvolver bem o meu espanhol e vi quanta diferença tem com o espanhol deles de lá. Isso é muito importante. O espanhol, aqui, pro nosso povo, fronteira com o Paraguai, é importantíssimo”.

No excerto, observa-se que a representação apresentada pela professora Zunilda é em defesa desse conhecimento. Como cidadã de descendência paraguaia e diante do CME, ela entende que a valorização precisa ir além dos vínculos familiares a partir dos quais se identifica, de modo que auxilie a ampliar a visão do ser humano no momento em que se depara com a prática, assim como ela relata a sua experiência com a língua.

4.2 Temática 2 – Representações dos atores aprendizes sobre o contato e o ensino da LE: “o certo é a gente falar espanhol, ninguém fala inglês por aqui ...”

Agregando seus contributos, os/as alunos/as que têm ou tiveram alguma experiência com a LE, assim como os demais que aqui colaboraram, foram convidados, pois representam o grupo de atores sociais público-alvo da educação. Novamente, expliquei sobre a natureza da conversa gravada, tentando realizar uma entrevista que proporcionasse uma interação para que se sentissem à vontade ao responder às perguntas, da maneira mais natural possível.

Desta forma, iniciei, com um/a de cada vez, perguntando seus nomes, modalidades de ensino e ano/série que estudam, tendo em vista os dois grupos pesquisados: a modalidade de ensino regular, na qual a LE não faz parte da grade curricular, e a modalidade de EJA, que tem a LE como disciplina em sua ementa.

Em seguida, questiono se eles têm contato com a LE e, por conseguinte, como ele ocorre. A maioria responde que tem contato em casa, na rua e quando atravessa para o lado paraguaio, mas que a predominância é a mistura entre LG e LE. Segundo os recortes em sequência, acredita-se que a LE, propriamente dita, muitas vezes se apresenta como o dito

“portunhol”, que é a mistura entre as duas línguas e a interferência do português. Em um dos excertos, no entanto, a colaboradora menciona a linguagem yopará¹³. Com regularidade, o contato é classificado como importantíssimo, sob a justificativa de que a comunicação por meio da língua facilita mais a interação entre as pessoas de ambos os países. No que tange à temática, os três primeiros excertos marcam que

Excerto 1

STT1: Ator social – Aluna Kátia, 40 anos, EJA

“Temos muito contato por ser fronteira, né. Temos entre o guarani e o espanhol, fica o portunhol, na verdade. E é essencial por causa da fronteira, porque tanto nós, aqui, do lado brasileiro, falamos um pouco, e as pessoas do exterior também falam. E que agora é muito mais importante por causa dessa ponte que vai sair. Eu, como paraguaia, né, porque me considero paraguaia porque eu tenho sangue do meu pai, que é paraguaio, e acho de suma importância”.

Excerto 2

STT2: Ator social – Aluna Roseli, 33 anos, EJA

“Mexo com vendas, e a gente atende vários tipos de pessoas paraguaias que falam guarani e espanhol e é fundamental. [...] Entendo mais do que falo [...] nossos vizinhos são da colônia, ilha, pessoas que não sabem falar o português ou não sabem se expressar direito. Então, se a gente tem aula ou fala bem e se comunica bem fica mais fácil”.

Excerto 3

STT3: Ator social – Aluno Isidoro, 38 anos, EJA

“Tenho contato aqui na fronteira, mas com o guarani mesmo”.

Na pergunta sobre o contato com a Língua Espanhola, percebe-se que a minoria afirma falar a LG, mas o uso da língua predomina nas famílias dos alunos que dizem ter o contato com ambos os idiomas, uma mais que o outro. É recorrente que os/as estudantes compreendam mais do que falem:

Excerto 1

STT1: Ator social – Aluna Rayane, 18 anos, EM

“[...] com o espanhol diretamente não, mas com o guarani que é por causa da minha família [...]”.

Excerto 2

¹³ De acordo com Sigríst (2020, p. 134), “No Paraguai, essa mesma prática translinguajeira é denominada de yoparáe. No Brasil, é possível continuar a usar a mesma denominação do passado: nheengatu. Em Mato Grosso do Sul há aproximadamente 300 mil não índios, descendentes dos paraguaios, que se instalaram no Brasil, sendo que 50% deles falam e/ou entendem as práticas translinguajeadas. Tais práticas têm sido fortalecidas no último século pelos grupos nativos, mestiços e seus descendentes, que desenvolveram um linguajar peculiar composto por termos indígenas, mesclados ao das línguas oficiais de ambos os países vizinhos – o espanhol e o português. O aprendizado se dá naturalmente, no cotidiano, sem separações de uma ou outra língua. Há uma coexistência de sistemas linguísticos na comunicação oral, cujos falantes alternam as línguas usadas concomitantemente conforme o momento exige”.

STT2: Ator social – Aluna Wanessa, 18 anos, EM

“Minha mãe fala um pouco. Quase toda a família fala guarani, mas eu não cheguei a aprender”.

Excerto 3**STT3: Ator social – Aluno Isidoro, 38 anos, EJA**

“Crescemos nessa linguagem guarani, minha mãe falava [...] espanhol entendo, pouco falo [...]”.

Já a aluna Maria Eugênia entende e fala ambas as línguas:

Excerto 4**STT4: Ator social – Aluna Maria Eugênia, 60 anos, EM**

“Falo espanhol e guarani”.

Ao perguntar a respeito da importância da LE para o município, observo que as representações desses atores sociais direcionam para um ponto de concordância, pois, para eles, a LE é de extrema relevância, devido ao contexto em que se localizam as culturas envolvidas no processo de construção das identidades locais. A afinidade de suas famílias com as línguas e a constituição da ponte que intensificará o fluxo de circulação de pessoas que usam mais de uma língua, como a LG e a LE, são fatores que contribuem para a valorização do espanhol. Os excertos, a seguir, apontam para as condições que envolvem o contexto fronteiriço:

Excerto 5**STT5: Ator social – Aluna Rayane, 18 anos, EM**

“Como aqui é fronteira, né, e muita gente vem do Paraguai pra cá...turistas, assim, que vão às lojas e ao mercados, e tem muita gente que trabalha e precisa do espanhol”.

Excerto 6**STT6: Ator social – Aluna Wanessa, 18 anos, EM**

“O certo é a gente falar espanhol, ninguém fala inglês por aqui [...] Eu acho que a gente deveria aprender outras línguas além do inglês”.

Excerto 7**STT7: Ator social – Aluna Maria Eugênia, 60 anos, EM**

“É um país fronteiriço, né, cidade fronteiriça. Temos contato com o Paraguai, aqui, fronteira com Carmelo Peralta, Ilha Margarida e, agora, com esse negócio da ponte... Eu acho estranho eles deixarem de exigir a aulas espanholas, porque, quanto mais línguas se aprende, acho muito melhor, ainda mais que a gente é fronteiriço, América do Sul”.

Excerto 8**STT8: Ator social – Aluno Isidoro, 38 anos, EJA**

“Nós que somos da fronteira precisamos muito da LE, ajuda muito estudar”.

Levando em consideração as falas dos/as alunos/as, a LG é mais falada nesse cenário. Por outro lado, nem todos a entendem e falam, especialmente o público mais jovem. Com

isso, pondero que a LE se torna a língua de encontro pela sua familiaridade com a Língua Portuguesa e a Língua Guarani, que prevalece como a mais usada entre as pessoas de nacionalidade e/ou descendência paraguaia e seus familiares de mais idade.

O aluno Isidoro relata uma experiência que ele teve no município vizinho, Carmelo Peralta, na qual o atendente do local mantinha a comunicação em LE, e ele precisou solicitar a senha para conectar-se à internet. Na ocasião, ele não soube pedir e ficou tímido, sentindo-se despreparado e nervoso por não saber com que palavras se dirigir à pessoa, mesmo sabendo falar a outra língua daquele país, o guarani. Conforme o estudante:

Excerto 9

STT9: Ator social – Aluno Isidoro, 38 anos, EJA

“Quando fui falar com ele em espanhol, já não saiu”.

Diante dessa situação, compreendi que ele gostaria de dialogar por meio da LE, que foi a língua com a qual a pessoa havia interagido. . Por ele não conseguir fazer com a competência que ele acredita necessário, ficou com vergonha, não conseguindo solicitar o que precisava. Na sequência, logo se deu conta de que a pessoa também poderia entender a Língua Guarani, com a qual ele se comunica melhor, e assim o fez. Com esse trecho, pude evidenciar a representação de alguém que, mesmo com sua identidade brasileira (nascido e registrado como tal), reconhece seu valor como descendente de paraguaios, tanto quanto a importância da LG, com a qual ele teve maior contato e não tem dificuldade para se comunicar, e da LE, por ser um contexto de fronteira onde muitos jovens não tiveram a mesma oportunidade que ele e a maioria de seus colegas, também colaboradores deste estudo.

4.3 Temática 3 – Representações dos atores professores/as sobre o lugar e a importância do ensino da LE: “a gente lamenta e os alunos questionam o porquê não tem a LE no EM”

Em relação à contribuição dos/as professores/as de LE, faço um paralelo entre ambos. O professor Edson Belmont atua na Reme há mais de 15 anos, e na área de LE desde 2007. É formado em Pedagogia, LE e LG. Além disso foi aprovado em concurso público como docente de LE, efetivando-se como educador do 6º ao 9º ano.

Atualmente, ele leciona nas séries iniciais, do 1º ao 5º ano, devido a uma organização de oferta das modalidades em escolas específicas. Como ele mesmo relata, os alunos do 6º ao 9º foram transferidos para outro prédio, em um bairro distinto, e a escola onde ele já estava permaneceria apenas atendendo as séries iniciais e a modalidade de EJA Ensino Fundamental. Assim, para não mudar, aceitou o desafio de lecionar a disciplina para estudantes dessa faixa

etária, por também ser pedagogo. Ele é um professor nativo paraguaio, fala fluentemente tanto a LG como a LE e se diz “brasileiro de documento”, pois cresceu e estudou no Paraguai.

A professora Paula Gonçalves Mongelos é formada em Letras – Português e Inglês, efetiva da Reme na área de Língua Inglesa e docente temporária na REE, no Ensino Médio e na modalidade EJA, com o mesmo componente curricular e a disciplina de LE. Ela é descendente de paraguaios, além de falar e compreender as línguas guarani e espanhola. Por ter sido convidada para lecionar LE mesmo tendo outra professora formada na área específica (mas que não tem experiência com o ensino da língua), é que justifico a escolha dela. Ainda, Paula tem uma familiaridade marcante com a língua em questão e uma aula a mais em sua carga horária.

Por outro lado, entendo que sua experiência enquanto descendente paraguaia e falante da LE não pode sobrepor a necessidade de a função ser assumida por um/a sujeito formado/a na área. Isso porque o referido fato pode abrir precedente para que outro cidadão paraguaio, em condição semelhante, mesmo sem formação, possa requerer tal direito ou para que um profissional que não fora contemplado parta da mesma prerrogativa para questionar os mencionados ajustes. Acionando a herança familiar, a professora Paula afirma:

Excerto 1

STT1: Ator social – Professora Paula

“Trago no meu sangue uma herança familiar [...] e me sinto honrada de passar para os alunos a importância de ter nossas origens [...] ainda mais por estarmos numa cidade fronteira [...]”.

Também perguntei a eles sobre seus pontos de vista quanto à importância do ensino da língua para os alunos. O professor Edson respondeu que é importantíssimo, porque os nossos vizinhos a têm como língua materna – em caso de viajarmos, precisaríamos, pelo menos, do básico para nos comunicar. Já a professora Paula considera importante por ser uma língua de contato familiar e entende que é uma perda alunos/as do EM não terem a oportunidade de aprender e ter maior contato. De acordo com ela, é

Excerto 2

STT2: Ator social – Professora Paula

“Muito importante. Infelizmente, excluíram do EM, é uma pena. A gente lamenta, e os alunos questionam o porquê não tem a LE no EM. Então, eles percebem a importância e a necessidade de estar em contato com esta língua”.

O conhecimento da área ajuda o indivíduo a se locomover por diferentes lugares, ainda que usando o básico de domínio, desde que tenha bastante curiosidade e abertura ao que pode ser explorado e vivenciado. Para que isso ocorra, é necessário fomentar a comunicação entre as

pessoas não somente pela língua, mas, também, sobre os aspectos que as constituem e envolvem a existência dela na sociedade. Em consonância a isso, acrescento que problematizar o que se conhece da história e da cultura traz ainda mais relevância para o contato com o outro.

Na sequência, pedi que eles falassem sobre as particularidades do público com o qual têm contato em sala de aula e que expusessem as principais dificuldades encontradas no ensino da LE. Perante isso, o professor Edson ressalta que, para os adolescentes, o maior dos empecilhos é o preconceito que se tem com o estereótipo de paraguaio. Como consequência, alguns alunos sofrem por demonstrarem facilidade com a língua durante a prática da oralidade nas aulas e, por isso, sentem-se constrangidos por outros colegas.

Excerto 3

STT3: Ator social – Professor Edson

“No começo da minha prática eu tive muita dificuldade. Existe muito preconceito entre os alunos maiores. Como os paraguaios falam espanhol, tem alguns alunos que dominam melhor, lêem bem. Eu praticava muito a leitura, faziam poesias, cantos. Quando se destacavam muito, os outros chamavam ele de paraguaio, ficava meio constrangido, e isso não ajudava muito. Agora, com os pequenos, já é diferente: parece que esse preconceito é menos com eles. Eles gostam de aprender, gostam de dançar e eu faço tudo isso, é bem lúdica a minha aula”.

Como forma de trabalhar e na tentativa de propiciar maior contato entre as culturas nacional e a do país vizinho, que é a mais próxima da realidade dos alunos, o professor fazia parcerias com o município de Valhemi, no Paraguai, e promovia desfiles de moda entre estudantes, para mostrar a beleza da população. Ele trazia apresentações de danças, classificadas como muito proveitosas por mostrem sua riqueza cultural, a disciplina, a seriedade e o respeito que com a educação. Para ele, os paraguaios que se sentiam inferiores por sua nacionalidade podiam se orgulhar, identificando-se com manifestações que proporcionam a satisfação por se reconhecer como aqueles que com eles interagem. Na perspectiva do docente,

Excerto 4

STT4: Ator social – Professor Edson

“Ali, melhorou muita coisa. Aquele que não queria ser paraguaio antigamente, depois até no desfile... chamava ‘professor, professor: eu também sou paraguaio’, e assim se sentia orgulhoso de ser paraguaio. Coisa que não acontecia no começo [...] sempre ensinei a eles que nacionalidade não faz [ninguém] melhor que ninguém. No Paraguai, Argentina, em Bolívia, em todo lugar tem pessoas do bem e do mal. Assim como tem bandido aqui no Brasil, tem no Paraguai e vice-versa. Então, essa nacionalidade não faz diferente ninguém, e essas coisas aí que temos que aprender [...]”.

Para o professor, o preconceito é a mais delicada das questões quanto à valorização da cultura paraguaia e das línguas maternas. Isso porque ocorre, muitas vezes, no interior das famílias que valorizam mais a cultura brasileira e a língua portuguesa, negando suas origens. A negação funciona como forma de vislumbrar melhores condições de vida nas imagens idealizadas de uma identidade brasileira construída pela perfeição, sucesso e riqueza, estereótipo que se via nas produções cinematográficas e nas telenovelas reproduzidas na televisão. Sobre tal percepção, Edson destaca:

Excerto 5

STT5: Ator social – Professor Edson

“Os paraguaios, até eu que sou brasileiro de nascimento, mas eu morei vinte e dois anos no Paraguai. Quando eu morava no Paraguai, eu achava que a cultura brasileira, o Brasil, era muito superior ao Paraguai. Eu mesmo achava também, só que hoje eu sei que não é assim. Esse preconceito eles (os paraguaios) têm por falta de conhecimento”.

O professor considera, ainda, a experiência com o ensino com as crianças menores como uma atividade muito gratificante, porque elas gostam e demonstram isso praticando a língua quando o encontram na rua, por exemplo, mesmo na presença dos pais. Além disso, ele aproveita para ensinar por meio de músicas de diversos ritmos e conteúdos, inclusive sobre Deus. Por isso, o docente vê a sua prática como um diferencial que reflete no cotidiano dos/as estudantes:

Excerto 6

STT6: Ator social – Professor Edson

“O ponto positivo é que em todo lugar que eu vou e as crianças: ‘Hola, profesor!’ E começam a falar comigo em espanhol, na frente dos pais, e começam a praticar comigo e é muito gratificante você vê que seu ensino tá refletindo na rua. As músicas... começo a cantar, falar de Deus, saludos e eles cantam nas casas... é muito bom”.

Para a professora Paula, a principal dificuldade enfrentada no ensino de línguas na REE, modalidade EJA, é a falta de materiais pedagógicos e didáticos para preparar as atividades. No que tange à (ausência de) formações continuadas direcionadas à melhoria das aulas, a docente discorre que:

Excerto 7

STT7: Ator social – Professora Paula

“Sempre pesquiso pra eles, imagens pra associarem esta aos vocábulos. Eles gostam”.

Como ela trabalha com o público adulto, ela afirma que gostam muito das aulas de LE e que acham mais fácil do que aprender a LI, pois interagem e perguntam bastante. Dessa

forma, a dificuldade enfrentada pelo professor Edson com os adolescentes não se dá no grupo de alunos da EJA/EF.

Sobre a questão acerca da disponibilização de material para planejar a sua aula ou da oferta de formações continuadas, o professor Edson pondera que, de 2007 até 2016, recebiam materiais didáticos, pelo menos da modalidade do 6º ao 9º ano, mas que, atualmente, não recebem mais. Como as séries do 1º ao 5º ano não têm material, ele considera a internet fundamental, porque pode ser consultada e dá vantagem perante as faltas encontradas:

Excerto 8

STT8: Ator social – Professor Edson

“Na verdade, quando comecei, em 2007, 2008, era tudo voltado ao espanhol mesmo, estava no auge, mas depois realmente começou a desandar. Até 2016, vinha material, livro... Não posso falar que eu tive dificuldade, porque, hoje em dia, a internet ajuda muito. Tudo o que você precisar você acha lá, estuda, se capacita sozinho, sem problema mesmo”.

De acordo com a opinião do professor, situações como essa não favorecem a disciplina e sua importância, em decorrência dos motivos que ele já narrou enquanto um profissional especialista na área, como é possível visualizar a seguir:

Excerto 9

STT9: Ator social – Professor Edson

“Pra mim, como defensor da língua espanhola, eu acho preocupante isso daí... porque, pelo que estou entendendo, pelo caminho que estamos indo, acho que estão querendo fechar, abolir o espanhol da grade curricular, e é muito ruim. Tanto é que essa uma aulinha acho que não é suficiente pra ensinar espanhol”.

Quando abordei a pergunta a respeito do currículo específico do município, ele fala que, na rede municipal, utilizam a BNCC como diretriz para suas aulas:

Excerto 10

STT10: Ator social – Professor Edson

“Da cidade, não tem mesmo... tinha antigamente, mas nós deixamos e ficamos com BNCC mesmo, mas é bom. O currículo é bom... dá pra escolher o mais conveniente.”

A partir da resposta, resolvi perguntar sua opinião sobre como ele acredita que os profissionais leigos contratados para ensinar a língua fazem para preparar as aulas. A questão deriva do próprio documento da BNCC, pois, para a pré-escola, por exemplo, são propostos objetivos de conhecimento por meio de campos de experiências, e a área específica de LE não é contemplada – fazendo com que o/a docente se responsabilize pela seleção dos conteúdos.

Como o próprio professor, que é pedagogo e especialista em LE, fala sobre o desafio de ensinar línguas aos pequenos, pressuponho que para profissionais leigos/as é ainda mais complexo. Sobre o tema, ele avalia que:

Excerto 11

STT11: Ator social – Professor Edson

“Da pré-escola não sei, mas do 1º ao 9º tem certinho na BNCC. Eles têm que pesquisar e trabalhar muito mais”.

Seguindo tal linha de raciocínio, questionei a opinião dele sobre a oferta atual da disciplina, pensando no contexto do município e na importância de sua garantia, e obtive a seguinte resposta:

Excerto 12

STT12: Ator social – Professor Edson

“Eu acho que pelo menos duas aulas têm que ser espanhol, porque espanhol não é só espanhol. Você ensinando espanhol você tá ensinando português, e outras coisas também, biologia, cultura...por isso que é importante o ensino de língua estrangeira espanhol, principalmente porque, ensinando espanhol, você está ensinando cultura hispano-americana, que é rica”.

Finalizando a conversa com o professor Edson, pedi para que ele falasse sobre a importância da disciplina, levando em consideração a construção da ponte que colocará o município na Rota Bioceânica. Ele comenta que, quando ouviu dizer sobre a ponte, ficou muito feliz, porque imaginou que o espanhol fosse ser mais valorizado:

Excerto 13

STT13: Ator social – Professor Edson

“Quando se falou de Rota Bioceânica, eu fiquei muito feliz. Então, falei: ‘Nossa, agora vai começar a valorizar o espanhol’. Por quê? Porque, na Rota Bioceânica, nós vamos cruzar quatro países que falam espanhol. E, no meu ponto de vista, muita gente vai querer conhecer e vai vir empresas que falam espanhol e mais coisas e tal... eu tinha muita esperança que ia mudar, mas é coisa que não tá acontecendo. Priorizam muitas coisas, mas não o espanhol, e, como já falei antes, estou meio preocupado com isso”.

Já na REE, existe um currículo específico destinado a essa disciplina. Diante disso, a professora Paula também defende que poderiam ser ofertadas mais aulas por semana e não apenas uma, pois a grade traz muitos conteúdos:

Excerto 14

STT14: Ator social – Professora Paula

“Seria muito importante se pensassem em ter mais aulas. A clientela gosta e vê a importância e necessidade de querer conhecer este idioma”.

Oportunamente, trago os recortes em que se ressalta a importância de nos mostrarmos como representações que reconhecem seu valor, conhecimento e competência para falar em defesa do assunto. Na mesma direção, selecionei um trecho do depoimento do professor Edson, em que tal movimento é marcado: “Quando cheguei aqui, fiquei feliz porque tudo era o espanhol [...] Vim fazer o curso e nem era contratado ainda. Eu era polêmico, porque, *se eu ficasse quietinho no fundo*, ninguém ia me contratar... não queria me aparecer, queria trabalhar”. Em relação à passagem, destaco que o curso a que se refere é a formação pedagógica que os do participam no início do ano letivo para lecionar na Reme.

Sobre se reconhecer e se orgulhar de suas origens, a professora Paula conta que

Excerto 15

STT15: Ator social – Professora Paula

“Os alunos perguntam se sou paraguaia, e respondo que com muito orgulho. Tem que ter orgulho da sua origem. Eu entendo guarani, espanhol, estudei português, inglês. E muito não sabiam, mas eu digo que tenho maior orgulho e minha origem é paraguaia”.

A partir disso, vejo que, se decidirmos nos abster por receio de sofrer pelos estereótipos, seja por vergonha de nossas origens, seja por estamos alheios à realidade que nos cerca, não reconheceremos nosso próprio valor e importância, por desconhecimento ou por indiferença. Com isso, continuaremos esperando que outros falem ou decidam por nós, estaremos em desvantagem e permitiremos que nos neguem direitos fundamentais como cidadãos – nesse caso, o direito de conhecer, apreciar e valorizar a cultura e uma língua que, conforme vimos, já vem perdendo prestígio pelos próprios nativos. Por tal razão também, constato possibilidades de mobilizar reflexões sobre decisões que contribuam para construir melhores condições de vida, trabalho e educação, em favor do bem viver em sociedade.

4.4 Síntese das representações em foco

Por meio das contribuições e concepções teóricas mobilizadas, analisei, neste capítulo, representações sociais acerca do ensino da Língua Espanhola no município fronteiro de Porto Murtinho, por meio de uma abordagem discursiva decolonial e da perspectiva da Linguística Aplicada Crítica . Os atores sociais apresentados foram: o diretor da escola; professores de LE – uma docente que leciona na modalidade EJA/EM, na Rede Estadual, e um professor da Rede Municipal, que atua nas séries iniciais do EF e no EJA/EF; a presidente do Conselho Municipal Educação, que também ocupa uma função no setor de normatização da Secretaria Municipal de Educação; e estudantes do EM. A instituição onde foi realizada a

maior parte da entrevistas também é o local que propiciou as experiências que trouxeram, ao centro deste estudo, a oportunidade de reflexão sobre a importância do ensino da LE.

Inicialmente, enfoco uma análise qualitativa-interpretativa a partir de Segmentos de Orientações Temáticas nos recortes discursivos que apresentam representações dos/as atores/atrizes sociais colaboradores/as. Assim, pude compreender a recorrência dos discursos que afirmam considerar importante o ensino da LE no município, devido ao seu contexto histórico, social, cultural e político. Isso pode ser evidenciado nos excertos das falas dos colaboradores: “[...] é importante o ensino de língua estrangeira espanhol, principalmente porque ensinando espanhol você está ensinando cultura hispano-americana, que é rica (STT10: Ator social – Professor Edson); “Nós, que somos da fronteira, precisamos muito da LE, ajuda muito estudar” (STT8: Ator social – Aluno Isidoro, 38 anos, EJA); “[...] o certo é a gente falar espanhol, ninguém fala inglês por aqui [...]” (STT6: Ator social – Aluna Wanessa, 18 anos, EM); “O espanhol aqui pro nosso povo, fronteira com o Paraguai é importantíssimo” (STT7: Ator social – Presidente da CME, professora Zunilda).

Durante o processo de análise dos segmentos, também evidencio, por meio dos excertos, representações construídas e mobilizadas pelo sentimento pertencimento e de identidade cultural, em função de os/as sujeitos se identificarem como descendentes paraguaios/as: “Trago no meu sangue uma herança familiar [...] e me sinto honrada de passar para os alunos a importância de ter nossas origens” [...] (STT1 Ator social – Professora Paula); “Falo espanhol e guarani” (STT4: Ator social – Aluna Maria Eugênia, 60 anos, EM); “Crescemos nessa linguagem guarani, minha mãe – Aluno Isidoro, 38 anos, EJA); “[...] é por causa da minha família [...]” (STT1: Ator social – Aluna Rayane, 18 anos, EM); “Eu, como paraguaia, né, porque me considero paraguaia porque eu tenho sangue do meu pai, que é paraguaio, e acho de suma importância” (STT1: Ator social – Aluna Kátia, 40 anos, EJA); “Eu considero muito importante, até porque eu sou filha de paraguaios” (STT7: Ator social – Presidente da CME, professora Zunilda); “eu também sou paraguaio e, assim, se sentia orgulhoso de ser paraguaio” (STT4: Ator social – Professor Edson).

Ao estabelecer as relações entre seus discursos e a maneira como marcam suas representações, entendo que os/as atores sociais sentem-se parte constitutiva do lugar que atravessa as identidades sobre as quais demonstram ter orgulho. Indico, no entanto, uma prática comum entre eles e, por isso, teço uma crítica específica sobre as direções em que fixam seus olhares, por uma necessidade de reposicioná-los por meio de mecanismos que operam a partir do lugar/espço que representam. Ressalto também que tais representações são construídas a partir de sujeitos que reconhecem seu valor e sua importância, mas que

devem se apropriar disso, agindo de forma a problematizar situações em que o impacto em sua realidade seja sentida. Em outras palavras, considero necessário mobilizar posicionamentos que levem à criticidade e à reflexão sobre verdades tidas enquanto únicas, que ecoam em alusão ao colonialismo e à colonialidade e reverberam o dito “descobrimento”, seguido da colonização que estabeleceu normas e se impôs sobre a comunidade que ali vivia.

A partir disso, constato uma realidade passível de ponderação, à luz da teoria das representações sociais, uma vez que, conforme Moscovici (2003), as identidades são construídas por meio dos discursos de atores sociais colaboradores. Considerando esse fato, retomo um questionamento que realizei anteriormente: quem pode ensinar Língua Espanhola? Em suma, tendo em vista a resposta da Presidente do CME, a professora Zunilda, sobre quem pode lecionar no município, resgato a STT6: “Acaba que não é professor preparado no caso, mas prepara a sua aula independente de sua habilitação [...] às vezes, não tem espanhol específico”.

Quanto à pergunta “Que espanhol ensinar?”, recupero a STT7, vinculada ao ator social professor Edson, sobre a falta de formações continuadas, capacitações e de materiais didáticos: “Até 2016, vinha material, livro...Não posso falar que eu tive dificuldade, porque, hoje em dia, a internet ajuda muito. Tudo o que você precisar, você acha lá. Estuda, se capacita sozinho, sem problema mesmo”. Indo além, exemplifico, por meio da entrevista, uma justificativa pela defesa do ensino de LE no contexto em que vivemos e onde nos reconhecemos, sob a perspectiva do professor: “espanhol não é só espanhol[...] ensinando espanhol, você tá ensinando português, e outras [...] biologia, cultura...[...] é importante o ensino de língua estrangeira espanhol [...] ensinando espanhol, você está ensinando cultura hispano-americana, que é rica”.

Sobre as normas a serem seguidas, o que ensinar e a existência de um currículo específico ao público-alvo do ensino de LE, enfoco, novamente, a STT7: “Da cidade não tem mesmo... tinha antigamente, mas nós deixamos e ficamos com BNCC mesmo, mas é bom. O currículo é bom...dá pra escolher o mais conveniente”.

Apresentadas, essas representações clamam pelo direito de aprender, de ensinar, de opinar sobre a comunicação, com competência, por meio da língua mais próxima de suas realidades. Tais concepções são evidenciadas pelos recortes em que se argumenta sobre o contexto, a familiaridade e a possibilidade de acessar esta e outras culturas por meio da LE – inclusive devido à repercussão da importância internacional da Rota Bioceânica e as possibilidades de desenvolvimento local. A esse respeito, exemplares de discursos latente no município e na região são: “É um país fronteiroço, né, cidade fronteiroça. Temos contato com

o Paraguai, aqui, fronteira com Carmelo Peralta, Ilha Margarida e, agora, com esse negócio da ponte...” (STT7: Ator social – Aluna Maria Eugênia, 60 anos, EM) e “Quando se falou de Rota Bioceânica, eu fiquei muito feliz. Então, falei: ‘nossa, agora vai começar a valorizar o espanhol’. Por quê? Porque, na Rota Bioceânica, nós vamos cruzar quatro países que falam espanhol” (STT11: Ator social – Professor Edson).

Conseqüentemente, em contato com o meio, o sujeito é influenciado, e isso passa a fazer parte de sua fala a respeito do assunto. Mediante o que apresento neste capítulo, defendo a importância de agirmos a partir de atitudes decoloniais diante de uma presunção alheia às nossas realidades, que tende a nos moldar ao pensamento eurocêntrico, sob o qual se esconde um discurso de projetos globais. Que, contrariamente a isso, possamos nos sensibilizar e nos deixar guiar pelas nossas verdades e realidades locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivado a investigar acerca das representações construídas pelos atores sociais no âmbito da educação sobre o ensino de Língua Espanhola no município fronteiriço de Porto Murtinho é que este estudo foi objetivado e se desenvolveu. No contexto em questão, a diversidade é marcada pela localização limítrofe que divide e, ao mesmo tempo, une dois países pela relação de vizinhança e pelos estreitamentos dos laços. A herança cultural e identitária que se erige nessas condições demanda olhares sensíveis, em especial, ao fator determinante nessa interação: a linguagem e a comunicação como parte integrante de nossas vidas em sociedade.

Assim, no exercício de um olhar crítico, da contestação do conhecimento moderno e do vislumbre de narrativas outras sobre o reposicionamento de um mundo possível, amparei-me nos estudos decoloniais da aplicabilidade crítica da linguística em prol ao ensino de línguas. Tal mobilização se deu em função das inúmeras possibilidades que esta área propicia como contributo sobre as representações dos atores sociais que ela abrange.

A partir da observação dos aspectos analisados, relacionei os estudos decoloniais ao ensino de Língua Espanhola, com um aporte teórico situado no campo da Linguística Aplicada Crítica para uma educação linguística que proponha o pensamento crítico e responsivo. O mencionado movimento contribuiu para que fosse possível fazer uma referência ao processo de desvalorização da LE como disciplina no currículo escolar a nível nacional.

Destarte, a possibilidade de análise também propiciou debater pontos de vista a partir de práticas nas quais se revelam resistências e atitudes decoloniais de atores e/ou pesquisadores/as da área, assumindo suas representações como professores (as) que, como eu, questionam seus direitos de ensinar após a revogação da Lei do Espanhol nº 11.161/2005. Além disso, com a reconfiguração do Ensino Médio, o ensino do idioma passa a ser opcional, tendo reflexos na oferta da disciplina, bem como em sua carga horária na grade curricular local, uma vez que, na REME, ela foi diminuída para a inserção de outra disciplina e, na REE/MS, não foi mais ofertada.

A presente investigação também teve como objetivo realizar uma abordagem discursiva sobre as representações de atores sociais – o diretor escolar, professores/as de LE, alunos/as e a presidente do Conselho Municipal de Educação – perante a importância da LE no contexto fronteiriço em que se situa o município de Porto Murtinho.

Para as análises, recortei Segmentos Temáticos levantados por meio das entrevistas realizadas com os colaboradores. A partir deles, foi possível comprovar que uma das principais problemáticas sentidas é a inexistência de políticas educacionais de afirmação voltadas a atender a realidade plurilinguística do município. Considero esse um fator determinante para a desvalorização da LE como a língua que os atores sociais, colaboradores da pesquisa, afirmam ser importante por constituí-los como sujeitos fronteiriços. O fato de a Rota Bioceânica se estabelecer, aumentando o fluxo de pessoas, instiga-os a olhar de maneira mais cuidadosa ao conhecimento da como segunda língua, pois a comunicação por meio da LE se intensificará e será necessário conhecer melhor as culturas locais, levando-se em consideração os países hispano-falantes que integram o trajeto da Rota.

Em virtude dos fatos observados acerca dos discursos sobre a importância do ensino do LE, constatei que essa possibilidade pode expandir-se além do ambiente escolar na educação básica. Essa disseminação demanda diálogos entre profissionais de ensino, representantes de instituições e representantes políticos que, atentos às realidades locais, possam se comprometer por meio de parcerias, buscando investimentos, de modo a garantir ações que visem a melhoria das condições da população. Tal projeto pode avançar para outras esferas por meio da participação mais ativa dos indivíduos, que devem integrá-lo de maneira responsiva, questionadora e efetiva.

Para que tais práticas evoluam e sejam constantes, faz-se necessária a construção de políticas de afirmação para uma educação intercultural e para a valorização cultural e linguística. Nesse escopo, podem ser proporcionadas formações específicas e continuadas aos profissionais de Língua Espanhola, por uma necessidade de profissionais nesta área, mas também para educadores de outras línguas que podem ser ensinadas pela necessidade de aperfeiçoamento. Assim, marco a imprescindibilidade da organização e da adaptação de um currículo voltado às realidades peculiares, inovando a prática pedagógica e expandindo as potencialidades dos sujeitos como cidadãos que interagem em um cenário onde muitas culturas se contrastam e assemelham desde a sua formação histórico-social e linguística.

Levando em conta o que foi analisado, foi de grande relevância a participação dos/as colaboradores/as, sobretudo pela valorização das representações e identidades construídas pelos seus discursos. Pelo que foi verificado, ficou elucidado que se deve compreender a realidade do lugar de onde emergem nossos discursos para identificarmos atitudes necessárias que vão ao encontro das necessidades valorizadoras das diversas identidades dos sujeitos fronteiriços, em especial no município de Porto Murinho, cenário da investigação.

Os aspectos a que a pesquisa foi limitada foram recortados porque não foi possível relacionar as representações dos atores sociais locais com as representações discursivas presentes nos documentos curriculares, devido à minuciosidade com a qual o assunto deve ser abordado. Trata-se de um ponto em que se abrem caminhos para aprofundamentos em pesquisas futuras ou caminhos semelhantes sugestivos a outros pesquisadores da área.

Diante da conclusão deste estudo, ressalto a sua potencialidade de mobilizar o diálogo a partir de pesquisa na área do ensino de línguas do município fronteiriço de Porto Murinho, onde se concretiza a Rota Bioceânica, a qual muito impactará esse local marcado por inúmeros contrastes culturais e linguísticos.

Por ser autoral, a presente pesquisa torna-se, assim, marca registrada de um agir decolonial por uma verdade que defendo a partir a representação construída e moldada pela minha identidade brasiguiaia¹⁴. Também a assumo por meio da minha atuação como professora desse saber, em amparo à necessidade de valorizar minhas origens e ao orgulho de viver entre culturas e de me sentir pertencente a ambas – porque sinto que minha história começa de um lado e continua do outro.

Isso pode proporcionar um despertar a diversos atores sociais pela demanda por um olhar para novas possibilidades, tanto quanto para valorização de outras e novas formas da produção do saber. Tal posicionamento visa desconstruir ideias globalizadas com as contribuições da decolonialidade, por meio de atitudes que levem à criticidade e reflexão pela possibilidade de uma Educação Linguística Crítica amparada na articulação de políticas de afirmação. Em vista do que foi discutido, defendo sua efetividade para mobilizar a construção de um currículo intercultural e a produção de materiais didáticos que ressaltem as peculiaridades dos sujeitos, em consonância com as realidades locais, com ética, justiça e igualdade na diversidade.

¹⁴ Segundo Colognese (2012, p. 146), “[...] mais do que uma questão etimológica, os sentidos são reveladores das disputas que se travam no processo de construção de uma identidade social, notadamente numa região de fronteira”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A Teoria das Representações Sociais. *In*: TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine Rabelo (org.). **Psicologia Social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 257-267.

ANÁSTÁCIO, Rosa; ROCHA, Patrícia Graciela da. O plurilinguismo e o preconceito linguístico em Porto Murtinho/MS: um estudo com professores da educação básica. **Interletras**, Dourados, v. 8, n. 31, p. 1-17, abr./set. 2020.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. Tradução: Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing Libros, 2016.

BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. (De)Colonialidade da linguagem, lócus enunciativo e constituição identitária em Gloria Anzaldúa: uma “new mestiza”. **Polifonia**, Cuiabá, v. 26, n. 44, p. 1-163, out./dez. 2019.

BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. Traçando caminhos: letramento, letramento crítico e ensino de espanhol. *In*: BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins (coord.). **Espanhol: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação, 2010. p. 119-136.

BARAT, Josef. **Logística e transporte no processo de globalização: oportunidades para o Brasil**. São Paulo: UNESP IEEI, 2007.

BARREDA, Suzana Vinicia Mancilla; ARF, Lucilene Garcia Machado;ZWARG, Joanna Durand (org.). **El español en Mato Grosso do Sul – Brasil: lengua, cultura, literatura, enseñanza, investigación y formación de profesores**. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005. Dispõe sobre o ensino de língua espanhola. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 142, n. 151, p. 1-1. 5 ago. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 154, n. 35, p. 1-3, 17 de fevereiro de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Secretários de Educação. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, CONSED, UNDIME, 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. 1. ed. Tradução: Ana Raquel Machado e Maria Lúcia Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

BULEA, Ecaterina. **Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade**. Tradução: Eulália Leurquin e Lena Lúcia Figueirêdo. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

CADILHE, Alexandre José. Fabricando paraquedas coloridos: linguística aplicada, decolonialidade e formação de professores. **Raído**, Dourados, v. 14, n. 36, p. 56-79, set./dez. 2020.

CAMPOS, Márcio D’Oliveira. A arte de sulear-se. *In*: SCHEINER, TERESA (org.). **Comunidade pela Educação Ambiental**: manual de apoio ao curso de extensão universitária. Rio de Janeiro: Uni-Rio/Tacnet; Cultural, 1991. p. 59-61.

CAMPOS, Luana; FARIA, Alcides. Rota Bioceânica: o que é e seus impactos diretos e indiretos. **ECOIA**, Campo Grande, 14 jan. 2022. Disponível em: <https://ecoia.org.br/rota-bioceânica-o-que-e-e-seus-impactos-diretos-e-indiretos/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CANAU, Vera Maria. **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2009.

CÉSAR, América Lúcia Silva; CAVALCANTI, Marilda do Couto. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. *In*: CAVALCANTI, Marilda do Couto; RICARDO, Stella Maris Bortoni (org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 45-66.

COLOGNESE, Silvio. Brasiguaios: uma identidade na fronteira Brasil/Paraguai. **Tempo de Ciência**, [s. l.], v. 19, n. 38, p. 145-158, 2012.

COSTA, Mikaeli Cristina Macêdo; IRINEU, Lucineudo Machado. Abordagem discursiva da representação social sobre a língua espanhola: com a palavra, os alunos do curso de Letras/Espanhol do CAMEAM/UERN. **Diálogo das Letras**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 50-63, 2014. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/1341>. Acesso em: 23 out. 2023.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 24-32.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, jan./abr. 2016.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada e a visão da linguagem: por uma Indisciplinaridade radical. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. Harlow: Longman, 2010.

FERRAZ, Daniel de Mello. Educação linguística e transdisciplinaridade. *In*: PESSOA, Rosane Rocha, SILVESTRE, Viviane; MONTE MÓR, Walkyria (org.). **Perspectivas críticas de formadores de professores de línguas**. Goiânia: Editora da UFG, 2018. p. 90-103.

FERREIRA, Antônio Carlos Silva. Corredor Ferroviário Bioceânico de Integração: desafios do Canal do Panamá do Século XXI. *In*: Congresso internacional da América Latina: resgatar a democracia, repensar a integração, 17., 2019, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu: FoMercó, 2019. p. 1-19.

FERREIRA, Aparecida Jesus de. **Educação linguística crítica e identidades sociais de raças**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

FERREIRA, Aparecida Jesus de. **Formação de professores: raça/etnia**. Cascavel: Editora Assoeste, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENES, Irene Auxiliadora Alvarez; GOMES, Rosivaldo; MILIAN, Josefina. Desprendamo-nos! Uma experiência de tentativas de práticas decoloniais no ensino de espanhol na fronteira Porto Murtinho/Colônia Peralta. **Letras Escreve**, Macapá, v. 12, n. 1, p. 198-208, 2022.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. *In*: COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFOGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica Editora, 2019. p. 42-54.

GOMES, Rosivaldo. Por uma educação linguística ampliada, crítica, cidadã e decolonial na formação de professores e no ensino de língua portuguesa. **Letras Escreve**, Macapá, v. 13, n. 3, p. 23-37, 2021.

GOMES, Rosivaldo; NOGUEIRA, Heloane Baia. Educação linguística crítica e a produção digital de infográficos por alunos do ensino médio técnico com temáticas contra homofobia. **Texto livre**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 32-55, maio/ago. 2020.

GROSGOUEL, Ramón. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias decoloniais. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 32-35, 2007.

GROSGOUEL, Ramón. La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre la visión descolonial de Frantz Fanon y la sociología descolonial de Boaventura de Sousa Santos. *In*: TRAINING SEMINAR DE JÓVENES INVESTIGADORES EN DINÁMICAS INTERCULTURALES FORMAS-OTRAS: SABER, NOMBRAR, NARRAR, HACER, 4., 2011, Barcelona. **Anais** [...]. Barcelona: Fundación CIDOB, 2011. p. 97-108.

IRINEU, Bruna Andrade. **Nas tramas das políticas públicas LGBT**: um estudo crítico da experiência brasileira (2003-2015). Cuiabá: EdUFMT, 2019.

IRINEU, Bruna Andrade; OLIVEIRA, Brendhon Andrade; LACERDA, Milena Carlos. Um balanço crítico acerca da regressão dos direitos lgbti no brasil sob ascensão do bolsonarismo. *In*: IRINEU, Bruna Andrade *et al.* **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero**: temas emergentes. Salvador: Editora Devires, 2021. p. 98-115.

IRINEU, Lucineudo Machado. **Representações sociais sobre a latinidade em sites de redes sociais contemporâneas**: uma investigação discursivo-ideológica situada no Orkut. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

KLEIMAN, Ângela. Agenda de pesquisa e ação em linguística aplicada: problematizações. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 39-58.

KUMARAVADIVELU, Bala. **Formação de professores de idiomas para uma sociedade global**: um exemplo modular para conhecer, analisar, reconhecer, fazer e ver. New York: Routledge, 2012.

LEEUVEN, Theo Van. A representação dos atores sociais. *In*: PEDRO, Emília Ribeiro. (org.) **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997. p. 169-222.

LOPES, Luiz Paulo Moita. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

LOPES, Luiz Paulo Moita (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LOPES, Luiz Paulo Moita. **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

MAHER, Terezinha Machado. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. *In*: KLEIMAN, Ângela Bustos; CAVALCANTI, Marilda do Couto (org.). **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 255-270.

MAKONI, Sifree; PENNYCOOK, Alastair (ed.). **Desinventando e reconstituindo linguagens**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007. p. 249.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

MARIANI, Bethania. Políticas de colonização linguística. **Letras**, [S. l.], n. 27, p. 73-82, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11900>. Acesso em: 16 mar. 2023.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 2-18.

MIGNOLO, Walter. El desprendimiento: pensamiento crítico y giro descolonial. *In*: MIGNOLO, Walter; SCHIWY, Freya; TORRES, Nelson Maldonado (org.). **Descolonialidad del ser y del saber**: (videos indígenas y los límites coloniales de la izquierda) en Bolivia. Buenos Aires: Del Signo, 2006. p. 11-23.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Editorial Gedisa Blackwell Publishing, 2007.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 de fev. 2023.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MIGNOLO, Walter. O controle dos corpos e dos saberes. Entrevista com Walter Mignolo. Tradução André Langer. **Revista IHU**, São Leopoldo, 11 jul. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533148-o-controle-dos-corpos-e-dos-saberes-entrevista-com-walter-mignolo> Acesso em: 22 out. 2023.

MOSCOVICI, Serge. **Les representations sociales**: un concepto perdido. Buenos Aires: Huemul, 1976.

MOSCOVICI, Serge. **Psychologie des minorités actives**. Paris: Press Universitaire de France, 1979.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução Pedrinho Arcides Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOLASCO, Edgar César. Corpo epistêmico na/da fronteira da exterioridade. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, v. 2, p. 25-34, jul./dez. 2019.

NOLASCO, Edgar César. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, v. 1, n. 23, p. 59-74, 2020.

OLIVEIRA, Marcos Antônio Bessa. Poéticas de processos artísticos biogeográficos: modos outros de cartografar biosujeitos, geo-espacos, grafianarrativas. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 1, p. 59-84, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/dec/article/view/7729>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PALERMO, Zulma. **A opção decolonial como um lugar-outro de pensamento**. Disponível em: https://www.academia.edu/43825405/_2019_Zulma_Palermo_a_op%C3%A7%C3%A3o_decolonial_como_um_lugar_outro_de_pensamento_Entrevista_a_Tereza_Spyer_Henrique_Rodrigues_Leroy_e_Leo_Name_. Acesso em: 21 de fev. 2023.

PARAQUETT, Márcia. As quatro ondas do hispanismo no Brasil. **Revista Abehache**, [S. l.], v. 17, p. 11-17, 2020.

PARAQUETT, Márcia; SILVA JUNIOR, Antônio Carlos. O cenário escolar e acadêmico do Brasil antes e depois da “Lei do Espanhol”. **Revista Abehache**, [S. l.], n. 15, p. 69-86, 2019.

PENNYCOOK, Alastair. **Linguística aplicada crítica**: uma introdução crítica. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2001.

PENNYCOOK, Alastair. Uma lingüística aplicada transgressiva. *In*: LOPES, Luiz Paulo Moita.(org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 279.

QUIJANO, Aníbal. “Bem viver”: entre o “desenvolvimento” e a “des/colonialidade” do poder. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, [s. l.], v. 37, n. 1, p. 46-57, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of World-System Research**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 342-386, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, [s. l.], v. 13, n. 29, p. 11-29, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (ed.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 118-142.

- ROCHA, Cláudia Hilsdorf. Práticas de letramento crítico, ensino plurilíngue e língua inglesa em contexto acadêmico-universitário. **Contexturas**: ensino crítico de língua inglesa, [s. l.], n. 20, p. 9-35, 2013.
- ROJO, Roxane. **As relações entre fala e escrita**: mitos e perspectivas. Belo Horizonte: Ceale, 2006.
- SILVA, Valéria Rosa da. **Movimentos decoloniais no estágio de língua inglesa**: sentidos outros coconstruídos nas vivências em uma escola pública. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SIGRIST, Marlei. “Yopará” e “Nhengatu” Transfronteiriços - Práticas Translinguajeras na Região de Fronteira: Mato Grosso do Sul/Brasil-Paraguai. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [s. l.], v. 18, n. 40, p. 129-142, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19278>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- TORRES, Nelson Maldonado. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: GÓMEZ, Santiago Castro; GROSFUGUEL, Ramon (coord.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-159.
- VALE, Fábio do; NOLASCO, Edgar César. Os transeuntes subalternos habitantes das fronteiras: o corpo-político-periférico a partir do suldecolonial. **Revista Latino-Americana de Estudos Científico**, Espírito Santo, v. 2, n. 7, p. 26-37, 2021.
- VERONELLI, Gabriela. Sobre a colonialidade da linguagem. **Revista X**, [s. l.], v. 1, p. 80-100, 2021.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e educação intercultural. 2009. In: Seminário “Interculturalidad y Educación Intercultural”, La paz, 2019. **Conferência**. La paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello. 2019.
- WALSH, Catherine (ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.
- WALSH, Catherine. Insurgency and decolonial prospect, praxis, and project. In: MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine (org.). **On decoloniality**: Concepts, analytics, praxis. Duke University Press, 2018. p. 33-58.
- WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [s. l.], v. 26, n. 83, p. 1-16, 2018.

APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO DA ESCOLA

Prezado (a) diretor (a), assim como o senhor (a), alguns alunos (as) matriculados/as nesta instituição, professores/as de Língua espanhola, e a chefe de normatização da secretaria municipal de educação e presidente do conselho municipal de educação. estão sendo convidados (as) a participar da pesquisa intitulada “**Representações sociais e o ensino de Língua Espanhola no município fronteiro de Porto Murtinho/MS: Uma análise discursivo-decolonial**” desenvolvida pela pesquisadora Irene Auxiliadora Alvarez Gimenes e orientada pelo Prof. Dr. Rosivaldo Gomes, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

O objetivo central do estudo é “analisar as práticas discursivas de atores sociais acerca da importância da Língua Espanhola no contexto do município de fronteira de Porto Murtinho-MS”. “O convite para a participação deles se dá por serem alunos do último ano do ensino médio e EJA(educação de jovens e adultos); professora na única instituição que oferta o Ensino Médio no município, na qual não tem a Língua Espanhola como disciplina”; um professor com uma trajetória no ensino de Língua Espanhola, sendo este paraguaio; e a pessoa que preside o Conselho Municipal de Educação e também ocupa um cargo na Secretaria Municipal de Educação como Chefe de Normatização. A sua autorização para que as entrevistas sejam realizadas neste local se deve ao fato de ser neste espaço educacional de onde partiu as indagações desta pesquisadora que ao (à) senhor (a) se dirige, em suas práticas docentes. Consentir a participação deles (as) é ato voluntário, isto é, não obrigatório, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não que eles (as) participem, bem como retirar a sua anuência a qualquer momento. Nem você nem ele terão prejuízo algum caso decida não consentir com a participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. “A participação dessas pessoas pelas quais o senhor é responsável consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver a sua autorização e o assentimento do participante”. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente

Ihora.As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas os pesquisadores.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/2012.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é “Proporcionar uma significativa contribuição social no campo da Linguística Aplicada que condiz especialmente pela oferta do ensino da Língua Espanhola, trazendo à tona a importância de repensar uma educação intercultural em um local onde determinadas culturas convivem, bem como levá-los à reflexão de como suas representações como atores sociais podem influenciar direta e indiretamente pelas alterações curriculares, pensando nas realidades e necessidades locais.

Esta pesquisa não apresenta riscos diretos aos diretores, estudantes e professores. No entanto, atentos ao sigilo de informações e os riscos de falta de ética com relação à participação dos colaboradores, os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para produção da dissertação de mestrado, bem como na publicação de artigos científicos. Contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar nomes, endereços e quaisquer outros dados pessoais dos envolvidos que comprometa o sigilo de cada colaborador desta pesquisa, garantindo seu anonimato e os possíveis riscos nesse tocante. Os bancos de dados gerados pela pesquisa serão disponibilizados sem identificação pessoal.

A realização da referida pesquisa não prevê despesas para as instituições, tampouco aos demais colaboradores. Em caso de gastos decorrentes da participação na pesquisa, as pessoas pelas quais o senhor é responsável (e seu acompanhante, se houver) será ressarcido (a). Em caso de eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa, o participante será indenizado

Rubrica do diretor (a), responsável pela instituição

Rubrica do pesquisador

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no formato de dissertação/tese.

Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do responsável pela instituição, que autoriza a pesquisa no local e outra do pesquisador. Em caso de dúvidas quanto a participação das pessoas pela quais o(a) senhor(a) é responsável, poderá entrar em contato como pesquisador responsável através do e-mail “irenegimenes6@gmail.com”, do telefone “(67)996235247”, ou por meio do endereço (profissional) “Rua 13 de maio, 1010- Centro”.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias ‘Hércules Maymone’ – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público: 07h30min-11h30min no período matutino e das 13h30min às 17h30min no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

marque esta opção se você concorda que a participação dos colaboradores(as) pelas quais o senhor(a) é responsável seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

marque esta opção se você NÃO concorda que a participação dos colaboradores(as) pelas quais o senhor(a) é responsável seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”._____

Nome e assinatura do pesquisador

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

Nome e assinatura do responsável pela instituição onde ocorrerá a pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____

APÊNDICE B –**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-
CHEFE DA NORMATIZAÇÃO E PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO**

Prezado/a participante, você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **“Representações sociais e o ensino de Língua Espanhola no município fronteiriço de Porto Murtinho/MS: Uma análise discursivo-decolonial”**, desenvolvida pela pesquisadora Irene Auxiliadora Alvarez Gimenes e orientada pelo Prof. Dr. Rosivaldo Gomes, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O objetivo central do estudo é “analisar as práticas discursivas de atores sociais acerca da importância da Língua Espanhola no contexto do município de fronteira de Porto Murtinho-MS”.

O convite para a sua participação se deve à “sua representação como CHEFE DE NORMATIZAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO”. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não terá prejuízo algum caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. A citação dos nomes será feito apenas sob a autorização dos participantes. Caso você não autorize a exposição de seu nome, será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa qualquer dado que possa identificá-lo, utilizando-se de nomes fictícios e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. “A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver a sua autorização”. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 1h/hora. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas os pesquisadores.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/2012.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é “Proporcionar uma significativa contribuição social no campo da Linguística Aplicada que condiz especialmente pela oferta do ensino da Língua Espanhola, trazendo à tona a importância de repensar uma educação intercultural em um local onde determinadas culturas convivem, bem como levá-los à reflexão de como suas representações como atores sociais podem influenciar direta e indiretamente pelas alterações curriculares, pensando nas realidades e necessidades locais.

Esta pesquisa não apresenta riscos diretos aos diretores, estudantes, professores e tampouco à pessoa responsável pelo setor de normatização da secretaria municipal de educação. Esta pesquisa não apresenta riscos diretos aos diretores, estudantes e professores. No entanto, atentos ao sigilo de informações e os riscos de falta de ética com relação à participação dos colaboradores, os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para produção da dissertação de mestrado, bem como na publicação de artigos científicos. Contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar nomes, endereços e quaisquer outros dados pessoais dos envolvidos que comprometa o sigilo de cada colaborador desta pesquisa, garantindo seu anonimato e os possíveis riscos nesse tocante. Os bancos de dados gerados pela pesquisa serão disponibilizados sem identificação pessoal.

A realização da referida pesquisa não prevê despesas para as instituições, tampouco aos demais colaboradores. Em caso de gastos decorrentes da participação na pesquisa, as pessoas pelas quais o senhor é responsável (e seu acompanhante, se houver) será ressarcido (a). Em caso de eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa, o participante será indenizado

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no formato de dissertação/tese.

Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador. Em caso de dúvidas quanto à sua participação, você pode entrar em contato com

o pesquisador responsável através do e-mail “irenegimenes6@gmail.com”, do telefone “(67)996235247”, ou por meio do endereço (profissional) “Rua 13 de maio, 1010- Centro”.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias ‘Hércules Maymone’ – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público: 07h30min-11h30min no período matutino e das 13h30min às 17h30min no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

marque esta opção se você concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

marque esta opção se você não concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

Marque essa opção se autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Marque essa opção caso NÃO autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Nome e assinatura do pesquisador

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

Nome e assinatura do participante da pesquisa

_____, _____ de _____ de _____

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-DIRETOR(A) ESCOLAR

Prezado/a participante, você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **“Representações sociais e o ensino de Língua Espanhola no município fronteiriço de Porto Murtinho/MS: Uma análise discursivo-decolonial”**, desenvolvida pela pesquisadora Irene Auxiliadora Alvarez Gimenes e orientada pelo Prof. Dr. Rosivaldo Gomes, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O objetivo central do estudo é “analisar as práticas discursivas de atores sociais acerca da importância da Língua Espanhola no contexto do município de fronteira de Porto Murtinho-MS”.

O convite para a sua participação se deve à “sua representação como DIRETOR (A) ESCOLAR na única instituição da Rede Estadual de educação que oferta o Ensino Médio no município”. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não terá prejuízo algum caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. A citação dos nomes será feita apenas sob a autorização dos participantes. Caso você não autorize a exposição de seu nome, será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa qualquer dado que possa identificá-lo, utilizando-se de nomes fictícios e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. “A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver a sua autorização”.

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 1h/hora. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas os pesquisadores. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/2012.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é “Proporcionar uma significativa contribuição social no campo da Linguística Aplicada que condiz especialmente pela oferta do ensino da Língua Espanhola, trazendo à tona a importância de repensar uma educação intercultural em um local onde determinadas culturas convivem, bem como levá-los à reflexão de como suas representações como atores sociais podem influenciar direta e indiretamente pelas alterações curriculares, pensando nas realidades e necessidades locais.

Esta pesquisa não apresenta riscos diretos aos diretores, estudantes, professores e tampouco à pessoa responsável pelo setor de normatização da secretaria municipal de educação. No entanto, atentos ao sigilo de informações e os riscos de falta de ética com relação à participação dos colaboradores, os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para produção da dissertação de mestrado, bem como na publicação de artigos científicos. Contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar nomes, endereços e quaisquer outros dados pessoais dos envolvidos que comprometa o sigilo de cada colaborador desta pesquisa, garantindo seu anonimato e os possíveis riscos nesse tocante.

A realização da referida pesquisa não prevê despesas para as instituições, tampouco aos demais colaboradores. Em caso de eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa, o participante será indenizado.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no formato de dissertação/tese.

Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador. Em caso de dúvidas quanto à sua participação, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do e-mail “irenegimenes6@gmail.com”, do telefone “(67)996235247”, ou por meio do endereço (profissional) “Rua 13 de maio, 1010- Centro”. Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias ‘Hércules Maymone’ – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público: 07h30min-11h30min no período matutino e das 13h30min às 17h30min no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo

defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

marque esta opção se você concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

marque esta opção se você não concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

Marque essa opção se autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Marque essa opção caso NÃO autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Nome e assinatura do pesquisador

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

Nome e assinatura do participante da pesquisa

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- PROFESSORA REDE ESTADUAL

Prezado/a participante, você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **“Representações sociais e o ensino de Língua Espanhola no município fronteiriço de Porto Murtinho/MS: Uma análise discursivo-decolonial”**, desenvolvida pela pesquisadora Irene Auxiliadora Alvarez Gimenes e orientada pelo Prof. Dr. Rosivaldo Gomes, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O objetivo central do estudo é “analisar as práticas discursivas de atores sociais acerca da importância da Língua Espanhola no contexto do município de fronteira de Porto Murtinho-MS”.

O convite para a sua participação se deve à “sua representação como PROFESSORA na única instituição da Rede Estadual de educação que oferta o Ensino Médio no município”. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não terá prejuízo algum caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. A citação dos nomes será feita apenas sob a autorização dos participantes. Caso você não autorize a exposição de seu nome, será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa qualquer dado que possa identificá-lo, utilizando-se de nomes fictícios e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. “A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver a sua autorização”. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 1h/hora. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas os pesquisadores.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/2012.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é “Proporcionar uma significativa contribuição social no campo da Linguística Aplicada que

condiz especialmente pela oferta do ensino da Língua Espanhola, trazendo à tona a importância de repensar uma educação intercultural em um local onde determinadas culturas convivem, bem como levá-los à reflexão de como suas representações como atores sociais podem influenciar direta e indiretamente pelas alterações curriculares, pensando nas realidades e necessidades locais.

Esta pesquisa não apresenta riscos diretos aos diretores, estudantes, professores e tampouco à pessoa responsável pelo setor de normatização da secretaria municipal de educação. No entanto, atentos ao sigilo de informações e os riscos de falta de ética com relação à participação dos colaboradores, os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para produção da dissertação de mestrado, bem como na publicação de artigos científicos. Contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar nomes, endereços e quaisquer outros dados pessoais dos envolvidos que comprometa o sigilo de cada colaborador desta pesquisa, garantindo seu anonimato e os possíveis riscos nesse tocante.

A realização da referida pesquisa não prevê despesas para as instituições, tampouco aos demais colaboradores. Em caso de eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa, o participante será indenizado.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no formato de dissertação/tese.

W'Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador. Em caso de dúvidas quanto à sua participação, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do e-mail "irenegimenes6@gmail.com", do telefone "(67)996235247", ou por meio do endereço (profissional) "Rua 13 de maio, 1010- Centro".

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail: cepconeppropp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público: 07h30min-11h30min no período matutino e das 13h30min às 17h30min no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê

tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

marque esta opção se você concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

marque esta opção se você não concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

Marque essa opção se autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Marque essa opção caso NÃO autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Nome e assinatura do pesquisador

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

Nome e assinatura do participante da pesquisa

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- PROFESSOR NATIVO PARAGUAIO DA REDE MUNICIPAL

Prezado/a participante, você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **“Representações sociais e o ensino de Língua Espanhola no município fronteiriço de Porto Murtinho/MS: Uma análise discursivo-decolonial”**, desenvolvida pela pesquisadora Irene Auxiliadora Alvarez Gimenes e orientada pelo Prof. Dr. Rosivaldo Gomes, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O objetivo central do estudo é “analisar as práticas discursivas de atores sociais acerca da importância da Língua Espanhola no contexto do município de fronteira de Porto Murtinho-MS”.

O convite para a sua participação se deve à “sua representação como PROFESSOR NATIVO PARAGUAIO com uma significativa trajetória e experiência na rede municipal de educação. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não terá prejuízo algum caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. “A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver a sua autorização”.O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 1h/hora. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas os pesquisadores.Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/2012.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é “Proporcionar uma significativa contribuição social no campo da Linguística Aplicada que condiz especialmente pela oferta do ensino da Língua Espanhola, trazendo à tona a importância de repensar uma educação intercultural em um local onde determinadas culturas

convivem, bem como levá-los à reflexão de como suas representações como atores sociais podem influenciar direta e indiretamente pelas alterações curriculares, pensando nas realidades e necessidades locais.

Esta pesquisa não apresenta riscos diretos aos diretores, estudantes, professores e tampouco à pessoa responsável pelo setor de normatização da secretaria municipal de educação. No entanto, atentos ao sigilo de informações e os riscos de falta de ética com relação à participação dos colaboradores, os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para produção da dissertação de mestrado, bem como na publicação de artigos científicos. Contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar nomes, endereços e quaisquer outros dados pessoais dos envolvidos que comprometa o sigilo de cada colaborador desta pesquisa, garantindo seu anonimato e os possíveis riscos nesse tocante.

A realização da referida pesquisa não prevê despesas para as instituições, tampouco aos demais colaboradores. Em caso de eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa, o participante será indenizado.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para produção da dissertação de mestrado, bem como na publicação de artigos científicos. Contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar nomes, endereços e quaisquer outros dados pessoais dos envolvidos que comprometa o sigilo de cada colaborador desta pesquisa, garantindo seu anonimato. Os bancos de dados gerados pela pesquisa serão disponibilizados sem identificação pessoal.

A realização da referida pesquisa não prevê despesas para as instituições, tampouco aos demais colaboradores.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no formato de dissertação/tese.

Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador. Em caso de dúvidas quanto à sua participação, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do e-mail “irenegimenes6@gmail.com”, do telefone “(67)996235247”, ou por meio do endereço (profissional) “Rua 13 de maio, 1010- Centro”. Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal

de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias ‘Hércules Maymone’ – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail:cepconeppropp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público:07h30min-11h30min no período matutino e das 13h30min às 17h30min no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

marque esta opção se você concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

marque esta opção se você não concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

Marque essa opção se autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Marque essa opção caso NÃO autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Nome e assinatura do pesquisador

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

Nome e assinatura do participante da pesquisa

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- ALUNOS(AS)

Prezado/a participante, você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **“Representações sociais e o ensino de Língua Espanhola no município fronteiriço de Porto Murtinho/MS: Uma análise discursivo-decolonial”**, desenvolvida pela pesquisadora Irene Auxiliadora Alvarez Gimenes e orientada pelo Prof. Dr. Rosivaldo Gomes, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O objetivo central do estudo é “analisar as práticas discursivas de atores sociais acerca da importância da Língua Espanhola no contexto do município de fronteira de Porto Murtinho-MS”.

O convite para a sua participação se deve à “sua representação como aluno (a) na única instituição da Rede Estadual de educação que oferta o Ensino Médio no município”. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não terá prejuízo algum caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. A citação dos nomes será feita apenas sob a autorização dos participantes. Caso você não autorize a exposição de seu nome, será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa qualquer dado que possa identificá-lo, utilizando-se de nomes fictícios e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. “A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver a sua autorização”. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 1h/hora.s entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas os pesquisadores.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/2012.

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é “Proporcionar uma significativa contribuição social no campo da Linguística Aplicada que condiz especialmente pela oferta do ensino da Língua Espanhola, trazendo à tona a

importância de repensar uma educação intercultural em um local onde determinadas culturas convivem, bem como levá-los à reflexão de como suas representações como atores sociais podem influenciar direta e indiretamente pelas alterações curriculares, pensando nas realidades e necessidades locais.

Esta pesquisa não apresenta riscos diretos aos diretores, estudantes, professores e tampouco à pessoa responsável pelo setor de normatização da secretaria municipal de educação. No entanto, atentos ao sigilo de informações e os riscos de falta de ética com relação à participação dos colaboradores, os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para produção da dissertação de mestrado, bem como na publicação de artigos científicos. Contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar nomes, endereços e quaisquer outros dados pessoais dos envolvidos que comprometa o sigilo de cada colaborador desta pesquisa, garantindo seu anonimato e os possíveis riscos nesse tocante quando assim o participante decidir..

A realização da referida pesquisa não prevê despesas para as instituições, tampouco aos demais colaboradores. Em caso de eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa, o participante será indenizado.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no formato de dissertação/tese.

Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador. Em caso de dúvidas quanto à sua participação, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do e-mail “irenegimenes6@gmail.com”, do telefone “(67)996235247”, ou por meio do endereço (profissional) “Rua 13 de maio, 1010- Centro”.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias ‘Hércules Maymone’ – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail:cepconep.propp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público: 07h30min-11h30min no período matutino e das 13h30min às 17h30min no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê

tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

marque esta opção se você concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

marque esta opção se você NÃO concorda que durante sua participação na pesquisa seja realizada “em forma de gravação de vídeo e áudio”.

Marque essa opção se autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Marque essa opção caso NÃO autoriza a veiculação de seu nome na análise dos dados da entrevista.

Nome e assinatura do pesquisador

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

Nome e assinatura do participante da pesquisa

_____, _____ de _____ de _____

Local

e

data

APÊNDICE G – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perguntas norteadoras para esclarecimentos e análises em consonância com os objetivos:

Ao responsável pela secretaria municipal de educação:

- 1- Nome formação e função atual:
- 2- Quantas línguas estrangeiras são ofertadas na rede municipal de ensino?
- 3- Quantas escolas pertencem à rede municipal de ensino e em quais são ofertadas o ensino de língua estrangeira?
- 4- Após a reconfiguração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a oferta do ensino de Língua Espanhola tornou-se optativa. Em sua opinião, como isso repercutiu na rede municipal?
- 5- Tinha conhecimento das normas previstas no documento BNCC sobre a(s) oferta(s) de línguas estrangeiras e os arranjos curriculares que melhor pudessem atender à comunidade local?
- 6- Existe alguma normatização ou política pública voltada à garantia de ensino de línguas no município?
- 7- São oferecidas formações continuadas voltadas aos professores que lecionam línguas estrangeiras na rede municipal?
- 8- A rede municipal oferta materiais didáticos aos docentes ou às escolas?
- 9- Como é feita a designação dos profissionais que atuam no ensino de línguas? Têm formação específica?
- 10- Considera importante o ensino da Língua Espanhola? Comente:

Aos diretores/as da rede estadual de ensino:

- 1- Nome e formação:
- 2- Período de gestão:
- 3- Quantas línguas estrangeiras são ofertadas na rede estadual de ensino?
- 4- Em quais modalidades?
- 5- Qual a sua opinião diante a decisão da disciplina de Língua Espanhola tornar-se oferta optativa?
- 6- Como soube da decisão desta disciplina ser de matrícula optativa?
- 7- Tinha conhecimento das normas previstas no documento BNCC sobre a(s) oferta(s) de línguas estrangeiras e os arranjos curriculares que melhor pudessem atender à comunidade local quando se optou pela matrícula obrigatória em língua inglesa apenas?

8-Houve um momento para dar conhecimento à comunidade escolar sobre as novas normas quanto ao ensino de línguas?

9-Considera importante o ensino da Língua Espanhola? Por quê?

10-Se pudesse rever ou ter a possibilidade de atender a demanda local a respeito da oferta da Língua Espanhola como diretor/gestor sabendo da função social da escola, como seria?

Aos professores/as de Língua Espanhola:

1-Nome e formação:

2- Turmas que leciona a disciplina:

3-Comunica-se por meio da Língua Espanhola com facilidade?

4- Comente sobre a importância do ensino desta disciplina aos alunos?

5-Como eles atendem as propostas pedagógicas no decorrer das aulas?

6-Elenque as principais dificuldades encontradas por você como docente de língua estrangeira.

7-Aspectos positivos vivenciados no ensino de línguas:

8-A instituição ou rede de ensino propicia a oferta de Formação Continuada voltada para melhoria na oferta do ensino da língua estrangeira?

9-Os alunos dispõem de livros e/ou materiais didáticos adequados de acordo com o currículo local?

10-Qual é a sua opinião sobre o currículo local para o ensino de Língua Espanhola a fim de atender a realidade dos discentes? Seja quanto à quantidade de aulas e seja quanto às competências e habilidades a serem desenvolvidas por cada etapa de ensino.

Aos alunos/as do ensino médio e EJA (educação de jovens e adultos):

1-Qual é a sua idade e escolaridade?

2-Tem contato com a Língua Espanhola?

3-Considera importante? Por quê?

4-Se a disciplina fosse ofertada na sua escola, mas tivesse que decidir estudar ou não, sem prejuízos na nota do boletim, escolheria com objetivo de aprender espanhol?

5-Como seria a aula de LE ideal?

APÊNDICE H- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1

Entrevistado: Diretor Manoel

Pesquisadora: Boa tarde, diretor Manoel, é, eu sou a pesquisadora, Irene, venho pedir sua contribuição nas respostas para as perguntas para posterior análise a respeito da temática da pesquisa, representações sociais e o ensino de LE em Porto Murinho, Fronteira com Carmelo Peralta.

Entrevistado: Boa tarde, Irene. É. Estou à disposição para responder suas perguntas e espero contribuir naquilo que eu puder.

Pesquisadora: Certo, professor, qual que é a sua formação? É? Área sua área de formação.

Entrevistado: Eu sou formado em letras, português e inglês.

Pesquisadora: Certo, como diretor, qual o período que o senhor está na gestão? Já diante da instituição escola José Bonifácio?

Entrevistado: Diretor, eu estou no segundo mandato, eu tomei Posse é em 2016, para um. Mandato de 4 anos. Cumprido esse mandato, eu iniciei outro mandato depois de reeleito em 2020.

Pesquisadora: Como a pesquisa, ela é relacionada direcionado especificamente sobre o ensino de línguas. A primeira pergunta referente a ela é, é quantas línguas estrangeiras são ofertadas no currículo dos alunos matriculados nesta escola?

Entrevistado: Olha, não tem uma língua específica, é todos os anos. Houve uma época que era o inglês. Depois, posteriormente, se viu a necessidade do espanhol tá? Depois ficou optativa, é espanhol, inglês. Atualmente a gente está com o inglês somente eu acho que tem uma aula de espanhol. Na educação conectada, somente no EJA é educação de jovens e adultos.

Pesquisadora: É, qual que é a sua opinião referente a esse? Essa matrícula de oferta optativa, porque é dessa forma que. Está a disciplina de língua estrangeira. No caso do espanhol, como matrícula optativa ao aluno, ele escolhe matricular-se nela ou não, né?

Entrevistado: Eu acho que eu penso que Inglês e espanhol é fundamental. É até difícil a gente aqui medir a necessidade, porque o inglês tem uma importância universal e o espanhol tem uma importância regional aqui por conta da Fronteira, né? E do Mercosul? Então Eu Acredito, se eu tivesse que escolher, eu colocaria as duas.

Pesquisadora: Antes da alteração, tinha português, inglês, espanhol normal. Aí, depois da mudança da revogação da obrigatoriedade do ensino do espanhol, só manteve o inglês, né como obrigatórios, certo?

Entrevistado: Isso no regular, tá?

Pesquisadora: Isso no ensino médio regular. Na e na modalidade da EJA permanece. Por que motivo permanece na EJA?

Entrevistado: Se não sei se ainda a gente não viu a grade ainda de repente mudou. Eu ainda não posso afirmar.

Pesquisadora: A própria grade já manda, já é. Traz a oferta, então.

Entrevistado: Porque como o estado altera muito, né? É muita política de momento ou esse ano tentam de um jeito ou outro ano, tentam de outro. Agora eu tenho uma visão de educador e vejo a importância das duas línguas nas escolas, mas assim também por outro lado eu vejo que o estado não oferece nenhuma estrutura adequada para o ensino dessas línguas. Essas escolas precisariam de laboratórios, é língua estrangeira, só se aprende falando, tem que ter laboratório, tem que ter. É, é AA. Como que a gente fala? Tem que ter a prática da fala, tá? Se não tiver, vai ser difícil isso. Só através de laboratório, copiar, escrever no quadro tá é, eu acho que é. É só para preenchimento mesmo de legenda de currículo, na verdade. Não vejo, é muito resultado nisso. A gente que vem de escola pública, que estudou também língua estrangeira ou línguas estrangeiras, a gente já sabe a dificuldade para se aprender alguma coisa. Na verdade, o que o aluno quer aprender é aprender fora da escola, dentro da escola é muito limitado o ensino de línguas, mas está é a necessidade seria de uma estrutura grande em cima das duas línguas.

Pesquisadora: Como o senhor soube da decisão da disciplina ser de matrícula optativa? Qual foi o meio?

Entrevistado: Através das correspondências do estado mesmo.

Pesquisadora: O senhor tem ou tinha, na época, conhecimento das normas previstas no documento da BNCC sobre a oferta de língua estrangeira? Não. Não sabia que.

Entrevistado: Não, na época não.

Pesquisadora: Antes da decisão, houve um momento reunião para dar conhecimento à comunidade escolar. Sobre as alterações, consta quanto a esta disciplina. Bom, essa pergunta que eu acho que já é automática, né? A resposta? Porque se isso, se o senhor soubesse das normas, talvez o senhor poderia trazer a comunidade para optar, não é? E fazer uma reunião para explicar o porquê que manteria o inglês e o espanhol, a princípio, por essa é.

Entrevistado: É, mas. Às vezes as coisas vêm de modo tão rápidas. E de cima para baixo que nem sempre dispõe de tempo para informar a comunidade como deveria. Até ultimamente a gente tem o programa família e escola a gente tem mais encontros, mas antes era mais difícil, né? Então é essas mudanças atuais é todas... é difícil a gente cumprir criteriosamente é com

todas as demandas no tempo certo, né? Então, é hoje que a comunidade está tomando consciência? Tá, mas é assim quando começa a tomar consciência de uma coisa já muda.

Pesquisadora: E como que foi... É passado, essa foi uma orientação?

Entrevistado: Não veio Na Na resolução na grade. Todo ano, o estado tem uma grade curricular para a gente é ofertar pra escola, né?

Pesquisadora: é como se fosse uma atualização.

Entrevistado: é, é. E aí veio salvo engano, veio a ACI orientando que a escolha seria optativa. Tá, não funcionou também como deveria. Porque volto a dizer, a escola precisa de o estado precisa de uma estrutura maior para o ensino de língua estrangeira. Na verdade, é, é. Do contrário, a gente tem que admitir que é simplesmente um contato com uma língua estrangeira, uma noção, uma base mínima mesmo. Certo, como, como a gente costuma falar, eu sempre digo, é. Tem uma expressão correta que no momento agora não me ocorre. Que a gente costuma falar que a melhor forma de aprender inglês é falando, e aí você falando e tendo a estrutura teórica, fica mais fácil, né? Agora você tem uma estrutura teórica. O máximo que você faz é, é, digamos assim, aporuguesar o inglês.

Pesquisadora: (()) Qualquer outra língua, na verdade, não é.

Entrevistado: É qualquer outra língua?

Pesquisadora: O senhor já tinha falado já sobre a importância, né? Da língua espanhola. Mas o senhor pode comentar de novo? Considera importante o ensino da língua espanhola?

Entrevistado: Sem dúvida, nós vivemos numa região de Fronteira, né? Uma região trilingue, digamos assim. Eu acho que o Guarani é difícil de aprender, é principalmente a gente depois de adulto, né? E as crianças a cultura da família murtinhense hoje já está tentando, extinguir o Guarani tá, mas eu acho que culturalmente tem uma importância sem dimensões, tá? E? Voltando ao espanhol? Está o fato de estar aqui na Fronteira, até porque também é a segunda língua mais falada no mundo, né? Tá? Então é. É de suma importância o espanhol aqui ou em qualquer lugar. Assim como o inglês, né? Agora é culturalmente, se coloca sempre o inglês à frente. Mas eu acho que quem tem um bom inglês, um bom espanhol, vai se dar bem em qualquer lugar do mundo.

Pesquisadora: E para finalizar, se o senhor pudesse rever ou atender a demanda local, levando em consideração o contexto da construção da rota bioceânica que vai estreitar esses laços com outros países que também falam a língua espanhola como língua oficial e diretor gestor da desta instituição, que é a única rede estadual que oferta o ensino médio, alunos que vão para o mercado de trabalho ou continuam uma faculdade? Muitos atendem a demanda de comércio

que provavelmente vai demandar mais um profissional bilíngue e que, de preferência, domine a língua espanhola

Entrevistado: [[ou trilingue, né

Pesquisadora: [[é porque nós temos essa realidade, não é das pessoas de vários lugares que vão circular aqui. E a função social da escola, como o senhor conseguiria propor um ensino do espanhol na rede estadual?

Entrevistado: [[É, eu digo assim é.

Pesquisadora: [[Pensando em professor, pensando em aluno e escola.

Entrevistado: A falta de estrutura, ela não vai só da escola em si, como a falta de profissional também. Não, não é só a questão logística. A falta de profissional preparado também para essas disciplinas, tá? Se eu pudesse escolher e eu dar estrutura, tivesse ao meu alcance eu implantaria as duas línguas. Sem dúvida alguma. OOO estudo é? Não diria, não usaria a expressão obrigatório, mas é. É. É, eu ofertaria, colocaria à disposição do aluno às duas línguas. Mas com estrutura, com a certeza de que queriam realmente aprender o suficiente para fazer uso na vida com sucesso, tá?

Pesquisadora: Certo? São essas perguntas, professor, agradeço pela contribuição EE espero trazer os resultados, né? Dessa, dessa sua contribuição também.

Entrevistado: Aí eu espero ter contribuído. Agradeço também pela escolha, tá? É sempre muito bom falar da área que a gente trabalha, né? Da área que a gente tem informação. É por isso que eu sempre digo ao professor venda seu produto, né? E faltando é nos falta professores de línguas, no caso, línguas estrangeiras, para também vender seu produto, né?

Pesquisadora: Sim, essencial. Obrigada, professor.

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2

Entrevistada: Prof. Zunilda

Pesquisadora: Certo, vamos iniciar. Então A Entrevista com a professora Ju Nilda, responsável pela Secretaria, não é do setor de normatização da Secretaria de municipal de educação e também presidente do conselho municipal de educação. AA primeira pergunta, professora Zunilda, a senhora vai conduzindo a gente vai conversando, já te agradeço pela contribuição com a minha pesquisa, espero que nós possamos escolher bons resultados. E aí, para iniciar, é. Eu preciso que a senhora se apresente dizendo o nome e a formação da senhora.

Entrevistada: Eu sou professora Zunilda. É a minha formação, é pedagogia com habilitação em administração. E didática. E tem a pós-graduação, metodologia do ensino superior. E inspeção escolar

Pesquisadora: A função que hoje a senhora ocupa lá na Secretaria de educação.

Entrevistada: Então eu sou o gerente de normatização. É, em. Função do curso do conhecimento que eu tenho. Eu trabalhei no estado e fui bem preparada nessa área, né? Então eu desenvolvo esse trabalho. Na Secretaria da educação.

Pesquisadora: Como a pesquisa, ela é direcionada a línguas, ensino de línguas, essa pergunta é...norteia sobre as línguas estrangeiras que são ofertadas na rede municipal de ensino. Quais são?

Entrevistada: Então, nós temos. O inglês, né? E o espanhol

Pesquisadora: As duas têm a mesma carga horária.

Entrevistada: Sim, as duas com a mesma carga horária.

Pesquisadora: Quantas aulas de espanhol é ofertada por...

Entrevistada: É uma aula, uma aula. Por ano

Pesquisadora: [[E seria?

Entrevistada:[[Eram 2 e diminuiu para uma.

Pesquisadora: Qual disciplina que entrou?

Entrevistada: Empreendedorismmo

Pesquisadora: E o espanhol, é ofertado desde a educação infantil, não.

Entrevistada: Não... não, tem sim, tem a educação infantil. É na pré-escola tem espanhol já?

Pesquisadora: [[Já tem na pré-escola?

Entrevistada: [[é

Pesquisadora: é uma aula até o ensino fundamental dois, nono ano.

Entrevistada: Completo, é?

Pesquisadora: Quantas escolas pertencem à rede municipal de ensino?

Entrevistada: Acho que que. Que. Que oferecem a em espanhol?

Pesquisadora: É todas, é quantas escolas pertencem à rede e quais em quais são ofertadas no ensino de língua estrangeira.

Entrevistada: É na área urbana, nós temos três escolas municipais. Temos uma rural. É que tem as extensões. São várias extensões nas duas extensões. E nós temos a escola indígena também, que também tem o espanhol. Tem sim, sim, sim.

Pesquisadora: Nas extensões também oferta o espanhol?

Entrevistadora: [[É porque a matriz curricular é.

Pesquisadora: [[Segue....Aham.

Entrevistada: É toda igual.

Pesquisadora: E aí, no caso, o professor é o regente, regente? Ele, ele dá aula de língua espanhola?

Entrevistada: É o regente, é ele. Na verdade, ele é polivalente ali, né? Porque acaba que ahéhh, trabalha várias disciplinas.

Pesquisadora: São várias, né? Quando teve a reconfiguração da base nacional comum curricular, a oferta do ensino de língua espanhola, ela tornou-se optativa. Como isso repercutiu na rede municipal? Teve alguma alteração?

Entrevistada: Então...éhhpor...por a gente viver é numa cidade que é Fronteira, não é? Então...éhh, O conselho, os demais professores. É, pediram para garantir essa ,essas aulas de espanhol. Porque ela é muito importante para nós aqui, nessa, nessa vivência nossa, não. É uma influência do Paraguai, aqui. Na no nosso município é muito grande, inclusive nós temos bastante família. É paraguaia, que fala o espanhol e quem está inserido no nosso município, né? Sim, então ali ela continua firme na nossa matriz e não se pretende tirar não. Eu acho que a gente tem que é acrescentar mais aulas.

Pesquisadora: Sim, com relação a essa diminuição da, da língua espanhola. Teve alguma justificativa do porquê que foi o espanhol que perdeu uma aula? Para inserir O...oA nova disciplina, que é o empreendedorismo.

Entrevistada: Então, é, foi assim uma polêmica, até quando foi retiradas essa aula. Mas é... Em função de de...de,de colocar o empreendedorismo, eh que foi que a gente justificou que era necessário, né? E era a aula que a gente poderia estar movimentando, né? Sem...sem ser a base nacional comum. Então, é...

Pesquisadora: (())Sem perder....

Entrevistada: E ali então foi, foi acrescentado

Entrevista: E como que foi? Éh, prof...quem que decidiu assim, quem que disse, ó, tem que ser espanhol?

Pesquisadora: Então foi, foi um consenso no conselho... O conselho municipal, mesmo na onde a gente tem o colegiado que... analisa, e aí se decidiu pela disciplina de espanhol, não é?

Pesquisadora: (())Que podia ser o espanhol que cederia, né?vamos dizer assim...

Entrevistada: Já que nós temos as 2 disciplinas. Que é inglês, e o espanhol. Então, para prevalecer a disciplina do espanhol, mas com a carga horária menor.

Pesquisadora: Reduzida... e o inglês continua com 2 aulas por semana, né?

Entrevistada: Sim, continua sim.

Pesquisadora: Entendi... É, existe alguma normatização ou política pública voltada à garantia do ensino de línguas no município?

Entrevistada: Somente a legislação que é normatiza ou a confecção do... da matriz curricular é só,só aí mesmo, né? Que é que direcionar quantas aulas e o porquê que é que trabalhado isso?

Pesquisadora: Entendi. Por parte do conselho, então ainda não foi pensada uma...

Entrevistada: Não, assim... uma específica ainda, não...mas é importante...

Pesquisadora: Uma específica, hã? Falando, né? Sobre essa justificativa do ensino da língua?

Entrevistada: Até para garantir que ela fique, né, né? A valorização...

Pesquisadora: (())É porque se ela não existe, né... qualquer um pode dizer não é que não é necessário sim, não é? E aí não existe nada que ampare, né? Porque o próprio documento da base diz que não é obrigatório. A lei foi revogada, né?

Entrevistada: Ela, ela abre, deixa livre para... mas ela é necessária para nós aqui, para o nosso povo, ela é importante.

Pesquisadora: Sim... são ofertadas formações continuadas. É voltada aos professores da rede que lecionam a língua estrangeira ou línguas. Assim, né? Línguas tanto português, inglês, espanhol.

Entrevistada: Nós temos...Nós temos muita dificuldade nessa situação. Por mais que se busque, é... é muito difícil, então é só mais...É o professor mesmo, que busca... é. É fazendo cursos, é dessa forma, mas não que. Ao município, a Secretaria municipal de educação oferece.

Pesquisadora: (())Não parte da Secretaria, né... o professor que procura.

Pesquisadora: Éh, a rede municipal oferta materiais didáticos aos docentes ou às escolas. No caso de língua estrangeira?

Entrevistada: Não especificamente, não tem.

Pesquisadora: Não tem prof? então o livro de espanhol? de inglês?

Entrevistada: É, Que eu saiba, até agora não tem nada assim, eles procuram. É conforme o que a listagem de conteúdos a ser trabalhado e eles pesquisa.

Pesquisadora: Aí eles pesquisam e preparam o material?

Entrevistadora: É, é, mas não específico assim. Livro assim que dá norte, nós não temos. De inglês que sempre tem, mas o de espanhol que é muito difícil

Pesquisadora: (()) É, eu achei que tinha até no município...no estado, até vem, mas a gente tem que estar adequando, né? Quando vinha, tinha que estar adequando.

Entrevistada: É muito difícil.

Pesquisadora: Ainda mais depois da revogação, né? É diminuiu. É como é feita a designação dos profissionais que atuam no ensino de línguas. Eles têm formação específica.

Entrevistada: Então, através da seletiva que a Secretaria oferece ,no edital, ele exige que tenha Ou letras, com habilitação em espanhol.

Pesquisadora: Mas aí se esgotar, por exemplo, o banco de dados que aí, no caso dos regentes, eles acabam tendo que se preparar para dar aula de espanhol, né?

Entrevistada: Sim, sim. Mas aí acaba que é, né? É, não é professor preparado? No caso, ele é só um... Assim, prepara a sua aula, independente da devida habilitação.

Pesquisadora: Ele assume, né? Seria, né, leigo? Mas que procura, né? A? O material e é uma forma de ensinar para os alunos, né? E a senhora sabe me dizer mais ou menos quantos professores de espanhol formar com formação específica tem no município.

Entrevistada: Que... que tá? É que tá lotado mesmo com a gente acho que tem uns quatro por aí.

Pesquisadora: Da rede? Que estão distribuído nessas escolas, né?

Entrevistada: É... é, é são poucos.

Pesquisadora: E os outros? Aí, quando termina esse banco de dados, entram os. Os leigos...mas, e tem alguma preferência para lotar eles para escolher?

Entrevistada: Não, não tem.

Pesquisadora: Áreas afim é?

Entrevistada: de preferência, o que tem letras, né? Mas às vezes não tem um específico espanhol, né?

Pesquisadora: E já aconteceu casos, por exemplo, de não ter professor de letras para dar aula de espanhol?

Entrevistada: Sim, sim, acontece muito. Né?

Pesquisadora: (())Essa importância da formação não é também? Não é?

Entrevistada: Verdade

Pesquisadora: Porque antes tinha mais, até por causa da falta de profissionais não é habilitado, só que hoje nós, por exemplo, nosso município já teve duas turmas de letras, né? da universidade federal, né? É.

Entrevistada: É que foi ofertado aqui mesmo, né? Isso é muito bom, é agora, abriu outro curso, né?

Pesquisadora: Mas e é, não sei se é espanhol também ali.

Entrevistada: Ai, que bom, né? Isso aí vai então ajudar bastante.

Pesquisadora: Assim a gente espera, né? que essa galera chegue no final, né? Na reta

Entrevistada: Mas oportunidade nessa.

Pesquisadora: Professora, última pergunta: considera importante o ensino da língua espanhola? Comente, a senhora falou já, né? Mas aí como, né? Encerramento, só peço que o senhor faça um comentário, encerra.

Entrevistada: Considero muito importante, até porque eu sou filha de paraguaios e que falavam espanhol e é assim, é uma língua que para mim, é muito familiar. Eu aprendi o espanhol dentro de casa, Né? E assim, viajando, quando eu fui pra pra Argentina eu... eu pude desenvolver bem o meu espanhol e vi quanta diferença, tendo o espanhol nosso daqui com o deles de lá, né? Lógico, também é sim. Eu vi que eu tinha muito conhecimento do espanhol, então isso é muito importante, né? Eu acho assim, foi espanhol aqui para o nosso povo. Com o Paraguai? É importantíssimo.

Pesquisadora: Isso mesmo. Professora, eram essas as perguntas norteadoras, né? Agradeço pela sua contribuição. Espero, né? Em seguida, trazer os resultados, né? Pelo menos da análise que essa pesquisa trouxe até o momento não é e não impede de outros estudos virem, né? Ao encontro dessa proposta e em defesa do ensino da língua espanhola na região, né? Obrigada, professora.

Entrevistada: Eu posso falar?

Pesquisadora: Pode, pode ser. Quer que grave?

Entrevistada: É importante, sim.

Pesquisadora: Sim, sim.

Entrevistada: Eu quero dizer, e... é professora Irene que a sua pesquisa, o seu estudo muito vai contribuir com a educação de Porto Murтинho, Né? Porque eu vejo, agradeça do seu trabalho. Você em busca e...a educação de Porto Murтинho só tem a ganhar com seu trabalho.

Pesquisadora: Obrigado, obrigado pela pelas palavras, professor, eu espero, né?

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 3

Entrevistada: Kátia

Pesquisadora: Bom, Kátia, obrigada pela, pela entrevista, por você ter é... topado! Para a gente iniciar no primeiro momento de pergunta, OOOA() sua idade a modalidade de ensino que você está hoje, você é aluno da Escola Estadual José Bonifácio, que é a única instituição que oferta o ensino médio e o ensino é de educação de jovens e adultos na rede estadual. No. Que representa o município.

Entrevistada: Eu me chamo Kátia, tenho 40 anos e estou na EJA módulo três.

Pesquisadora: É, como minha pesquisa na área da língua espanhola, você tem contato com a língua espanhola?

Entrevistada: É, temos muito contato por ser Fronteira, né? E termos no caso entre o Guarani, o espanhol né? Fica o portunhol na verdade, né? Por causa da Fronteira, né? Porque tanto nós aqui do lado brasileiro, falamos. E as pessoas do lado, Do exterior também fala. Aí é muito importante pra tá colocando na... Como eu vou falar assim? É importante pra... É, agora é... Muito mais importante por causa dessa ponte que vai sair, não é?

Pesquisadora: Na construção, né?

Entrevistada: Aham, é muito mais importante. Para ter o contato, né? Aí tem os menonitas também que também fala, né?

Pesquisadora: Eles falam espanhol?

Entrevistada: Há, tem uns que fala sim. Aí eu acho que é de suma importância eu, como paraguaia, não é que... eu tenho. Eu me considero paraguaia porque eu tenho sangue dos meus pais, não é?

Pesquisadora: Os seus pais são paraguaios?

Entrevistada: Meu pai é Paraguaio

Pesquisadora: Seu pai? é vivo ainda?

Entrevistada: Não, meu pai faleceu.

Pesquisadora: E assim na sua casa, vocês falam?

Entrevistada: O Espanhol é me () é enrolado em que mistura o guarani com espanhol e português.

Entrevistada: E... mas eu acho de suma importância.

Pesquisadora: Entendi... é você bom, já falou, né? Considera importante, é. Essa não caberia a vocês, não. É, mas vamos, por que se o espanhol ele não tivesse como disciplina para vocês hoje na EJA vocês têm espanhol, né?

Entrevistada: Temos, temos.

Pesquisadora: É, se ela não tivesse sido ofertada e fosse ofertada de uma forma optativa, não obrigatória, você escolheria estudar ela?

Entrevista: [[Sim, escolheria com certeza.

Pesquisadora: [[Por que motivo?

Entrevistada: Que eu te falei sobre?

Pesquisadora: Sobre a importância, né? Contexto que você explicou, né? Certo.

Pesquisadora: E no caso das aulas de espanhol, você acha que tem uma base... guia vocês para um entendimento básico do espanhol.

Entrevistada: Sim, professora Paula, é. É muito eficaz no que faz.

Pesquisadora: Vocês trabalham oralidade?

Entrevistada: Sim

Pesquisadora: É isso, Kátia, na verdade, são essas perguntas, não é? Agradeço por você ter contribuído quando terminar, eu vou compartilhar com vocês pra vocês verem se você, né, achar melhor, eu posso criar um nome fictício. Quando eu for citar, porque eu vou ouvir e aí alguns dados que eu faço análise eu retomo, eu falo, ó Kátia, ou coloco um nome fictício, dessa forma, né? E aí eu justifico, vou compartilhar pra vocês verem como eu fiz a análise “/.../”

Entrevistada: Fica a seu critério, professora.

Pesquisadora: Ah, então não tem problema. Aí eu só vou pedir pra você assinar o termo, né, “/.../”

APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 4

Entrevistada: Roselia

Pesquisadora: Bem, nós estamos com a aluna Roseli. É na Escola Estadual José Bonifácio que é a única instituição que oferta ensino médio tanto da educação, na modalidade da EJA, quanto a um ensino médio regular. É, Roseli... Primeira coisa é vou pedir para você se apresentar dizendo seu nome, idade e a modalidade de ensino que você estuda aqui na escola. E o período também que você estuda.

Entrevistada: Sim, é meu nome é Roseli. Tenho 33 anos, eu tô cursando EJA no ensino médio, na parte noturna da...daEscola José Bonifácio.

Pesquisadora: Como minha pesquisa é na área da língua espanhola, eu te pergunto, você tem o contato com o espanhol?

Entrevistada: Sim, é muita das vezes na escola que a gente tem aula espanhol. E no dia a dia, como a mãe do meu esposo, ela é paraguaia, então a gente, e devido também da...da Fronteira, né? No Brasil e Paraguai e a gente tem muito no dia a dia, bastante.

Pesquisadora: Você trabalha no comércio? Sim.

Entrevistada: Então, tenho trabalho, eu mexo com vendas e então a gente atende vários tipos de pessoas, então é fundamental.É muito importante nossa vida, porque a gente tem muito contato com é pessoas, é paraguaias, que falam, é Guarani, espanhol e então a gente tem contato no dia a dia.

Pesquisadora: E você, quando se comunica com eles,você fala espanhol?

Entrevistada: Eu falo pouca coisa, falo Guarani também pouca coisa. Eu entendo mais do que falo, mas eu entendo bem.

Pesquisadora: Você gostaria de se comunicar mais?

Entrevistada: Sim, com certeza.

Pesquisadora: (())Seria interessante, né? E fica melhor também. Eu acho que as pessoas se sentem mais à vontade também, né? Quando?

Entrevistada: [[É sim.

Pesquisadora: [[Você fala a língua dela.

Entrevistada: Sim, é exatamente.

Pesquisadora: Certo, Roseli, é por que que você acha importante o ensino da língua espanhola aqui no para o nosso município?

Entrevistada: Eu, no meu ponto de vista é questão fronteira...é igualzinho mesmo. A gente vai num hospital e ou até no comércio em outros lugares. Tem necessidade, porque o os

nossos vizinhos, né, que é virado na colônia, é AA ilha. Muita das vezes tem pessoas que não entendem e não sabe falar o português ou não sabe se expressar direito. Então se a gente tem, é a aula ou até mesmo a gente entende bem, fala bem, se comunica bem, então a gente fica mais facilitado para a gente se comunicar. Não com elas, né?

Pesquisadora: Muito certo. Você falou também da questão da ponte, não é?

Entrevistada: Sim, e que agora vai vim, né? Aqui, isso aí é muito importante vir eu acho que vai trazer, eu tenho certeza, né, que vai trazer bastante pessoas de fora. Então para nós, é importante até mesmo que a gente trabalha em comércio, em vendas, tudo, né? Então isso daí é importante para nós.

Pesquisadora: Vocês têm aula de espanhol, né? Tem uma vez por semana.

Entrevistada: Sim. Temos

Pesquisadora: Sim, como que essa aula ela ajuda vocês aa ter uma base do espanhol é se vocês pudessem sugerir quais seriam as sugestões que vocês dariam para professora para essa aula. Ela ser mais é atrativa para que vocês possam. De repente, às vezes podem. Pode dar uma sugestão? A espanhol podia também trabalhar isso ou aquilo, ou fazer a gente falar. Mas algumas sugestões que vocês poderiam pensar, ou ela está bom do jeito. Está bem, né?

Entrevistada: Olha, ela é uma excelente profissional na área dela. É, entende bem. Fala bem, sabe expressar aquilo que ela quer e a gente compreende bem. Só que eu acho assim é como você falou, a senhora falou, né? É da opinião daquilo que seria importante, né? Ter assim uma aula prática, né? Com umas pessoas é tipo assim, há vamos fazer um? Um brechó, mas aí você vai ter que falar em espanhol a oferecer o seu produto em espanhol. Então eu acho que usei para poder. É como vem a ponte, como né? Tem citado, então seria isso daí? É interessante você se comunicar em espanhol para que as pessoas se sintam mais seguras e também se habituar e se sentir à vontade, porque é... É questão assim de como que eu vou falar pra senhora. De comunicação, dos nossos é das pessoas que virão para cá, não é para poder comprar, adquirir aquele produto. Como que você vai explicar o que que tem naquele produto se você não conhece o espanhol, né? Então eu acho que seria bacana nessa parte da aula prática.

Entrevistada: (()) você é colocada. Já a prova, não é? Se você trabalha com vendas, por exemplo, como você faria se isso acontecesse na realidade?

Entrevista: sim, exatamente.

Pesquisadora: (()) Entendi, é interessante. Realmente é um sonho, né? Mas que a gente pode sugerir professora Paula, colocar vocês ali para *hablar español*, né? E por porque é interessante, até para vocês perderem e o medo e vocês também ganharam segurança.

Entrevistada: Eu sei.

Pesquisadora: Sim, né? Porque se você tem certeza do que você vende e consegue traduzir isso para outra língua, não é faz com que aumente também o poder de oferta de vocês, né? Então, se tem um paraguaio, uma pessoa que fala só espanhol e tem três comerciantes. Ele tá, ele tem dois oferecendo em português e o terceiro mesmo produto. E o terceiro ali, falando a língua que ele domina. Ele vai se aproximar de quem? Quem, né? De que está mais próximo?

Entrevistada: De fala? O espanhol, e é onde ele vai entender. O que o que oferece é aquele produto que oferece aí...

Pesquisadora: Mas, interessante... legal as suas Ideais! é bom falar com a professora Paula. Vamos sugerir para ela, mas acho que são essas as perguntas, né?

s Te agradeço pela contribuição, espero trazer essas reflexões e levantamento de informações e compartilhar com vocês. Pra vocês lerem os resultados daqui a uns meses ainda, né? Se Deus quiser e quem sabe a gente faz esse espanhol, ganhar mais espaço, né? Porque do jeito que está, se a gente continuar dessa forma daqui 1 dia vou mudar o currículo da EJA não vai mais ter espanhol na EJA também, né? Então a gente vai continuar fazendo, levantando, é fazendo pesquisa e estudando em favor do ensino do espanhol para a nossa realidade. Obrigada mesmo, viu? Pode, pode falar.

Entrevistado: Muito obrigada pela pelo convite de participar. Para mim uma honra estar fazendo essa entrevista para a senhora e desejo para a senhora sucesso.

Entrevistada: Obrigada. Agradeço mesmo, senhora.

APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 5

Entrevistado: Isidoro

Entrevistado: Me atrapalhei no espanhol quando entrei lá pra trocar real com o Guarani no porque estava focado. Aham. Aí a moça falou pra mim em espanhol...entendi tudo, mas quando eu fui falar com ela,o espanhol já não saiu. Aí eu falei guarani e ela entendeu.

Pesquisadora: É melhor, né? Realmente? Então, quer dizer que entre o Guarani, o espanhol, você se ampara mais no Guarani, né?

Entrevistado: É porque minha mãe só falava com nós só guarani.

Pesquisadora: mas minha mãe também. Mas o que que acontece que, por que que o espanhol menos falado porque o espanhol aqui, por exemplo, nessa região? Espanhol, ele é, vamos dizer assim, ele acaba sendo o meio termo, não é?

Entrevistado: É porque o que mais se usa aqui agora, é o guarani, tanto aqui como na colônia, você vai ali na colônia é pouco espanhol... apesar que a língua oficial ali é espanhol, né? Sim, então, mas é se eles sabem falar um espanhol, só que ele prefere guarani.

Pesquisadora: A preferência ainda é o guarani. É e em Assunção??

Entrevistado: Ali, sim, o espanhol é mais profundo, né? Avião espanhol, espanhol é forte.Mas forte, castelhano.

E a minha cunhada é de de Assunção. E ela fala muito bem espanhol.

Pesquisadora: será que não é porque as pessoas mais antigas que moram aqui nessa Fronteira?

Entrevistado: Acho que se acostuma com o Guarani, porque a minha mãe, meu pai, eles são paraguaio. Acredito que quando vieram pra cá eles só falam espanhol. Mas aí como quando vinha pra murtinho, eles começaram a usar o Guarani. É, nós crescemos nessa língua do Guarani. Falando , apesar que nem sempre falar, a gente entende o espanhol.

Pesquisadora: Minha mãe também, entende ela escreve tudo, mas é a fala predominante, é o guarani.

Entrevistado: Guarani, mas que nem eu falei, o que eu aprendi um pouco? Com os outros, assim de espanhol. Falar em espanhol, algumas pessoas. É pouco, eu falo mais guarani.

Pesquisadora: Mas quando o senhor for aprender, provavelmente vai ter mais facilidade, né? Falar pelo menos.

Entrevistado: Não, pra falar mais facilidade.

Pesquisadora: Sim, eu pra mim, por exemplo, tive essa facilidade.

Entrevistado: É pra falar sim, né? Pra escrever que vai demorar um pouquinho, né? Porque tem coisa que você escrever que é bem diferente.

Pesquisadora: É sim. Só que assim também seu Isidoro... quanto ao ensino de línguas, por exemplo, toda a língua a gente aprende falando, né?

Pesquisadora: (()) Depois que a gente aprende a escrita, as regras, então assim, depende muito se vai ser conveniente ou não você usar. Por exemplo, o seu Carlos, que era coordenador, ele fala espanhol. E aí ele procurou para fazer o curso no ano passado, porque ele falou, eu queria aprender a escrever, porque eu tenho que preencher cheque às vezes em espanhol, então é uma necessidade que ele tem. Números em Espanhol. Mas se ele não precisa disso, ele vai usar para quê? Se ele tem que falar? Que ele viaja, ele tem. Ele tem fazenda lá, então eles convivem com paraguaios. Pessoas que falam espanhol, não é? E ele usa muito espanhol? Então ele não escreve, só escreve para escrever cheque. Então, por exemplo, se você fosse aprender espanhol, você IA aprender para que finalidade? Geralmente as pessoas aprendem para se comunicar mesmo, entendeu? Hoje, por exemplo, com a internet, você não precisa nem escrever. Você manda um áudio, né? Assim, para comunicação.

Bem, então ainda assim, tem gente que quer aprender a escrever. Mas sim no caso de língua espanhola, por exemplo. É a oralidade, não é? Como você falou, é a comunicação. As pessoas têm que aprender a fala em si como ela acontece.

Entrevistado: É esse número, né? O significado de cada palavra, né?

Pesquisadora: Sim, porque aprender a escrever outra língua é levam muito mais tempo.

Entrevistado: É, mas que nem foi você além. Se você tiver aula de espanhol. Você na escrevendo, você já está aprendendo também né.

Pesquisadora: Sim, é automático. (()) A gente tem prática, acaba tendo prática. Isso é, mas leva tempo. Não é ser um pouquinho. Você estuda primeiro, segundo, terceiro ano. Ainda assim, não consegue aprender muito bem, mas é interessante essa questão do ensino da língua, né? Na oralidade, minha mãe, por exemplo, ela faz muito tempo que ela não sabe, não escreve mais. Ela tem muita dificuldade para escrever em Guarani. Mas antes ela escrevia bem. Mas na fala, não perdeu. Ela não esqueceu como que fala as palavras.

Entrevistado: E eu não sei escrever, nada em guarani.

Pesquisadora: É muito difícil, né? Tudo colada as palavras e tem um significado tão curto. Vamos voltar lá, então, na pergunta, qual é a idade? Escolaridade?

Entrevistado: Eu tenho trinta e oito anos e estou cursando a EJA, o Terceiro ano do ensino médio.

Pesquisadora: OOO, senhor, tem contato com a língua espanhola. Onde o senhor mais tem contato com a língua espanhola?

Entrevistado: É a maioria das vezes, é o. Na, na, dentro da sociedade. Porque aqui na cidade, porque não tinha o que mais tem é estrangeiro, então a comunicação com eles é, mas é em espanhol, em espanhol.

Entrevistado: Em espanhol? Ou guarani

Pesquisadora: Tá? É? O senhor considera importante esse conhecimento de outra língua? Sim, por que motivo?

Entrevistado: Olha que nem eu falei é vai estar tendo agora essa ponte né? Que unirá Brasil e Paraguai. E vai ser essa lá tudo esse ano e com certeza virão muitos estrangeiros para cá, para Bolívia, Venezuela. Entre outros países. A língua oficial espanhola. Entendeu? Então, a comunicação em espanhol vai ser muito importante nesse sentido.

Pesquisadora: Se a disciplina no caso espanhol fosse ofertada na escola, mas se o senhor tivesse que decidir estudar ou não, mesmo que não fizesse sentido, não prejudica. Se na nota no boletim o senhor escolher só para aprender o espanhol, mesmo não valendo, nota no fim do ano.

Entrevistado: eu acho importante a língua espanhola Na Na educação. Nós precisamos da Fronteira, né? Precisamos muito da língua espanhola...Pra mim ajudaria muito.

Pesquisadora: Aham. E aí, como que seria essa aulas de espanhol ideal? O senhor tinha falado no começo?

Entrevistado: Sim, a escrita não é alguém que está escrevendo, você vai estar lendo já escrita e você vai ter melhor compreensão.

Pesquisadora: Aham, Oo. Seria uma associação entre leitura escrita.

Entrevistado: Leitura explica a leitura, porque na hora que você está escrevendo, você vai estar. Lendo ao mesmo tempo. Além de você aprender a escrever em espanhol, você também sabia falar espanhol?

Pesquisadora: E a oralidade? Oralidade a fala.

Porque o senhor falou leitura e escrita, né? Sim, a leitura ele. Vai ler, e. Aí, por exemplo, é a prática da oralidade.

Entrevistado: Sim, é ele queria fazer assim a fala, ela já vai ser, vai sair, vai ser mais fácil, né? Além de você aprender o significado das palavras, você vai poder responder a qualquer pergunta que viver de espanhol.

Pesquisadora: Aham, aham.

(()) Mas o senhor sabia que é difícil isso porque eu dava aula de espanhol na EJA, não é até 2021. Até 2021, eu era professora de espanhol. Aí eu tinha uma leitura, a escrita, a leitura e a falta. E era entre nós, só alunos terminam atividade beleza. Agora vocês vão criar uma situação de diálogo, vocês vão, vocês vão criar para. Ir para o Mercado, vocês vão criar para estar num banco e vão formar esse diálogo, vão lá para frente e era uma dificuldade, então. Sempre minhas aulas de espanhol foram assim, né? E daí, assim como e agora? Aí que vergonha. Então assim só entre nós.

Entrevistado: Só que aí dá um nervosinho, ou seja, tá na escola, né? Você sabe que falou pra fazer isso, já dá um nervosinho agora, quando você está fora da escola, assim vamos supor dentro da sociedade. Falar não chegam estrangeiros sem você Do Nada, pergunta. Para você, eu acho que na minha opinião, porque eu já respondi várias perguntas, sim. Já conversei com pessoas em espanhol. E consegui falar tranquilamente, assim, sem nervoso, porque parece que não tem ninguém que mandou. Eu estava lendo alguma coisa.

Pesquisadora: A então quer dizer que, como não está sendo avaliado, é mais tranquilo pro senhor?

Entrevistado: Exatamente para mim, é, eu parece que sai as coisas Do Nada, eu saio com as coisas exatamente.

Pesquisadora: Aham, só não. Então tá tranquilo. Se o senhor fica tranquilo, tá bom, né? Ruim é quando, né? É, por exemplo assim, na sala de aula, a gente tem muita resistência às vezes, né? Anão, eu não quero ir, professora e tal, vamos? Vamos, então vai, pode só ler, sousou, né? O diálogo, que pode só ler, então há tão tá bom aí vai só ler, então é legal, é fazer com que se acontecesse na hora, na, na verdade, na vida real, né?

Pra saber como conduzir se um dia acontecer é, né? Porque se você está ali, né? Tem a experiência e pode treinar. Por que não fazer? Né? Então assim, eu sempre fiz muito disso, entendeu? Pra jogar mesmo pra pra sentir. Não é

Entrevistado: Dá um nervosinho... igual cê vai fazer uma prova, né? Você fica nervoso, ainda mais se dá tempo para você. Ao se tentar tempo você fazer. Aí você já se embaraça tudo, né, né, né?

Pesquisadora: Oo. Normal isso aí, né? É o quem nunca passou por isso, né?

Entrevistado: E a língua espanhola, mesma coisa, na minha opinião. Não é? É, é a. Mesma coisa, se você faz o primeiro. Assim você não consegue nada mesmo. Eu nem estava contando lá do outro lado. Eu passei nervosismo. O rapaz que foi comigo lá, meu amigo. E ele sim, ele é do Paraguai, né?

Pesquisadora: Aham, aham.

Entrevistado: Ele não estava ali escutando minha conversa.

Pesquisadora: É falta de contato, né? Mas em seu Isidoro, é agora a gente...A gente filosofou sobre uma coisa, né? Aqui a gente, a língua que a gente mais tem contato não é de fato espanhol, né?

Entrevista: Não, é o guarani.

Pesquisadora: É o Guarani, né? Não? Agora eu estou pensando porque eu escrevi tanto isso já, e não... É o Guarani.

É, de fato. Não é ninguém fala mais espanhol que Guarani. Mas deveria. O espanhol deveria ser por causa da civilidade, são muito parecidos, não é?

Entrevistado: A senhora já prestou atenção aqui? Uma pessoa que vem lá da coluna e quer achar alguma coisa aqui, enquanto, mas por enquanto, a senhora ou eu, ou qualquer outro que ela não conhece, acha que é brasileiro puro. Ele não vai chegar e falar em Guarani. Porque sabendo que acho que não, não faço idioma, não entendi. Vai jogar o espanhol porque ela tem parte. O espanhol, ela tem parte de português também. Palavras que você escreve Em português também se escreve em espanhol.

Pesquisadora: Só que. Tem alguns que falam português bem.

Entrevistado: Sim, tem alguns que fala que () aí eu conheço um. Tem uma família desse.

Pesquisadora: A maioria, né? A maioria.

Entrevistado: Meu amigo lá. Seu amigo lá ele. Ela não fala português. Ou não quer falar, vai falar que eu não consigo sair para ela. Então ela fala espanhol.

Pesquisadora: Eu já percebi isso, eu já percebi e eu já percebi também que eu trabalhava muito, inclusive eu fiz 2 projetos quando tinha aula de espanhol, ensino médio, um era sobre as culturas, né? Que eles apresentavam e o outro que começamos, mas aí depois, no outro ano, já não tinha mais espanhol, mas chegamos a ir, lá na colônia, lá na, numa escola lá na em Carmelo Peralta, porque os alunos é nós. Nós falávamos, se vem uma pessoa que mora lá do outro lado através para conversar comigo. Ela tenta falar em português com. E eu, ao invés de como eu sei, não é, vamos por o aluno está ali estudando espanhol na escola, ele sabe o básico. Em vez de ele tentar arranhar o espanhol dele, ele mete o português também. Fala português, é aí a pessoa que é, ela não fala a língua portuguesa. Ela faz um esforço para falar com a gente português. Quando que nós podemos, né? Temos a espanhol na escola, podíamos tentar, né? Praticar a língua, não. A gente fala em português também.

Entrevista: Cheque mesmo para falar, não é base usada agora, minha. Quando isso acontece comigo, eu falo()

Pesquisadora: É melhor verdade, minha mãe também, minha mãe também.

Entrevistado: É, é dia sim.

Pesquisadora: Então é complicado essa questão e Assim sempre, na verdade, nunca me conformei, né? Com isso, sempre questioneei, tanto que eu tinha esse projeto e falava para os alunos, porque se vocês aprendem espanhol na escola e vem um paraguaio que conversar com vocês em português, porque vocês conversam português, se vocês a deveriam falar o básico do Espanhol, aprende o nome, aprende os gostos, aprende muitas coisas na escola.

Entrevistado: “...”ou já pergunta, né? É você entende o português é esse O Paraguai fala, é, entendo um pouco, não é? Não entendo, né? E vai falar “...”

Pesquisadora: Sim, também é bom, porque daí um aprende pro com outro, né? Então é isso que é isso. Interessante. Essa ideia é legal também porque eu me sinto às vezes mal, porque esses dias faz poucos dias que eu fui lá e daí as pessoas a gente percebe que a pessoa tem dificuldade, né? E daí eu falei assim, olha, você pode falar, eu vou tentar falar com você espanhol, mas pode falar comigo em Guarani espanhol eu entendo, né? Eu só. Eu não sei se a pessoa que faz questão de falar, mas por mim não tem problema nenhum, né? Então isso que acontece muitas vezes, mas tem que ser trabalhado. Se. Se a gente não trabalhar e não, não é mostrar que isso tem que ser, né? Problematizado não problematizar, por exemplo, para isso que existe a pesquisa, né? É o que eu estou fazendo o meu trabalho, né? O meu trabalho é o nome da pesquisa chama representações sociais e o ensino da língua espanhola no município fronteiro de Porto Murtinho. Então, assim, quem são as representações de línguas em língua espanhola? Os professores de espanhol? Aí então que? Perderam um pouco de espaço porque hoje o espanhol não é mais obrigado nas escolas. A língua é o que é, obrigada, é a língua inglesa.

Entrevistado: É, mas () Fronteira deveria ter isso.

Pesquisadora: Então, o que que aconteceu para as pessoas que deveriam representar esse ensino, né? Defender esse ensino, deixar e permitir isso acontecer? Como o senhor falou numa cidade de Fronteira que tem o Paraguai como vizinho que falam espanhol, fala o Guarani. Por que que não existe espanhol nas na que no ensino? É de. Não é?

Entrevistado: Não deve ter, não é? ()

Pesquisadora: Os jovens, é sim. Porque ele vai aprender até o nono ano. Aí depois ele vai ter uma quebra, porque no Ensino médio, ele não vai aprender.

Entrevistado: Porque nem todos é, () no Paraguai.

Pesquisadora: E uma língua tem que estar em Constante prática, né?

Entrevistado: Se aprendeu inglês, tá certo? A língua inglesa é muito importante, né? Só que se você aprendeu inglês aqui. Você vai falar inglês a lá no Paraguai?

Pesquisadora: Não vai, não vai usar o inglês, né?

Entrevistado: Exatamente.

Pesquisadora: Então, assim, em inglês, não, não precisa tirar o inglês, mas também não precisa tirar espanhol, entendeu?

Entrevistado: É isso que é.

Pesquisadora: (()) Então, é. É por isso que essa pesquisa Ela Foi pensada, então sempre me incomodei. Aí eu tive oportunidade de fazer o mestrado, tenho que pesquisar sobre isso. O que que está acontecendo, não é? O que que vamos fazer a respeito disso, e aí não sei se você conhece professora Zunilda Lopes, ela é presidente do Conselho de Educação no Município. E daí? Eu conversei com ela também. Entrevistei ela, né? Então ela fala, ela justifica, né? Tudo o que aconteceu. E aí, todos esses dados eu vou analisar e vou dizer, ó, esse é um problema. Eu eu achei isso. A partir das entrevistas e achei isso a partir dos documentos, porque daí eu tô lendo os documentos também, que falam que teria que ensinar as línguas, né? Serem ofertadas nas línguas, ele reconhece a importância dessa língua porque é o país faz divisa com 7 municípios que falam. Só que na hora de decidir em qual língua IA ser ofertada aqui aqui, Murtinho não é. O espanhol ficou em segundo plano. E quem que decidiu isso? Eu vou tentar analisar a partir das pesquisas, por isso eu tenho que eu não posso falar, eu acho que foi fulano, eu acho que foi ciclano, porque a pesquisa ela tem que me trazer dados toda vez que a gente faz pesquisa, a gente traz dados, né? Então, quais são os meus dados? A resposta, se as respostas de vocês, né? Pessoas que aluno, por exemplo, o senhor está aqui, como é que o senhor é o alu? Talvez se o senhor não fosse aluno, não IA participar da entrevista. Por mais que o senhor tenha o contato com a língua espanhola, com o Guarani. Mas o senhor, além de ter esse contato. O senhor. É aluno, como? Não IA ser, né? É IA ser importante, né? Se os seus colegas também do ensino médio tivesse oportunidade de estudar espanhol, como se vocês da EJA estão estudando, vamos só vocês desde então. Tanto o aluno. Lá ele vai falar assim, eu queria ter aula de espanhol. E vocês aqui nós temos, porque é importante, então você vê, são sempre 2 lados.

Entrevistado: () várias famílias que quem vive em Fronteira são Paraguaiaias, então a necessidade é grande nos planos. E do Guarani. Aham, é Fronteira, não tem como eu usar a língua espanhola. Sempre será usado. Você fala? Aham, minha família minha família é toda Paraguai, né? Nós nascemos em Porto Murtinho. Somos todos brasileiro, né? Mas pra senhora ver, nós fala em Guarani. É falarmos um pouco do espanhol, entendemos tudo em espanhol. Isso assim não posso falar que eu sou *expert* em espanhol, na escrita mais ou menos...mas, falo um pouco. Mas entender, entendo tudo.

Pesquisadora: Todos nós aqui que temos essa descendência, né? E vivemos essas famílias, acontece a mesma coisa. Isso em comum?

Entrevistado: Por isso que eu falo com a senhora que é importante, sim, a língua espanhola, porque a gente a gente vaivai conseguir definir mais para conhecimento, né? No Espanhol, para quem tem essa dificuldade na escrita e na fala.

Pesquisadora: Fala escrita, né? E é uma questão assim, de respeitar a cultura do outro, não é? Sim, porque a partir do momento que você vai falar em línguas, você não fala só em língua, a língua que o outro fala, mas como ele se veste, o tipo de de alimento que faz parte do dia a dia, a música que ele escuta. Então você vai aprender a respeitar os modos de vida d. E Como Ele É capaz de pensar, de estudar, de conhecer as coisas. Então eu não posso tratar, por exemplo, que infelizmente existe muito aqui. Preconceito, né? Então, o paraguaio, que é preguiçoso, paraguaio, que é isso, o brasileiro que assim, assado então tá vendo? a gente... Antes de estudar a língua, a gente tem que ter o contar. A gente tem um contato com a pessoa. A cultura, entendeu?E só eu convivendo pra eu saber que não é aquiloque as pessoas falam, né?

Entrevistado: E tudo tá se perdendo, né? Se vê comoO espanhol se não dão valor para o espanhol a culturas. Para a senhora tem agora é muito pouco. Agora tem é a.E não. Cultura do Paraguai em que ele. É no ()negócio de. É comovoufalarfalar com a senhora. Esses negócio que ele respeita muito dia de Santa... Nossa senhora de Caacupê...

Pesquisadora: Aham, valores.

Entrevistado: Aham.

Pesquisadora: Valores, né? festas culturais, costumes, aham.

Entrevistado: Costumess, né? E tem muitas coisas que as pessoas já nãofaz mais como antigamente, né? A minha mãe mesmo, nós aprendemos fazer muitas coisas com ela, paret da culinária Nada o vai fazer chipa no forno assim, e ela usava folha de bananeira. Senhora já viu? como recipiente em vez de usar é... assadeira, entendeu?

Pesquisadora: Já, já vi, mas nunca experimentei.

Aham, é mudando, né? Vai perdendo

Mas é...Mas todas essas coisas muitas vezes é assim, né? Você vai perdendo, né? O como é igual, por exemplo, que a gente falou da língua, não é a língua, ela vai sofrendo alterações, ela vai sendo adaptada, né? Não sei qual palavra que você falou no começo. Você falou uma palavra ali, então, por exemplo, ela vai sofrendo. Ela era significava uma coisa lá, né? E Ela Foi ganhando novas formas. Não é? Então isso acontece com,Com tudo na verdade, né?

Entrevistado: É tem sempre diferente, não está?

Pesquisadora: “...” Sim, vai se transformando na verdade, vai ganhando, né? Outras formas a. É formas outras formas, acrescenta. Daqui tira dali, não é? Então. Isso é normal. É eu, minha mãe fazia. Na verdade, eu vi, cresci, vi minha mãe fazendo no *tatacuá*. Mas na assadeira aí, aí depois sim. Na verdade, fui eu que fui mais rebelde, não é? Na verdade, eu não gostava de ver ela. Que tinha os meus, os meus irmãos que não ajudava ela e ela que colocava fogo, que derrubava a brasa, né, que colocava chipa, que tirava chipa e assim é muita chipa. Nós somos 7 filhos, né? Então, se eu pensava, se judiava muito dela, para que ela já criou todo mundo mesmo, né? Aí peguei dei um forno elétrico para ela. Então praticamente matei a cultura, né? Ai, porque eu pensei nela, né? Na sala, no bem-estar dela e tal, aí ela se acomodou também de vez em quando ela faz só que de Barro, né? Aí depois vem o vento e tal, derruba tudo de novo, né? Mas ela sempre fazia e ela gostava muito assim que é é. É chipa “...”

Entrevistado: Né? Sei também é minha mãe sempre, não perdeu também esse costume, mas depois dela ter o fogão dela mesmo ela, ela fazia coisa, outras coisas. Por exemplo, feijão. E ela não fazia comóns faz arroz separado, e carne separada, não. Ela coloca tudo junto, é feijão com arroz, era top, tudo junto.

Pesquisadora: Já ouvi falar isso, talvez.

Né? Então, é por isso que a gente tem que conhecer se dá oportunidade de conhecer, porque você vai ter sempre um padrão, não tem que ser assim. E não é. O Brasil é, é grande, né? Então cada lugar tem um jeito diferente.

Entrevistado: É, tem muitas coisas que indo lá pro fundo, pro lá, pro fundo, lá pro A para o Brasil mesmo quando? Aliás, que tem as pessoas já não entendem, mas que se fala da que? Que você leva? A linguagem para lá, um resultado para mim ()

Um sotaques, forma de falar, de se referir as coisas.

Em Campo Grande, foi um lugar a pedir *pucheiro*, nem sabia o que que era.

Você vai chamar de osso buco e não é, né?

Entrevistado: Aham

Pesquisadora: E não é, não é?

“/.../”

Entrevistado: Aham, mas é normal, o greifo, por exemplo, ninguém. Sabe o que que greifo?

Entrevistado: Não sabe?

Pesquisadora: (()) Jardim para lá, ninguém sabe, é característico daqui que é peculiar por causa da né do do território, na verdade, porque o Greifo foi uma fruta típica do Paraguai, né?

É o *pomelo*, então essa região pertence ao Paraguai, né? Então, por isso a Riqueza do greifo. Então, se chegar. Em Jardim, ninguém sabe qual fruta é.

"/..!"

Pesquisadora: (()) Então lembro que morei uma época em Jardim. Eu falava aqui não tem greifo, né? Aí queriam saber o que que era? lá tem muito pé de Manga, não é? É agora, greifo, não, não tem. Mas é. É interessante isso. Por exemplo, a mesma coisa, o sotaque. Não sei se você já percebeu isso, mas assim é. A gente IA, por exemplo, no Congresso, no curso em campo Grande, aí você vai se apresentar na hora que o senhor sabe que você tem alguma coisa de diferente sotaque, você é da onde? E tal? Outro lugar diferente, seu sotaque, né? Claro, né, porque nós temos um sotaque mais puxado, né? Por causa dessa mistura, justamente então é fácil identificar, né? O murtinhense fora daqui, então a primeira coisa e fala assim não é daqui, né? Você da onde tá você? Fala, é verdade, estou percebendo o sotaque. Então assim IA.

Entrevistado: [[Em Campo Grande me chamavam de paraguaio só

Pesquisadora: E tem gente que acha bonito, então vários lugares, pessoas que bonito, seu sotaque tal, né? Porque é diferente, né? E aqui a gente acha feio, não é?

Entrevistado: Eles ouvi de uma outra forma. Que esse pessoal Daqui é?

Pesquisadora: [[é um som diferente, assim como também é quando você fala assim, aí eu falo Guarani, eu falo espanhol e falo português, você já não é mais só bilingue. Dizer quase um poliglota, né? Você fala 3 línguas. Quem que fala 3 línguas, né? Não é fácil você dominar 3 línguas, então assim é uma peculiaridade nossa. Daqui. As pessoas querem saber como é que fala isso, como que fala aquilo, e aí você acaba virando celebridade, né? Então assim, aqui não é valorizado, né? Mas é só você sair um pouquinho mais. Você consegue perceber como as pessoas veem Riqueza cultural nisso?

Entrevistado: É importante que às vezes você vai trabalhar lá pro, no país vizinho no Paraguai. Você tem que saber.

Pesquisadora:(()) Um é importante para você sobreviver.

Se você for assaltado e o assaltante pedir algo que você não sabe o que significa e. Você tem? Não é?

Entrevistado: Imagina falar assim: *pasámesubilletera* e dizer: não tenho.

“//...!”

Pesquisadora: E aí? É, não, aí fala. Não tenho, não tenho, não sei, né? E aí acaba sendo morto, né? Porque tem gente que acaba matando, né? Por isso, então é um risco de vida

também, né? Então, é um caso de, vamos dizer assim, vida ou morte mesmo. Então é importante, sim.

Entrevistado: Na vida você acaba aprendendo, né? Se você não aprende nas escolas, sim, né? Que sim, nem que deveria ter, né? Como aqui é Fronteira você acaba aprendendo através do conhecimento de outras pessoas, né? Por causa que tem muitas palavras em espanhol que não sabia. Por isso que eu falo a língua espanhola naa fronteira nas escolas, deveria manter na Fronteira. Ele tem, por exemplo, *pantaloné* a calça Comprida, né? Eu tem coisas que eu não sabia mesmo, só em guarani que é *vaqueiro*.

Una *ducha*.

Pesquisadora: Tem muitas coisas que não são iguais. Que não é igual, né? Porque eu lembro minha mãe mesmo. Às vezes ela falava, não é tal coisa, eu falo não, mas não é. Né? Então aí tem assim, vai variar também de novo. Né? De região para região. Né? Tem lugar, por exemplo, que se conhece. Por outro nome? Então varia muito também, entendeu?

Pesquisadora: Alguma observação mais? Eu acabei... As perguntas são essas.

Entrevistado: A língua espanhola, esse aí, né? A é essencial, né? Muito mais do que isso, é muito importante dizer que menos na fronteira.

Queria ter mais. O pessoal deveria. Olhar mais para esse lado e vê se pode falar. Tem que mais espalhar mais nas escolas, principalmente não só no EJA, mas no regular. Para as pessoas ter mais conhecimento, né? Essas pessoas () te vem de fora que veio Campo Grande, né? Família de São Paulo às vezes Vem Pra Cá né? E acaba ficando né turista, né? Então, aí que entra línguas com eles. Tem que aprender, não é? Bota o filho na escola. **Pesquisadora:** Exato, e volta no que a gente falou. É um caso de segurança, né? Que já pensou, né? Se deixa, é, vem, muda para cá, não conhece a cidade, aí sei lá, deixa o filho, a filha sair, andar por aí, né? Sem entender, sem conhecer.

Entrevistado: Aí acha uma pessoa de quem não tem bom...

Pesquisadora: Boa índole, não é? Isso é. Mas é isso mesmo. Seu Isidoro te agradeço pelo senhor ter participado, topado participar né vindo da sua casa, imagina, o senhor já deve estar cansado

Entrevistado: Até que foi bem legal

Pesquisadora: Eu falei pro senhor que era rápido, não é? Está está fechando 40 minutos já, mas vou encerrar que daí a gente só preenche esses termos certinho.

APÊNDICE M – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 6

Entrevistada: Rayane

Pesquisadora: Nós estamos aqui com a aluna Rayane, aluna do ensino médio do período noturno da Escola Estadual José Bonifácio, que é a única instituição que oferta ensino médio aqui no município. De Porto Murtinho. Então pra gente iniciar, Rayane é fala para mim, qual que é a sua idade e a escolaridade? Que série que você está estudando esse ano?

Entrevistada: Eu tenho 18 anos, estou no terceiro ano do ensino médio.

Pesquisadora: Certo, Rayane... minha pesquisa é direcionada a área da língua espanhola. E te pergunto. Você tem contato com a língua espanhola?

Entrevista: Com espanhol diretamente, não, mas com o Guarani, né, que é por causa da minha família.

Pesquisadora: Sim, e por causa do Guarani, do contato com o Guarani. Os temas facilidade de ouvir e entender o que as pessoas que falam espanhol.

Entrevistada: Sim, tenho mais facilidade. Entendo um pouco, né?

Pesquisadora: Sim, quando você vai ali, você vai na ilha. Não, mas ali, se se aparece alguém falando espanhol com você. Você fala em português e espanhol?

Entrevistada: Eu não falo muito espanhol, né? Mas eu entendo, aí eu é.

Pesquisadora: Hã, mas responde em português. Certo? Você considera importante a língua espanhola no nosso município?

Entrevistada: Sim, como aqui é? Fronteira, né? E muita gente vem do Paraguai aqui pra cá, né? Para. O turista, assim vai nas lojas do mercado e tem muita gente que trabalha. E precisa do. Espanhol, né? E também tem muita gente que vai estudar no Paraguai também, né? fazer faculdade e precisa ir. É muito necessário, hum...

Pesquisadora: (()) Inclusive, eu tive uns alunos que na época que eu dava aula de espanhol brincavam, né? Aí eu encontrei depois de um tempo e eles: professora, como está fazendo falta espanhol. Porque eles tão fazendo medicina lá em Ponta Porã, né? E eles realmente tiveram que aprender na prática, o espanhol. É a próxima pergunta se a disciplina fosse ofertada na sua escola, mas se você pudesse optar se matricular ou não, porque ela não reprova, não vale nota, você se matricularia?

Entrevistada: Sim, porque eu acho importante. Se eu quisesse estudar para fora, ou se eu for trabalhar em algum lugar? E vem muito turista para cá, e eu preciso entender. Ele, se preciso me comunicar com ele, entendeu?

Pesquisadora: Entendi como seria essa aula ideal para você. Como você imagina ela?

Entrevistada: Tem que começar. Do bem no comecinho, né? Explicar certinho.

Há, seria a explicação... Tudo, eu...

Pesquisadora: Uma aula ideal, como que é uma aula ideal para você? Sendo de línguas ou qualquer outra.

Entrevista: A pessoa saber explicar, né? E o aluno entender certinho, não sei. hum...não sei explicar.

Pesquisadora: Você acha que só o quadro e explicação?

Entrevistada: uma conversa, né? Uma dinâmica, eu acho dinâmica...

Pesquisadora: Partindo das aulas dialogadas. Praticar a oralidade.

Entrevistada: é...Acho que é isso.

Pesquisadora: Você acha que usando, né... A prática da oralidade. Vocês aprenderiam mais?

Pesquisadora: Conhecer outras culturas.

Entrevistada: Também, hahã...

Pesquisadora: Certo, Rayane, eram essas as perguntas. Eu agradeço pela contribuição na pesquisa quando terminar as análises, eu vou compartilhar pra vocês verem as reflexões, tá? Te agradeço e acho que vai dar tudo certo, tá? Muito obrigada, viu? Nem doeu, ó...

APÊNDICE N – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 7

Entrevistada: Wanessa

Pesquisadora: Então vamos lá, iniciando, nós estamos aqui com a aluna Vanessa, da Escola Estadual José Bonifácio, a única instituição que leciona e que oferta o ensino médio no município de Porto Murinho. Vanessa, tudo bem com você? Qual que é a sua idade que a gente começar a conversa. Qual que é a sua idade e a escolaridade? Que série que você está fazendo esse ano?

Entrevistada: Tenho 18 anos e estou no terceiro ano.

Pesquisadora: Wanessa, a minha pesquisa é voltada pro pra disciplina, para a área da língua espanhola, e eu te pergunto, você tem contato com a língua espanhola? Em algum momento do seu dia ou na sua vida?

Entrevistada: Tenho porque a minha mãe fala sim, um pouco Um pouco assim?

Pesquisadora: A sua avó também? Sua avó falar Guarani, né? A sua família toda fala Guarani?

Entrevistada: [[Quase toda.

Pesquisadora: Você fala, entende??

Entrevistada: Não entendo

Pesquisadora: Não fala?

Entrevistada: Nem falo.

Pesquisadora: Nossa, mas por que isso?

Entrevistada: Porque não cheguei de aprender, ninguém me ensinou.

Pesquisadora: Mas a sua mãe nunca falou para você. Que você tem?

Entrevistada: Ela fala comigo assim, mas finjo que nem entendo mesmo

Pesquisadora: Nunca ela falou assim, não é pra você falar porque vai te atrapalhar na escola? Você acha importante o conhecimento da língua espanhola?

Entrevistada: Acho.

Pesquisadora: Por que você considera importante?

Entrevistada: Porque eu acho que é o certo, né? A gente falar em espanhol, porque Ninguém fala inglês aqui na nossa cidade

Pesquisadora: (()) nós temos uma realidade onde as pessoas falam espanhol.

Pesquisadora: É se a disciplina hoje no ensino médio vocês não têm, né? O espanhol. E se caso acontecesse dela ser ofertada aqui? Mas aí você podia decidir se estudava ou não, porque

era uma disciplina que não vale nota que não reprovava você se matricularia na disciplina de espanhol.

Entrevistada: Sim.

Pesquisadora: Por que motivo?

Entrevistada: Àh, eu acho que a gente deveria aprender. Outras línguas, também. Além do inglês?

Pesquisadora: O que é ofertado não é sim, é como seria então essa aula de espanhol ideal para você? Como que você imagina essa aula?

Entrevistada: Eu não sei como a boa explicação, né? Tipo, vou explicar bem assim pra pessoa aprender mesmo assim, certinho.

Pesquisadora: Só explicação no quadro, não?

Entrevista: Diálogo também.

Pesquisadora: Com diálogos e outros tipos de atividades que você acha que o professor teria que levar para a sala, você tem assim em mente?

Entrevistada: Não?

Pesquisadora: Se você fosse professora de línguas como você faria para os alunos gostar do espanhol?

Entrevistada: Ai, eu não sei. Eu acho que eu ia me abrir com eles mais. Pra eles se sentir à vontade e aprendendo assim.

Pesquisadora: Você falaria em espanhol?

Entrevistada: Sim

Pesquisadora: Você não teria vergonha?

Entrevistada: Acho que não, ia tá na minha área.

Pesquisadora: Então, como aluna, então como alunas e a professora, se o professor propor que você faça um diálogo em espanhol, você faria? Sem problema nenhum.

Entrevistada: Acha da minha parte? Sim, né? Não sei.

Pesquisadora: Depois de passar vergonha, né? Certo, Vanessa, são essas as perguntas, eu te agradeço pela contribuição. Vai ser muito importante as suas respostas. É, embora você esteja um pouco nervosa, e eu também estou, né? É normal, porque só porque está sendo gravado, né? Mas é, é. São essas as perguntas. E assim depois que eu tiver as análises, eu vou compartilhar com você para a gente ver quais são as reflexões que foram geradas a partir desses dados. Não é? Te agradeço. Viu? Nem doeu.

APÊNDICE O – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 8

Entrevistada: M. Eugênia

Pesquisadora: Estamos com a aluna Maria Eugênia, aluna do ensino médio regular da Escola Estadual José Bonifácio. Para responder algumas perguntas em contribuição com a entrevista na pesquisa referente a área do espanhol, do ensino, do espanhol. Primeiro dona Maria Eugênia, perguntando para senhora qual é a sua escolaridade e qual é a idade da senhora?

Entrevistada: Terceiro ano do ensino do Médio, 60 anos.

Pesquisadora: “/.../” Dona Eugênia, como a minha pesquisa é voltada a área da língua espanhola, Pergunto pra senhora se a senhora tem o contato com o espanhol, com a língua espanhola?

Entrevistada: Tenho sim, eu tenho na família mesmo.

Pesquisadora: Na família, hã? Dentro da família?

Pesquisadora: A senhora tem uma filha que é professora, né?

Pesquisadora: De né? E, no caso, o espanhol, a senhora fala espanhol, fala Guarani. Espanhol à fala espanhol, Guarani a toda o familiar, os familiares, pais, avós da senhora. São paraguaios e falam Guarani, entendi aí os filhos da senhora, entendi Guarani também entendem e falam?

Entrevistada: Entende mais ou menos, Jose que fala mais...

Pesquisadora: [[Mais não é? E assim, alguma vez assim, aqui, depois, já no Brasil, a senhora proibiu que eles falassem para não atrapalhar na escola?

Entrevistada: Não.

Pesquisadora: [[Não porque tem, né? Pais que não permitem porque achava que ia atrapalhar, né? Na fala, né?

Entrevistada: [[E atrapalhar, não... aa importância da língua () aprender mais

Pesquisadora: [[Quanto mais melhor, né? A senhora considera importante a língua espanhola no nosso município?

Entrevistada: Eu acho, porque é uma cidade... é um. É um país fronteiro, né? Na cidade fronteira, todos nós temos contato comm o Paraguai, Carmeloperralta, Ilha Margarita. E agora, com essa negócio da ponte, né? Ainda mais...Eu acho estranho, porque eles deixaram de exigir as aulas espanhola, porque se não faria em todo lugar, né? Quanto mais língua se aprende acho muito melhor.

Pesquisadora: Oo.

Entrevistada: Para ainda mais, que Fronteira América do sul, o espanhol.

Pesquisadora: Sim

Pesquisadora: E está perdendo espaço se a gente não... não brigar por ela, né?

Entrevistada: Hã... tá perdendo, Hein? Então temos que trazer gente de fora agora..

Pesquisadora: (()) Isso. Esse é um problema, é uma questão. Ontem ou antes de ontem, tinha professor brincando comigo, ele falou assim: daqui a pouco vai abrir vaga lá no Paraguai, falta de professor de espanhol porque os professores estão todos aposentando e não tem mais professor novo, diz. Se eu for...

Eu ri e falei assim: não, mas eu não quero ir para lá. Falei para ele, eu quero que eu quero ficar pronta para oferecer para o local, não para eu ir para lá, né?

Porque se eu ir para lá e. Que não vai ter mesmo? Né? Então porque tem pouco já aqui, imagina se a gente inventar de ir pra lá, vai embora Jose, eu vamos lá dar aula de espanhol, tá? E aqui vai ficar sem né?

Entrevistada: Não tem sentido?

Pesquisadora: '...' Certo. E se a disciplina hoje, como não, ela não tem... ela entrasse como uma disciplina não obrigatória. Sem valer. Nota sem reprovar, a senhora escolheria estudar a disciplina?

Entrevistada: Eu escolheria porque uma coisa é você saber falar e outra escrever. A diferença tá nisso porque eu parei na sétima série no Paraguai.

Pesquisadora: Um, então, a senhora escolheria porque a senhora também quer lembrar, quer aprender a escrever espanhol?

Entrevistada: É lembrar que eu já vi que eu posso, Josefina estudando ()... sendo que a língua espanhola, espanhol, espanhol mesmo é diferente, né? É AO espanhol e o castelhano que mais o paraguaio sabe, usa até hoje.

Pesquisadora: Sim...aham, usa. Ainda tem pessoas.

Entrevistada: e tem muita coisa que eu não aprendi que eu não sabia.

Pesquisadora: mas a senhora fala,aham, aí tem exatamente essa questão da linguística, né?

Entrevistada: Você tem uma prática, você tem que praticar. Não adianta você falar e você não praticar.

Pesquisadora: E perde o hábito, né? Isso é verdade?

Entrevistada: Por isso que eu voltei a estudar. No caso, a língua portuguesa que eu não sabia nem escrever.

Entrevistada: Como que eu vou me expressar, se eu não sei escrever? É verdade, por isso eu voltei.

Pesquisadora: (())Porque língua a gente aprende falando, né? Aí quando a gente vai pra escola que a gente aprende regras.

Entrevistada: Imagina, eu sou paraguaia, eu não sei escrever o guarani. Agora, quem no Paraguai exigiram a falar o guarani. Antigamente era proibido na época que eu estudava não se falava dentro da sala guarani não.

Pesquisadora: O Guarani? Ah, é?

Entrevistadora: Era só espanhol.

Pesquisadora: Era espanhol ou castelhano, né?

Entrevistada: Castelhana

Pesquisadora: Então o Guarani já não tinha vez nessa época?

Entrevistada: Até pouco tempo ()

Pesquisadora:[[E tá morrendo, né? A língua já está sendo extinta, né? Porque quem fala são as pessoas mais antigas, né?

Entrevistada: Mas agora venho... eles colocaram como no currículo.

Pesquisadora: Já entrou no currículo.

Entrevistada: Por isso está começando, tanto é que meus sobrinhos hoje em dia Agora está começando a aprender guarani.

Pesquisadora: Interessante... é realmente.

Entrevistada: Teve que já se formaram na ele nem sabe escrever também.

Pesquisadora: Sim, é minha mãe também. Ela, ela fala bem guarani...ela, mas ela escreve até... só que, assim como faz muito tempo que está aqui já perdeu? Um pouco, né? Então, acho interessante.

Entrevistada: Eu só sei falar, entendo, mas não sei escrever. Também, nem ler.

Pesquisadora:(()) interessante mesmo.

E dona Eugênia, como que seria essa aula de espanhol ideal para a senhora? Como que a senhora imagina essa aula, como tinha que ser Pra Ela ser atrativa para proporcionar aprendizado para vocês na sala de aula?

O que que o professor tinha que fazer, né? De pra que essa aula fosse mais?

De qualidade para vocês aprenderem mesmo AA, usar o básico do espanhol né?

Entrevistada: E tendo a aula como obrigatória pra nosdar.

Pesquisadora: Então, vamos ter que tentar achar um professor mais perto, mais preparado, né? E como que a senhora espera aula desse professor?

Entrevistada: Eu espero que eu aprenda, que ele ensine. Q que possa ensinar, fazendo ao aluno entender, pode se dedicar para essa linha, aprender a gostar.

Pesquisadora: E aí, no caso, a senhora acha que só o quadro? Só no quadro seria suficiente.

Entrevistada: Não acha? Eu acho que é quadro e foi lá no explicar. Na linha?

Pesquisadora: Falando em português ou espanhol?

Entrevistada: Português e espanhol, eu acho que deveria traduzir também.

Pesquisadora: Os dois, né?

Entrevistada: Os dois juntos.

Pesquisadora: Um. Entendi, e as aulas no caso de... de ela, o professor, por exemplo, propor aula para vocês conversarem para a senhora, tranquilo para a senhora? consegue fazer o diálogo tranquilo?

Entrevistada: Aham, tranquilo a conversa.

Pesquisadora: Porque acontece às vezes que os alunos têm muita vergonha, né? E se recusam a participar.

Entrevistada: Então, as. Isso que admiro nesse jovem. Como que. Para fora, eles conseguem falar tudo o que querem dentro da sala tem, não deveria ter essa vergonha.

Pesquisadora: Exato, sim, e aí?

Entrevistada: No meu caso, eu deveria ter. Porque eu não sei me expressar muito bem. No português, eu queria me expressar mais.

Pesquisadora: É, mas é na verdade, a senhora está na escola para aprender, né?

Entrevistada: Pra isso que voltei.

Pesquisadora: Exato, porque isso é prática.

Entrevistada: É prática... é a leitura, a leitura...

Pesquisadora: Tem que ter leitura, tem que fazer mesmo que a senhora esteja na sua casa, procura fazer uma leitura na frente do espelho, né? Pra... pra cuidar, grava. Quando a senhora tá lendo pra ir ouvindo, como que está sendo a fala, né? Que como que tá, como que eu estou lendo a tal palavra? Como que eu vou melhora? porque às vezes Oo nas na escola não é suficiente.

Ajuda, mas não é suficiente, né? Porque precisa muita...

Entrevistada: Tão pouco tempo que nós temos

Pesquisadora: É, tem pouco outra coisa também que ajuda. Se a senhora participa de missa, não é? na igreja? Então a senhora se voluntaria para fazer as leituras, né?

Entrevistada: É pode ser. “/.../”

APÊNDICE P – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 9

Entrevistada: Paula

Pesquisadora: Vamos começar professora. Primeiramente, muito obrigada por a senhora ter aceitado colaborar com a minha pesquisa, que envolve todas as representações sobre o ensino de língua espanhola. E esse ano a senhora está né na disciplina de língua espanhola na modalidade da EJA. E tem um motivo da senhora estar nessa disciplina, então é um dos motivos que fez com que a senhora fosse convidada para participar desta pesquisa.

Eu começo perguntando o nome da senhora, a sua formação. Primeiro, em primeiro nome, formação depois das turmas aqui, no caso que a senhora lecionou a disciplina de espanhol.

Entrevistada: Sim, sou professora Paula Gonçalves Mongelos, sou formada em Letras. Atuo hoje na área de língua inglesa, área de linguagens em língua espanhola também, na modalidade da EJA. Eu sinto muito honrada, né? De trabalhar essa língua, esse idioma, porque eu sou descendente. De espanhóis com paraguaio não é? Então, eu trago no meu sangue uma assim, herança familiar, né? Eu me lembro dos meus avós, todos falavam com a gente. Então hoje eu me sinto honrada de passar para esses alunos. A importância, né? De sempre valorizar nossas origens, né?

Falando, estudando a língua espanhola ainda mais hoje, né? Que nós moramos na cidade fronteira e a importância que tem e terá com essas mudanças estão vindo, né? A rota bioceânica, então, é, eu sempre falo aos meus alunos a importância de trabalhar, conhecer outras línguas, apesar de já estar, no cotidiano deles. De ouvi conversar com a família, mas a importância de conhecer mais profundamente essa língua.

Pesquisadora: A senhora consegue se comunicar por meio da língua espanhola, com facilidade ou não?

Entrevistada: Não? Mas nós aprendemos juntos, né? Que tem uns que já moram no Paraguai, toda a família, né? Então a gente interage também, mas eu sou muito, sim, curiosa, gosto de aprender idiomas, então a gente sempre tá sempre junto, ali conversando, passando para o outro, isso é importante na EJA é trabalhar, né? Gosta m de questionar, perguntar e discutir, então... É uma aula que eu gosto porque eles sempre estão questionando, às vezes me ensinam, aprendo com eles, né? Porque eles convivem mais. Na família, falam o espanhol e o guarani..

Eu Falo Guarani. Também meu pai paraguaio nato, eu nasci no país, né? Vim ao Brasil com 6 anos de idade. Então eu tive que aprender a língua portuguesa. Eu gosto de estar interagindo

com as pessoas, tem que falar outra língua. Infelizmente, eu não convivo mais com a família. Mas aqui na cidade alguns não valorizam. Para mim é uma honra. É. Uma Riqueza, né?

Pesquisadora: Fale sobre a importância do ensino, da disciplina para os alunos.

Entrevistada: Muito importante. Infelizmente, né? Com as últimas alterações se excluíram do ensino médio, que é uma pena, a gente lamenta. Porque os alunos também questiona o porque não tem língua espanhola no ensino médio, não?

É porque não tem aqui. Não é? Então eles percebem a importância e a necessidade de estar sempre em contato com essa língua por esse contato familiar mesmo, bem próximo da realidade deles.

Pesquisadora: É como eles atendem as propostas alunos da EJA, né? Como que eles atendem as propostas pedagógicas? No decorrer das aulas?

Entrevistada: Eles sempre estão interagindo, eles é. É bom isso. Percebe também que a quando trabalha dramática, não estou aqui em dificuldade que em qualquer outra língua, mas eles aprendem. Eles percebem logo, né? Essa importância de aprender. Então eles interagem bastante.

Pesquisadora: Elenque as principais dificuldades encontradas por você como docente de língua estrangeira, no caso o espanhol.

Entrevistada: A maior dificuldade geralmente é sobre os materiais pedagógicos, didáticos... pensa na dificuldade. Eles gostam muito de trabalhar com imagens, né? Sempre pesquiso com frases para associar, né?

Pesquisadora: Sim, manusear no caso, né? Aspectos positivos vivenciados no ensino de línguas.

Entrevistada: É, eu percebi muito que eles gostam, porque além de ser uma aula diferenciada, né? Que eles falam que é diferente, que eles gostam, porque não tem idade de aprender novas palavras, né? Questionam, perguntam, pedem para eu pronunciar palavras, frases, vocábulos para eles aprenderem mesmo, né?

Pesquisadora: A instituição ou rede de ensino propicia a oferta da formação continuada voltadas para a melhoria da oferta de ensino. De língua espanhola?

Entrevistada: É na área de línguas, idiomas, não, né? Eu sempre busco, né, fazer um curso, uma e uma formação, né? Nas áreas, especificamente.

Pesquisadora: Aham de inglês, acho que teve o ano passado se curso a distância, né? E de espanhol?

Entrevistada: Nada. Não é porque a gente conhece que não precisa de formação, né?

Pesquisadora: Os alunos dispõem de livros ou materiais didáticos adequados de acordo com o currículo local?

Entrevistada: Não, não isso sempre eu tenho que buscar, né? Tem que correr atrás. Na verdade preparo, né? Eu preparo e eles gostam e se interessam bastante.

Pesquisadora: A senhora que prepara, né? Qual a sua opinião sobre o currículo local para o ensino de língua espanhola, a fim de atender as realidades dos discentes? Seja quanto à quantidade de aulas e as competências e habilidades a serem desenvolvidas por cada etapa de ensino. No caso da senhora EJA, né?

Entrevistada: Sim, seria muito importante tivesse mais hora aula. É apenas uma aula semanal, né? Aí a gente vê que é muito pouco. Poderia ser, no mínimo 2 aulas. Eu acho que seria bem mais interessante.

Pesquisadora: Quanto à questão das competências e habilidades, a senhora acha que atende a necessidade básica da realidade deles?

Entrevistada: A realidade deles. Acho que sim, não é? Mas, infelizmente sofremos muito com a falta de materiais, não é? Às vezes para isso, precisam muito mais ainda olhar para esse lado, né, da área da linguagem. Pois, é muito importante, né? Se pensasse em ter mais aula, a clientela que goste e ver a importância e a necessidade, né? Entender, conhecer como ocorre o processo desse idioma.

Pesquisadora: Professora, asperguntas são essas. Tem alguma observação, , alguma sugestão que a Senhora, acha que poderia fazer diante disso que eu talvez não tenha colocado.

Entrevistada: É só, mesmo assim seria muito importante a permanência do espanhol, né? Dos seus estudos da língua espanhola e todas as escolas, principalmente aqui na cidade, que não tem isso. É muito importante, temos famílias, necessidade de emprego. Assim, da tecnologia, muito depende. Muito disso, e a língua espanhola é uma das mais importantes, além da língua inglesa também, né? Para o comércio, para o turismo, né? Para os empregos, isso que deve ser repensado, né? Os alunos dessa cidade precisam dessa aula, né?

Pesquisadora: (()) É, por exemplo, depois que eu participei e assisti pela da qualificação e me fizeram umas perguntas, eu fiquei pensando que tem muito a ver também. Quando falamos em representação, tem muito a ver com o professor, né? Então é o /(a) professor(a). Perguntei-me por que na nossa escola, no ensino médio não foi ofertado se podia ser ofertado no itinerário? Sim, seria importante descobrir os motivos, mas eu perguntei para uma das professoras o ano passado, Aí, ela falou que prefere português. Sim, e aí? A questão da representação, né? Então, ou seja, por exemplo, se a senhora não tivesse essa facilidade, a senhora ia falar? Não, muito obrigada. Não vou querer essa aula de espanhol. Né? Nas

linguagens, né? Então essa eletiva, o professor poderia dar aula de espanhol que não está no currículo, mas o espanhol seria contemplado. Não seria para todos os alunos, né? O aluno poderia escolher, e a escola ofertou, né? Mas aí vai da questão da representação, não faz parte, né? De algo que o professor defenda a causa, né? Assim, temos por exemplo, o professor Edson, ele é um professor que é nativo, vamos dizer assim, né? Ele aprendeu a fazer uso de uma língua que faz parte da identidade dele, né? Então ele sempre vai assumir brigar por essa causa, né? Então, tudo isso que queremos analisar.

Pesquisadora: (()) Tudo isso que se tenta analisar nessa pesquisa, né? Pesquisa, ela vem pra isso, né? Pra falar o que que as pessoas que de alguma forma ela tem contatos, faz parte de identidade delas, como que elas pensam sobre a oferta mais do espanhol na escola? Médio principalmente, né? Meu foco é o ensino médio pelo município. Tempo daquele jeito, né? Mas tem. Mas ainda assim, pouco, meu senhora falou, tem falta de material didático adequado, que é o que o professor Edson falou também é. Tem falta de formação continuada que a gente. Sabe que não tem. E assim vejo que muitos professores leigos. Dão aula, né? Então precisa formação. Se não tem gente formado na área para assumir as aulas, tem que ofertar formação, porque é uma forma de você melhorar também. Não só dizer que ó tem, mas é pra dizer que tem. Então, assim, todas as disciplinas são importantes, né? Então a gente cada um vai defender a sua, né? Então, assim como podia aparecer alguém defendendo francês, né ou inglês ou italiano, então assim, a minha defesa é pelo ensino do espanhol, por uma questão cultural, por uma questão talvez de emprego sim, né? E ontem estava conversando com o seu Isidoro, a gente gente estava refletindo, né? E ele estava contando umas situações, eu falei, então essas histórias de saber outra língua independente, seja o espanhol, mas vamos dizer, trazer para a nossa realidade. É uma questão de segurança, é uma questão de economia, né? Ele contou 2 situações, uma que ele foi. A sobre a questão de assalto, né? Se a pessoa vai te assaltar, você não sabe o que que ela quer, né? Não entendi e fala que não tem. Às vezes você tem, né? Porque as expressões são específicas de acordo com cada língua, né? Aí ele deu esse exemplo. Aí depois ele deu um outro exemplo que ele foi pedir, ele queria a senha do Wi-Fi. Não soube se expressar e daí a pessoa não entendeu e. Então, outra situação que lhe contou foi de atravessar. Parece ali que a pessoa queria cobrar o esse a mais, sabe, achando que eu não sabia. Ele falou, né? Aí daí, quando eu falei Pra Ele e tal ele, ele deu pra trás e daí me. Cobrou o preço? Normal, aí eu, a gente filosofa, falei assim, então a gente acabou de. Emef sino do missa que é importante, né? Não só porque eu tenho que falar com outro, mas pra eu sobreviver, quando no lugar eu não entendo, né? Então aqui a gente vai ter trânsito,

provavelmente a gente vai ter um trânsito grande de pessoas, né? Então isso é importante, está bom.

Entrevistada: Eu. Eu acho importante também. Eu sempre viajo, né? Nas minhas viagens, geralmente eu utilizo o inglês quando vejo ou espanhol um que a maioria conhece, né? Você fazer um lugar assim já aconteceu. Situações de também de alguém querendo cobrar mais imposto de gasolina, por exemplo. Nós fomos com jeito, aí eu vi o valor, o cara triplicou o valor. Aí eu falei, pô, fui no espanhol. Aí já veio que uma pessoa tenha sido aí. Falou que foi? Engano, sim. Exato, né? Isso é.

Então, deve ser mantido. Importante, eu pago meus alunos sobre isso.

Oo.

Também está passando?

É, mas assim e independente da língua não é, mas é o meu pai sempre falava, tem que saber ler. Tem que saber entender as coisas para isso tudo vocês estudam. Falava para nós, né? Quando eu penso que você vai na. Escola, ele falava, não é?

O meu pai, ele ensinava a gente. Ela senta aqui é assim, assim, Guarani. Assim a ser espanhol, que você, você precisa dar, hã? Agora, minha mãe já não, ela já sai mais retida, claro. Acho que vai trabalhar, né? Nós mães assim, mas ela, agora o meu pai já não fala, não sei quem viu. Com o olho, você conheceu uma língua, 2 línguas, 3 línguas diferentes.

Pesquisadora: Hum sim, e eu falei ontem com seu Isidoro, gente. Às vezes a gente não se orgulha disso, né?

Pois é.

Então quem, né? Se você sair daqui, por exemplo, é difícil você encontrar pessoas que falam 3 línguas, porque nós falamos, né?

Entrevistada: Lógico

A gente fala, a gente pode não falar fluentemente, mas a gente fala e o melhor a gente entende, né?

Então assim, isso é algo de valor. Quando a gente sai daqui é valorizado, mas aqui a gente acha que isso é normal.

Né?

E eu falo, eu sou o Paraguaia, Paraguaia. Eu falo, sou com muito orgulho, tenho maior, orgulho, tem que ter orgulho da sua origem... eu entendo Guarani e falo, não falo muito, mas eu entendo espanhol, e estudei língua inglesa.

Isso é algo de se orgulha, não

Sou formada em língua portuguesa. Olha, não tem melhor? Coisa, você pode se comunicar com as pessoas. A é muito, não sabiam? Foi, mas eu digo, eu tenho maior orgulho ela. Tenho a origem paraguaia.

Pesquisadora: Sim, e que a gente tem, né?

Entrevistada: E tem uns que ficam reprimidos, com vergonha de contar. Se tem que te orgulho

Pesquisadora: E assim, quando eu dei a primeira vez que eu tive contato com os alunos, ensinando espanhol, né? Eu vim ensino médio e eu percebi assim, tinha muito estereótipo. Eles tinham muito preconceito com a língua, porque quem que falava a língua era o paraguaio e tinha uma relação, uma referência do paraguaio. Assim é menos sendo menos prezado desvalorizado em si, automaticamente acontecia com a língua e eu não entendia. Sabe por que que isso acontecia? Aí daí eu falava com eles, né? E aí não era diferente com relação ao Paraguai em si, não é porque às vezes o paraguaio também coloca o brasileiro superior, né? Ah é o brasileiro branco que tem mais direitos, que tem mais privilégios, então ele também se coloca no lugar inferior e isso sempre questionei nas aulas, quanto que no último ano que eu dei aula, antes de não ter espanhol, eu fiz um projeto com ele. A gente foi lá Na Na escola, lá em Carmelo Peralta. Porque eles falam, tentam falar com a gente português. Eu falava para os alunos, vocês estudam espanhol, vocês sabem o básico, então o básico, vocês precisam usar. O nome, se apresenta e tal. Então AOA. Ideia do projeto é fazer eles terem contato, mas o contato tinha que ser por pela língua espanhola. Então por isso a gente foi lá e acredita que lá eles falavam em português portuguesa. Alguns estavam mais assim. Eles têm muito preconceito por isso. A vergonha, né? Se sentem tímidos, né? Tem resistência. E aí foi só um ano. Aí depois não. Eu acho que eu me afastei é, eu tinha ido, eu fui na prefeitura, aí teve mais 1 ano espanhol e teve mais depois, mas foi muito bom essa experiência do projeto. Assim, a proposta foi interessante nesse sentido, né? Para eles entenderem que não tem, não tem isso. A gente tem que tentar é se colocar no lugar do outro, né? Que motivo ele tenta falar comigo? Português, se eu sei o espanhol, porque ele querendo nós, os paraguaios, usam muito Guarani, né? Sim, e a língua do do encontro ali é. O espanhol, né? Então, a ideia é fazer com que ele se esforça para falar espanhol. E aí, quando você perceber, tinham falando português, né? Mas é normal isso aí, né? Porque é o conforto, né? É a zona de conforto, porque quando ele vai se atrever a falar outra língua, ele não consegue pronunciar. Ele não consegue construir, né? As Ideas organizar então por por uma comodidade. Que prefere ficar só No No português, não é?. Mas, prof... é isso, viu? É interessante, eu sou fascinada, não é? Eu agradeço perfil mais uma vez. Tá? Demorou, mas deu certo, vô fechar.

Entrevistada: Interessante. Feliz. Sim, ó, eu que agradeço.

APÊNDICE Q – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 10

Entrevistado: Prof Edson

Pesquisadora: A gente vai começar a gravar. Aí o senhor vai começar falando seu nome, a sua formação básica do senhor. A gente vai levando em consideração essas perguntas, mas a gente vai seguindo, né?

Entrevistado: Tá certo?

Pesquisadora: Reconhece essa região, né? Então, professor, seu nome, sua formação.

Entrevistado: Eu sou Edson Belmont, eu sou formado em Pedagogia, Espanhol e Guarani.

Pesquisadora: Certo. Quais turmas que atualmente o senhor leciona a disciplina de espanhol?

Entrevistado: Então, atualmente eu trabalho de primeiro ao quinto ano e na EJA... é o terceiro e quarto segmento. E trabalho na escola Thomaz Laranjeira desde 2007. Eu trabalhava com as turmas de sexto ao nono ano. Agora mudando a escola para o prédio da escola Cláudio de Oliveira e como eu não queria mudar da minha escola, eu continuei e com o primeiro ao quinto ano, na verdade. Eu nunca trabalhei com criança pequena, foi uma experiência nova para mim. Mas está saindo muito boa, está sendo ótimo.

Pesquisadora: O senhor sabe, domina a língua espanhola?

Entrevistado: Sim, na verdade eu falo muito melhor espanhol que português, minha formação é espanhol e Guarani.

Pesquisadora: Certo. Comente sobre a importância do ensino da disciplina para os alunos.

Entrevistado: Então, na verdade. É muito importante, é importantíssimo porque todos os nossos vizinhos tem como língua materna o espanhol. Então se você vai, vai viajar por essa região escuta espanhol, então seria interessantíssimo que todos e cada um de nós aprendessem pelo menos alguma coisa do básico do espanhol, para servir em alguma coisa. Então eu acho que ele é desses, uma importância do espanhol nas na escola.

Pesquisadora: Professor, sobre essa mudança do senhor, como que o senhor sentiu, por exemplo, como que era do sexto ao nono com as aulas de espanhol, não é como que eles viam espanhol. Eles achavam importante, eles gostavam, não é? E aí, por. Exemplo, falou deles. Aí depois o senhor vai agora nos pequenos, não é? Como está sendo a experiência estáda uma das modalidades.

Entrevistado: Na verdade, é... no começo da minha prática eu tive muita dificuldade porque existem muitos preconceitos sobre como os paraguaios falam. Tem algum aluno que domina melhor se ler bem, por exemplo, que eu praticava muito leitura com eles, fazia poesia, canto também. E quando algum aluno se destacava muito, era chamado(a) de paraguaio, então

ficavam meio constrangido(a), então esse daí não, não ajudava muito. Agora, com os pequenos é diferente. Parece que esse preconceito é menos com eles porque eles gostam de canto, gostam de dançar, saio, eu faço tudo isso. É bem lúdico, minha aula. É, antigamente eu lembro que eu trazia muito aluno paraguaio para desfilar, é pra dançar, para mostrar a cultura paraguaia que também que tem muitas coisas que temos que aprender com eles, então é. Amiga, me melhorou muitas coisas. Eu lembro que é aquele que não queria ser paraguaia antigamente e depois do desfile, me dizia: Professor, eu sou paraguaio também. Eu sou paraguaio também...porque como os paraguaios eram tão disciplinados e também no Paraguai tem uma coisa: se a menina é bonita, é bonita mesmo. Eu trazia os alunos da cidade de Valhemi. Muito disciplinados e tem disciplina, tem uma boa vestimenta. Era muito bom e deve ter alguma gravação ou algo assim na TV. Aí os poucos alunos, professores que eram paraguaios ou tinham descendência paraguaia, olhava, se sentia orgulhoso de ser paraguaio, coisa que não acontecia no começo. No começo, você poderia chamar de qualquer coisa a criança, menos de Paraguaio, se chamar de Paraguai eles virava bicho. Eu sempre expliquei para eles que a nacionalidade não vai melhorar ninguém, porque no Paraguai, na Argentina e Bolívia; Em todo lugar tem pessoas de bem e do mal. Assim como tem bandido aqui no Brasil, tem bandido no Paraguai, também lá na Argentina e vice-versa. Então, essa nacionalidade não nos faz diferente de ninguém e essas coisas aí que temos que aprender. Mas esse preconceito existe mesmo e é a partir Do próprio Paraguaio. A família Paraguaia que já virou brasileiro com o tempo. O que acontece também é que os pais não sabem falar português, mas seu filho nega rotundamente que eles não são Paraguaios, não quer nem saber do Paraguai, criticam o Paraguai. Que na verdade criticam eles mesmos. Eu acho que aquele problema de não ser muito bom, aquele que são, são de fora, tanto é que eu posso te garantir aquele que nunca estudou espanhol, aquele muitas vezes aprendem mais rápido. Eu acho que esse tem mais interesse, não sei por quê, porque eu acho que esse preconceito eles têm, até as crianças falam nessa hora: professor não estudei espanhol, não é fácil, gente. Mas, se o aluno é disciplinado aprende rápido. Tanto é que é, você sabe que o espanhol e o Guarani tema mesma raiz, tem a mesma mãe, né? Que Vem do latim. Então é bem parecido, só na hora de falar, mesmo que ele já é bem diferente.

Pesquisadora: Diferente, né professor? Quanto essa questão do preconceito, o senhor acha que pelo fato das famílias elas terem se constituída para, às vezes paraguaios e que vem morar pra cá, né? E moravam lá do outro lado, vem morar pra cá e aí é como se eles quisessem fazer parte dessa cultura para serem semelhantes, por isso que, de alguma forma eles negam a própria cultura não valorizam? Eles acham que a outra é melhor?

Entrevistado: Então, vou ser sincero com você, é essa parte acontece sim porque os paraguaio... até Porque eu sou brasileiro de nascimento, mas eu morei 22 anos no. Paraguai, quando eu. Morava no Paraguai. Eu achava que a cultura Brasileira que o Brasil era muito superior que o Paraguai. Eu mesmo achava também, só que hoje eu sei que não é assim. Esse, esse preconceito, eles têm por falta de conhecimento. Porque não conhece, não conhece a cultura paraguaia. Assim como tem cidade bem organizado no Brasil, no Paraguai também tem vários. Só como é a maioria das pessoas não conhece. O paraguaio se limita ao país vizinho como Carmelo Peralta. Só, mas eu não, eu não vou negar. Eu Pensei que não existia a corrupção, que no Brasil era isso, quer aquilo. E aquilo tudo eu achava também eu achava que era muito superior o Brasil, porque o Paraguai e hoje em dia posso garantir que não tem nada de diferente, é tudo igual.

Pesquisadora: Esse pensamento, né? Existe essa ideia mesmo?

Entrevistado: Então, até, por exemplo, como é no Paraguai. Eu, a maioria das pessoas também conhece o Brasil pelas novelas. Falei assim, é, tem muita casa bonita, com piscina, como na novela até minha filha, que era pequenininha. Na época, perguntou: *Papá, em tu casa hay piscina ??* mal sabe ela que eu morava numa casinha po aí, mas porque na cabeça dela, aqui no Brasil era bonito, entendeu?

Pesquisadora: Tem mais desenvolvimento...

Entrevistado: E então é dali que vem o preconceito. Então essa pessoa que vem é ele quer perder a identidade do Paraguai quer se fazer brasileiro, porque na nossa cabeça, quando eu morava no Paraguai, também pensava, eu não vou negar. Eu pensava também.

Pesquisadora: Entendi, é realmente]

Pesquisadora: Questionador, isso não é? Elenque as principais dificuldades encontradas por você como docente de língua estrangeira. O senhor falou sobre a questão do preconceito com os alunos e aí teria alguma outra dificuldade que o senhor ainda não?

Entrevistado: Essa dificuldade e o preconceito que tem mesmo até com os colegas. Você sabe que. E eu, como eu já falei, eu sou para é brasileiro em documento, mas eu morei 22 anos no Paraguai. Vinha de passeio, mas tudo que aprendi foi lá.

Pesquisadora: A sua cultura, toda de lá. Tudo que o senhor aprendeu, os seus valores, né?

Entrevistado: Tudo é paraguaio. Então, quando cheguei aqui também... se eu... sabe qual era minha situação? Enquanto os colegas que trabalhavam comigo eu era o último da fila, pra mim eu estava no topo porque eu tava muito feliz, porque querendo ou não eu sofri muito preconceito também no Paraguai, porque eu morava no Paraguai, com documento brasileiro. E então, no começo me chamavam de “rapaz” e eu ficava no cantinho. Acontece também o

preconceito no Paraguai, eu falava português há 22 anos atrás quando fui lá. Aí quando cheguei aqui eu sofri esse daí. Eu não posso falar que fui bulinado porque cheguei consciente do que queria fazer. Enquanto o pessoal pensava que eu tava no fundo do poço eu estava no topo e não ligava do pessoal que tava me criticando. Eu tava sendo professor. Tanto é que colega que não colabora. Isso também eu posso te garantir. Os colegas se ajudam aqui no Brasil não tem isso. Não tem isso. Quando eu era novo, tentei conversar com o pessoal que ministrava espanhol na época e não tinha nenhuma abertura, me cortaram. Tanto é que faziam manifestação contra mim, dizendo que eu não sabia ensinar. Mas, na prática era diferente porque realmente eu sabia o que estava fazendo. Talvez eu tinha dificuldade pra falar o português, mas espanhol eu entendia. Tanto é que quando ia sair o concurso até minha família fazia piadinha: diz que o Edson vai fazer concurso e gargalhada tinha, pensando que eu não tinha oportunidade nenhuma de passar. Mas eu, Edson sabia muito bem que ia passar porque eu sempre estudei. A minha faculdade que fiz com documento brasileiro e pensei que nunca ia trabalhar no Paraguai e no Brasil não sabia como iria trabalhar, então na faculdade pensei que estava estudando a toa. E tem uma coisa, eu sempre estudei tanto porque meu pai, minha família tinha entendimento que o estudo não dava nada, nós era da chácara mesmo. Minha mãe era analfabeta, meu pai era um senhor muito honesto e falava que não dava nada, que você só aprendia a vagabundagem lá. Eu pra entrar na sétima série, depois de servir quartel, eu servi quartel aqui no Brasil eu vi que a única coisa clareza que poderia fazer mudar minha vida é o estudo. Comecei a ir estudar escondido, esperar meu pai dormir, sempre chegava tarde, estudei escondido do meu pai. Depois quando já estava no oitavo ano por aí ele descobriu que eu chagava muito tarde, mas aí ele não ligava mais porque eu já era homem, mas eu comecei estudar escondido. Tudo foi uma luta.

E eu não estudava muito, ia na escola e não estudava. Sempre passei, acho que pego fácil a matéria, nunca tirei nota vermelha, mesmo sem estudar por isso eu tenha certeza absoluta que ia passar o concurso porque nenhuma prova nunca reprovei e era fácil pra mim porque sabe que setenta por cento eu ia acertar e aí era cinquenta só, por isso que eu tava garantido que ia passar. Na verdade deram dois meses pra estudar. Estudei bastante, passei em dois concurso e hoje estou aqui.

Pesquisadora: Hoje é o senhor e a Nancy né, mas mesmo assim vocês dois não atendem toda a demanda de aulas de espanhol.

Entrevistado: A Josefina também.

Pesquisadora: Mas ela está em espanhol agora? Porque ela estava afastada. Mas sei que vocês três que são da área. Certo, profe. Os aspectos positivos vivenciados em espanhol.

Entrevistado: Agora, realmente pra mim era um desafio, nunca trabalhei com criança pequena ano. E antigamente eu ia pra outra escola pra não trabalhar com primeiro ao quinto. Era assim eu não me adaptava com criança pequena. Como ia mudar na Cláudio, eu não queria mudar da minha escola. Hoje em estou amando. Qual que é o ponto positivo. Em todo lugar que eu vou a meninada diz: *Hola, professor!* E começam a falar comigo em espanhol, na frente dos pais, começam a falar comigo, isso é muito gratificante, você vê que seu ensino tá refletindo na rua. Isso é gratificante porque o aluno começa a pegar na prática. Hoje em dia todos os meus alunos me falam na rua, na frente dos pais principalmente é... em espanhol.

Pesquisadora: Que legal!

Entrevistado: Até essas musiquinhas eu gosto de cantar, falam de Deus, começa a cantar e dançar um pouquinho, porque criança pequena, né...

Pesquisadora: É lúdico, né?

Entrevistado: *los saludos: Hola, hola, cómo están? !Yo muy bien y tú que tál? Muy bien también!* E assim todo mundo e aí já escuto as crianças cantando. É muito bom. Tem uma coisa que mexe comigo, que faço só pra ensinar, por exemplo o aluno chega tarde e nem cumprimenta. Comigo não, tem que por exemplo. Ensino. Que tem que pedir em espanhol e cumprimentar os colegas, esse daí em espanhol as crianças não quer fazer, mas faaz. Então essas coisas é gratificante. Se você perceber que tá fazendo alguma coisa diferente com os alunos é muito bom.

Ontem mesmo estava falando na sala com os pais, porque tinha que me apresentar e um das mães falou pra: Mas, professor o senhor sabe espanhol? Sabe falar bem? Não eu que quer dizer, mas a partir desse momento comecei a falar em espanhol com ela, e aí é uma coisa percebi que todo mundo gostaram, aí fui falando em espanhol, porque como falei pra você: eu só sei falar bonitinho mesmo em espanhol. Como percebi no brlho dos pais que todos gostavam, comecei a falar só espanhol. Aí hoje a professora me perguntou porque falava só em espanhol se sabe falar em português. Era um desafio porque uma mão me desafiou e aí comecei a falar só espanhol, mas gostoso, foi legal.

Pesquisadora: (()) é diferente né? Eu, por exemplo. Na primeira experiência que veio uma professora na aula do curso de letras, primeira aula de língua espanhola 1. Ela veio falando espanhol e ninguém se mexia olhando pra ela, encantado. Lá pelas tantas quando deu intervalo, ela começou a falar português, daí a gente ficou assim: “Ah, ela fala em português”!” E a gente achando que ela falava só espanhol, como ela “dominava” a língua. AA gente ficou prestando atenção o bonito que era o “domínio” que ela tinha com a língua. E a gente, automaticamente quer chegar nisso e poder se comunicar com ela por meio dessa

língua. Esse contato criança tem que ter. Na experiência que eu tive também nas aulas do Instituto Federal, eu só falava espanhol com eles e eles ficavam encantados porque também queria a isso. Acredito que a Josefina deva ter seguido a mesma linha, né. Teve muita procura. Pelo menos no campo profissional a procura é grande. Quem já saiu da escola, tá querendo aprender espanhol. No ensino médio não é ofertado, no ensino fundamental tá sendo. Hoje quem tá lá quem tá no fundamental não valoriza a importância. Ee no médio não tem, tá sendo retirado o direito deles e aí quando saem, começam a procurar e aqui na cidade aa gente não tem institutos que ofertam o ensino de línguas e nem todo mundo aprende a distância, porque tem, se procurar e na internet tem, mas não é a mesma coisa. Porque precisa ter o contato com a língua, falar.

Entrevistado: Na verdade importantíssimo que o professor de língua entra falando uma língua, sabe porquê? porque isso aí é uma aula, se começa a conversar em espanhol. Foi o que falei com os pais: Eu não vou garantir pra vocês que os filhos de vocês vai sair falando espanhol, mas eu posso garantir pelo menos uma ou duas palavras diferentes em cada minha aula vai apreender. Só um caderninho que preciso, estou disposto a ensinar.

Pesquisadora: Que legal

Entrevistado: Todo mundo gostou quando eu falei em espanhol a partir do desafio da mãe.

Pesquisadora: Exato, isso é ótimo!! Eu fico feliz da vida, né. Sou suspeita né.

Pesquisadora: A instituição ou rede de ensino propicia a oferta de formações continuadas voltadas para oferta de ensino da língua espanhola?

Entrevistado: Na verdade, quando comecei em 2007, 2008 era muito bom, tudo voltado para o espanhol mesmo. Mas depois começou a desandar. Até 2016 vinha material muito boa, livros, você escolhia, tinha opções de escolha de livros, vinha pra cada aluno. Mas hoje em dia, não sei do sexto ao nono porque não trabalho mais, trabalho na EJA e de primeiro ao quinto, não tem nada de material. Não posso falar pra você que tinha dificuldade porque hoje em dia a internet ajuda muito. Tudo que você precisar você acha lá, estuda, se capacita sozinho sem problema mesmo. Mas a instituição em si, nada, absolutamente nada. Pra mim como defensor da língua espanhola eu acho preocupante isso daí, porque pelo que tô entendendo, no caminho que tamo indo acho que estão querendo fechar, estão querendo abolir o espanhol da grade curricular, isso é muito ruim. Tanto é que essa uma aulinha não é suficiente, porque no espanhol, você não ensina só o espanhol. Por exemplo, no primeiro ano eu ensino alfabetização, praticamente alfabetizo com eles. Começo a ensinar o alfabeto, começo a ligar LA, BA e assim entendeu?? Eles vão aprendendo assim porque não leem ainda. No segundo ano tem vários que não leem ainda. Mas eu ajudo muito, faço desenho

como uma árvore e começo a colocar que galho é *rama* que folha é *hoja* e vai aprendendo assim, igual o alfabetizado.

Pesquisadora: E também desafia o cérebro que tá em processo de alfabetização também a fazer o paralelo. Melhora a capacidade intelectual, né.

Entrevistado: Então, sempre trabalho com música e com desenho. Não tem muita orientação, mas como sou formado na área eu acho que faço um bom trabalho porque sempre recebo elogio. Vou ensinar ciências, não vou querer levar texto para o aluno de segundo ano, se ele não é alfabetizado que vai ler?

Então faço com desenho. Por que que eu desenho? Porque se ele não sabe pelo menos vai saber que *hoja* é folha, flor é *flor*, entendeu?

Aí coloco os nomes em espanhol. Porco, aí desenho um pintinho, um *pollito*. Começo a cantar também: *Los pollitos dicen...pio, pio...* aí já pra eles responder, criança é criança.

Pesquisadora: E eles não têm vergonha, né? Isso é verdade.

Entrevistado: Eles não têm vergonha

Pesquisadora: E material então também...livro didático?

Entrevistado: Não, não tem, nada, nada, nada...

Pesquisadora: Mas e o currículo?

Entrevistado: O currículo é bom. É cumprido hoje em dia.

Pesquisadora: Tem para os pequenos também?

Entrevistado: Tem, desde o primeiro ano tem. Tá bem pesquisado. Eu acho ótimo o currículo. Não dá pra trabalhar tudo, mas dá pra você escolher o que você acha mais conveniente. Seu sempre procuro o mais conveniente pra trabalhar, como números de 1 a 10, aí já começa a contar, dançar através da música...

Pesquisadora: Esse currículo é do primeiro ao nono ou desde a pré-escola. Ele foi adequado já??

Entrevistado: Eu não sei da pré-escola, mas do primeiro ao nono tem o currículo certinho da BNCC certinho.

Pesquisadora: O senhor segue o da BNCC? Não tem um da cidade?

Entrevistado: Não tem.

Pesquisadora: Aah, tá.

Entrevistado: da cidade não tem mesmo. Tinha antigamente, mas depois nós deixamos e ficamos com a BNCC, mas é bom... não vou ser mentiroso e falar que não é. tá bem especificado. Algumas coisas que é repetitiva, por exemplo: o que ensina no primeiro ano repete no segundo ano.

Pesquisadora: E esses professores leigos, como que eles fazem com quem tá na pré-escola. Eles têm que pesquisar?

Entrevistado: Então, eles têm que pesquisar, tem que trabalhar muito mais.

Pesquisadora: Porque se não tem o currículo da cidade. Na BNCC não tem espanhol na pré-escola.

Entrevistado: Eu não uso dicionário, porque domino bem a língua. Mas no caso do leigo, eles têm que usar toda hora, tem que tirar dúvida. Eu tenho dificuldade com português, na palavra. Tanto é que tenho dezessete que trabalho, se não aprendi, não vou aprender mais, mas meu sotaque não muda, porque? Sabe que vinte e dois anos falando espanhol e guarani, o sotaque é mudar é difícil.

Pesquisadora: mas o senhor acha que é importante falar bem português, sendo professor de língua espanhola.

Entrevistado: então, no meu caso se vou ensinar espanhol, não. Porque ele tem que entender, porque você não pode ensinar nada errado ao aluno. Pra mim não, sem problemas. O planejamento faço em português. Mas tenho sotaque. Tanto é que se eu achasse que era eu ia me esforçar mais.

Pesquisadora: Mas isso é normal, até mesmo eu que não falo fluentemente, tenho sotaque. Falo, entendo.

Entrevistado: Ontem falei para os pais, e não é mentira. Eu domino um pouquinho português, mas eu amo espanhol. Amo! Tanto é que vou levar em conta isso daí porque é irônica minha história. Eu entrei no colégio, lá atrás, no começo mesmo e queria aprender espanhol, mas não sabia que ia ser meu ganha pão. Queria aprender espanhol porque minha namorada, na época, lá atrás...eu achava lindo ela falar espanhol, entendeu? E eu falava pouco porque eu era brasileiro, falava português e guarani e espanhol, mais ou menos. Eu achava lindo e no começo fui aprender espanhol somente, entrei como ouvinte. Eu tinha dezoito anos, na sétima série, mas eu só ia na aula de castelhano. E a diretora falava: Edson, você é jovem tem que terminar seu colégio, fazer faculdade, você é jovem ainda. Eu não tinha nenhuma esperança, sabe aquela criancinha que não tinha sonho nenhum? Eu só queria aprender espanhol. Eu ia só na aula de espanhol, mas depois quando tinha outras aulas eu assistia também. Depois aconteceu a prova e não tirei nenhuma nota vermelha. Aí a diretora me chamou e me mostrou minha nota e disse: imagina se você estudasse? Isso aí que me impulsionou e comecei a estudar. E como o espanhol foi o que me motivou a estudar... é irônico, acho que Deus faz o caminho da gente. Nem no sexto sentido eu imaginava que isso seria meu ganha pão...e hoje em dia é meu ganha pão. Todo mundo gosta de me criticar, mas

eu amo meu jeito, até meu jeito de falar. Eu não gosto de mandar áudio porque sei que minha voz é desentoadada, mas isso daí é em português, espanhol e guarani. Eu tenho essa dificuldade, minha voz é desentoadada mesmo.

Pesquisadora: mas isso daí é natural pra quem fala mais de uma língua, normal. Tem que ser motivo de orgulho.

Entrevistado: Esse sou eu. Então, eu acho que autoestima é minha prioridade. Porque me amo mesmo, até faço uma brincadeirinha e eu falo: Obrigado, meu Deus por essa obra de arte. Mais ou menos assim mesmo.

Entrevistado: Tá certo, se a agente não se gostar em primeiro lugar, não tem que fará por nós. Isso mesmo!

Pesquisadora: Professor, então se o senhor não tem, nem os alunos né?... o material didático?

Entrevistado: Não tem.

Pesquisadora: O senhor tem conhecimento que existe o conselho municipal de educação?

Entrevistado: Tenho

Pesquisadora: o senhor faz parte?

Entrevistado: Não. Já fiz parte algumas vezes, agora não.

Pesquisadora: A professora Zunilda é presidente, né do conselho. Eu conversei com ela, justamente por esse papel que ela ocupa e também por ela fazer parte do setor de normatização da secretaria, né. Então, assim como o conselho lida diante dessas situações com relação à língua. E ela me explicou tudo que aconteceu com a troca, né... com a troca não, com a perda de uma aula pro empreendedorismo, né.

Aí qual é a sua opinião quanto ao currículo local para o ensino de língua espanhola a fim de atender as realidades dos alunos, seja quanto a quantidade de aulas, competências e habilidades a serem desenvolvidas por cada etapa de ensino. Bom, o senhor falou que vocês não têm, para o senhor, não é atual o currículo local, né? o município não tem mais.

Entrevistado: O currículo eu acho até bom. Mas, eu acho pelo menos duas aulas tem que ser. Porque espanhol não é só espanhol. Ensinando espanhol, você tá ensinando português e outras coisas também, biologia...

Pesquisadora: Cultura, costumes...

Entrevistado: Por isso que é importante o ensino da língua espanhola, porque ensinando espanhol você está ensinando cultura hispano-americana. Eu acho que essa uma aula que tiraram faz falta. E eu na minha opinião, não tenho nada contra o empreendedorismo, mas eu acho muito vago, não ajuda muito. O primeiro ano não dimensiona ainda que tenha que

ganhar dinheiro ou coisa assim... Ótimo de repente, a partir do sétimo ano, acho, mas no primeiro ano, eu Edson acho que não ajuda.

Pesquisadora: E quando o senhor trabalha, por exemplo cultura com eles, que tipo de cultura o senhor ressalta? Por que é língua espanhola né? Porque antes, não sei se o senhor lembra que o material que vinha era voltado à cultura da Espanha.

Entrevistado: Na verdade, como o nosso vizinho é paraguaio e eu tenho pleno conhecimento, estudei a vida inteira lá e tanto é que alguns colegas me chamam pra dar uma palestrinha sobre a chipa, a sopa paraguaia, origens. Trabalho muito mais a cultura paraguaia. Pelo comodismo. Primeiro porque domino cultura do Paraguai e segundo porque é nosso vizinho, o pessoal é mais próximo aqui pra nós.

Pesquisadora: Eu tinha essa dificuldade quando eu me deparava com o material e era sobre a Espanha. Por exemplo, todas festas típicas eram sobre a Espanha. Lembro que eu trabalhava com os alunos. Aí um dia participei de um congresso que falava sobre isso, aí que me dei conta... mas só que é assim... pra mim é automática seguir o material. E o senhor sabia, profe que nós aqui... o conselho tem força de mobilizar a criação de um material específico.

Entrevistado: Então, isso seria bom. O espanhol é muito rico. Se você analisar também até português, algumas palavras são sinônimos, palavras parecidas. O material que vem é da Espanha, e várias coisas que não se usa, é diferente no Paraguai. Por exemplo: verbo coger, é pegar. Mas no Paraguai se usa no sentido pejorativo, a palavra bus, pelado... não se usa muito. Até tem uma frase que: *El hombre pelado olvidó su saco em la buceta que é* O homem careca esqueceu a blusa no micro-ônibus.

Pesquisadora: Se você falar aqui, significa outra coisa, né.

Entrevistado: Mas até, isso que falo para os alunos. Se falar em português, realmente tá falando besteira. Que tá falando em espanhol.

Pesquisadora: E espanhol de que lugar?

Entrevistado: É, porque esse daí é mais voltado para a Espanha, porque no Paraguai ninguém fala *bus*, fala *coletivo*, também fala *omnibus* ou outra parte *autocar*.

Pesquisadora: Então, se a gente tivesse um material preparado pra nossa realidade agente diria que isso é natural e falado na nossa região, mas que existem outras formas de falar em outros lugares em toda américa latina.

Entrevistado: Eu na verdade, trabalho muito com eles... mas é mais no sexto ano. Mas agora estou até o terceiro que é alfabetização mesmo.

Pesquisadora: Por último, o espanhol diante de nossa realidade com o contexto da Rota Bioceânica.

Entrevistado: Quando se falou de Rota Biocênica eu fiquei muito feliz. Falei: Agora vão valorizar mais o espanhol, porque na Rota Bioceânica nós vamos cruzar quatro países que falam espanhol e eu tenho um ponto de vista que muita gente vai querer conhecer. Eu tinha esperança que ia mudar, mas isso não tá acontecendo. Priorizam muita coisa, mas não o espanhol. Eu como já falei antes, estou bem preocupado com isso.

Pesquisadora: (()) No início do meu projeto de pesquisa, era voltado à problematização da preparação das pessoas para o mercado trabalho. Mas, estudando, pensei. Peraí, sou do espanhol por que vou falar do trabalho se posso falar da importância da língua. Aí mudei todo meu projeto e comecei a estudar. Tenho dois exemplares de trabalhos científicos sobre a ROTA. Então, pouca coisa, estudos e pesquisas direcionadas à situação linguística por causa da importância plural que nós temos aqui, de várias línguas, não só aqui, Porto Murtinho, mas desde lá de campo Grande, por exemplo de toda essa história nossa do Mato Grosso do Sul, mas aí você passa do lado da Bolívia, tem vários dialetos, línguas, pequenas comunidades que falam línguas diferentes. Um espanhol e outras, que é a nossa realidade daqui até o Chile na Rota. Ninguém que tá falando do Espanhol? Da comunicação. O Mercosul perdeu a importância, parece que depois do governo Lula perdeu força, perdeu a importância, pois ele só se tornou lei e o ensino obrigatório, por causa dos interesses econômicos. E como o senhor falou, foi perdendo força...

Entrevistado: “...” Quando eu cheguei aqui, fiquei feliz que tudo era espanhol, tanto é que cheguei pra ser contratado e como falei pra você, tem que cuidar da fala. Mas eu sabia que, mesmo vindo fazer o curso, nem era contratado ainda. E se ficasse quietinho no fundo, ninguém ia me contratar, tinha que ser polêmico. Qualquer coisa eu tinha que sair na frente e a professora ficava constrangida e eu só pra aparecer falava sobre a pronúncia, ela não tava falando errado, mas por exemplo a palavra *playa* o y tem som de j... e depois ela começou a perguntar pra mim... depois de dois dias eu estava contratado, mas tinha que ser polêmico... eu queria trabalhar, não só me aparecer. Enquanto o pessoal tava me criticando eu estava valorizado porque o salário era bom. ”...”

Pesquisadora: “...” Este talvez seja um dos primeiros estudos. A gente tem que trazer estes estudos ao encontro de nossa realidade, da nossa cidade. Por exemplo, o inglês é importante? É importante também, mas o espanhol não pode perder a importância diante do inglês, por exemplo. Teve uma aluna que me perguntou porque aprender inglês aqui? Não que não é importante, pois temos que conhecer diversas culturas, modos de vidas diferentes mas o espanhol não pode espaço pra outra. E é isso que a gente tá tentando fazer... com que as pessoas pensem a respeito. “...”

“...”Agradeço pela sua contribuição. É muito rica, acho que a mais longa de todas as entrevistas, conversas. Até então conheço o senhor como referência no ensino do espanhol. Foi muito importante essa experiência... quero saber como as representações da área estão vendo a importância do espanhol para a educação local. “...”

Entrevistado: “...” Eu fico muito grato e me coloco à disposição, tenho dificuldade, eu sou meio tímido, mas tudo que eu puder colaborar estou à disposição e parabéns pelo seu trabalho, achei muito bom, vou torcer pra você pra sair tudo certo. Qualquer coisa mesmo, estou á disposição. “...”

Pesquisadora: “...” Obrigada pela abertura. “...”

APÊNDICE R – TABELA DOS SINAIS PRESENTES DAS TRANSCRIÇÕES

TABELA DAS TRANSCRIÇÕES	
[[falas simultâneas (colchetes duplos no início do turno simultâneo)
[]	sobreposições localizadas: quando a sobreposição ocorre num dado ponto do turno e não forma um novo turno, trecho curto de sobreposição
()	dúvidas e suposições – quando não se entende uma parte da fala
(())	comentários do analista – ou no local da ocorrência ou imediatamente antes do segmento a que se refere o comentário
: “...” e “/.../”	Indicação de transcrição parcial ou de eliminação
...	Indicação de pausas

ANEXO I- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	DADOSDOPROJETODEPESQUISA.docx	06/07/2023 10:31:56	LUANNA COSTA RANGEL DA SILVA MOREIRA	Aceito
Outros	CARTARESPOSTAIRENE.doc	06/07/2023 10:31:43	LUANNA COSTA RANGEL DA SILVA MOREIRA	Aceito
Outros	NOVOCRONOGRAMAPARAAREALIZACAO DASENTREVISTAS.docx	06/07/2023 10:31:36	LUANNA COSTA RANGEL DA SILVA MOREIRA	Aceito
Outros	TERMOEPERGUNTASDIRETORA.docx	06/07/2023 10:31:28	LUANNA COSTA RANGEL DA SILVA MOREIRA	Aceito
Outros	TERMOEPERGUNTASPROFESSORES.docx	06/07/2023 10:31:18	LUANNA COSTA RANGEL DA SILVA MOREIRA	Aceito
Outros	TERMOEPERGUNTASALUNOSAS.docx	06/07/2023 10:31:10	LUANNA COSTA RANGEL DA SILVA MOREIRA	Aceito
Outros	TERMOEPERGUNTASCHEFENORMATIZACAO EPRESIDENTECONSELHO.docx	06/07/2023 10:31:02	LUANNA COSTA RANGEL DA SILVA MOREIRA	Aceito
Outros	DISSERTACAOIRENEVERSAOBANCA.docx	06/07/2023 10:30:53	LUANNA COSTA RANGEL DA SILVA MOREIRA	Aceito
Outros	TERMOANUENCIADAESCOLA.docx	06/07/2023 10:30:29	LUANNA COSTA RANGEL DA SILVA MOREIRA	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2082039.pdf	04/07/2023 10:54:46		Aceito



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 6.166.625

Outros	Informe dependencia.png	04/07/2023 10:53:07	IRENE AUXILIADORA ALVAREZ GIMENES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	15/03/2023 19:14:53	IRENE AUXILIADORA ALVAREZ GIMENES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDOALUNOS.docx	03/02/2023 18:17:06	IRENE AUXILIADORA ALVAREZ GIMENES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOIRENE.docx	03/02/2023 18:14:35	IRENE AUXILIADORA ALVAREZ GIMENES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 06 de Julho de 2023

Assinado por:
Fernando César de Carvalho Moraes
(Coordenador(a))